

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

LYSIA RACHEL MOREIRA BASÍLIO RODRIGUES
Orientador: Antonio Roazzi
Co-orientador: Alexsandro Nascimento

**A dialética de transformação do Self e do Autoconceito:
dimensões auto-refletidas no cárcere feminino**

**Recife
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

LYSIA RACHEL MOREIRA BASÍLIO RODRIGUES

**A dialética de transformação do Self e do Autoconceito:
dimensões auto-refletidas no cárcere feminino**

Recife

2013

LYSIA RACHEL MOREIRA BASÍLIO RODRIGUES

**A dialética de transformação do Self e do Autoconceito:
dimensões auto-refletidas no cárcere feminino**

Tese apresentada à Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da Universidade
Federal de Pernambuco para obtenção do
título de Doutora em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva
Orientador: Antonio Roazzi, Ph.D.
Co-orientador: Alexsandro Nascimento, Ph.D.

Recife
2013

R696d Rodrigues, Lysia Rachel Moreira Basílio.
A dialética de transformação do self e do autoconceito: dimensões auto-refletidas no cárcere feminino / Lysia Rachel Moreira Basílio Rodrigues. – Recife: O autor, 2013.
203 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi.
Coorientador: Alexsandro Nascimento.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Self - Dimensões. 3. Dialética. 4. Conceitos. 5. Prisões – Mulheres. I. Roazzi, Antonio. (Orientador). II. Nascimento, Alexsandro. (Coorientador). III; Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2013-24)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Lysia Rachel Moreira Basílio Rodrigues

"A Dialética de Transformação do *Self* e do Autoconceito: dimensões autorefletidas no cárcere feminino"

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 27 de fevereiro de 2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Roazzi
Instituição: UFPE

Assinatura:

Profa. Dra. Suely de Melo Santana
Instituição: UNICAP

Assinatura:

Profa. Dra. Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima
Instituição: UFPE

Assinatura:

Profa. Dra. Sandra Patrícia Ataíde Ferreira
Instituição: UFPE

Assinatura:

Prof. Dr. Bruno Campello de Souza
Instituição: UFPE

Assinatura:

AGRADECIMENTOS

A **Alexandre Braga e família**, por terem plantado e regado a semente do desejo de uma carreira acadêmica, por todo apoio e amizade inestimáveis,

A **todas as mulheres encarceradas**, que em contexto de sofrimento consentiram em participar do estudo e ensinar-nos um pouco mais sobre as transformações do autoconceito. Com todo meu respeito,

Dedico!

Aos meus pais, **Arleth e Carlos**, por terem lutado muito para oportunizar o ambiente saudável e de estudo em que vivi minha infância e juventude, constituindo um dos importantes fatores para que hoje eu participe deste estudo como pesquisadora, não como entrevistada. Agradeço o incentivo e fé durante os longos anos de trabalho acadêmico;

Ao meu companheiro **Cícero**, pela paciência ilimitada, pela parceria nos objetivos traçados, e por ser, durante os últimos dez anos, meu amparo e conforto emocionais. Sou feliz por ser amada e compartilhar minha vida, em cada detalhe, com você, meu amor!

Ao Prof. **Antonio Roazzi**, Ph. D., pela acolhida “de portas abertas” em seu grupo de pesquisa e por sua reconhecida generosidade no apoio às necessidades de todos os alunos da pós graduação em Psicologia Cognitiva, que vivenciei de perto na realização deste. Sou muito grata por sua disponibilidade e genialidade no desenvolvimento da pesquisa;

Ao Prof. **Alexsandro Nascimento**, Ph. D., por co-orientar brilhantemente todas as etapas da pesquisa, por sua generosidade em partilhar seu vasto conhecimento teórico conosco, inclusive durante as disciplinas. Seu olhar atento enriqueceu e ampliou as minhas possibilidades como pesquisadora;

Ao Cel. **Romero Ribeiro**, Secretário Executivo de Ressocialização, por gentilmente permitir e se interessar pela realização do estudo, e aos Agentes de Segurança Penitenciária **Leonardo Lira e Charisma Tomé**, pelo apoio imprescindível e generoso;

À funcionária **Vera Lúcia**, pela delicadeza e carinho durante estes anos, especialmente nos momentos de desespero. Seu apoio foi muito importante para mim, Verinha;

A **Arturo Escobar**, pela amizade verdadeira, expressa no incentivo, no compartilhar, e na colaboração ativa, fundamentais para a realização deste trabalho. Sou grata a você, **Renata Nóbrega e Juliana Ferreira**, pela amizade que se desdobra além da pós e me fortalece, e pelo carinho e orações em momentos difíceis vivenciados;

Aos meus grandes amigos especiais, **Stela Sales e Rosinha Acioli**, serei eternamente grata por todo apoio e consideração que transformaram profundamente a minha vida.

Aos parentes, especialmente **Graça, Lana, Dalva, Vera, Taciana Basílio** e tios do coração, **Janete Walfrido e Jório Barbosa**, pela torcida, respeito às ausências e reconhecimento deste árduo trabalho. E aos amigos **Cacá Pazos, Isabela Cruz, Flávia Sá e Patrícia Moraes**, pelo apoio que me mantém firme nas dificuldades.

À minha santa madrinha **Amparo**, pelo importante apoio espiritual e amor em profusão que me auxiliam no caminho, e à querida **Cecilinha**, por todo carinho e orações, desde sempre;

A **CAPES e CNPq**, pela concessão de bolsas parciais durante os anos de realização do doutorado, que viabilizaram este trabalho.

Sou especialmente grata!

***A gente tem um determinado sentimento,
assim... de tranca...
tudo pra gente se torna trancado***

Reeducanda C. S. M.

RESUMO

BASÍLIO, L. R. M. (2013). **A dialética de transformação do Self e do Autoconceito: dimensões auto-refletidas no cárcere feminino**. 203f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

O presente trabalho elege o evento encarceramento, ou privação de liberdade em decorrência de envolvimento em ato delituoso, como fator possivelmente desencadeador de transformações no autoconceito. Estas transformações, que no presente estudo foram abordadas no universo feminino, podem elucidar aspectos da conceituação, dinâmica do autoconceito e da permeabilidade deste a fatores do meio externo aos quais o sujeito está constantemente se defrontando durante a vida (Kinch, 1963; L'Écuyer, 1978, 1985a; Demo, 1992). O autoconceito é composto por múltiplas dimensões do Self que estão organizadas hierarquicamente, possuem uma mobilidade, em termos de posição mais ou menos central em diferentes momentos da vida, e funcionam como esquemas da cognição (L'Écuyer, 1978). É ainda um produto estrutural complexo da atividade reflexiva, permeável a mudanças promovidas por novas situações, transições e papéis sociais, ou seja, o autoconceito é, concomitantemente, estável e dinâmico (Demo, 1992). Para investigação das transformações e estrutura no autoconceito das mulheres encarceradas, cinco mulheres participaram, na etapa qualitativa do estudo, de entrevistas semi-estruturadas com base nas dimensões integradas do Self propostas por L'Écuyer (1978), e cento e cinquenta mulheres, na etapa quantitativa, responderam em escala likert de 5 pontos a um questionário, contendo o Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (Giavoni; Tamayo, 2005), a Escala de Clareza do Autoconceito (Campbell *et al*, 1996, versão em português Nascimento, 2008), a Escala de Autoconsciência Situacional (Nascimento, 2008) e a Escala Crime Emoções (Canter; Ioannou, 2004). Na etapa qualitativa realizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 1977; Moraes, 1999) das entrevistas, e na quantitativa, as estatísticas descritivas dos testes, análises de Componentes Principais (CP) e de consistência interna (*Alfa de Cronbach*), índice *Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)*, *Teste de Esfericidade de Bartlett*, critérios da *Raiz Latente* (Autovalores) e do *Gráfico de Declive* (o Teste *Scree*) e rotação ortogonal de tipo varimax, além de Regressão Múltipla, Correlações *r* de *Pearson* e Correlações de *Spearman*. Em síntese, os achados demonstraram uma organização dinâmica e multi-dimensional do autoconceito das mulheres, onde são encontradas categorias diversas do Self. Os dados demonstram a interveniência das variáveis Idade, Tempo e Quantidade de Prisões, Escolaridade e Pais Presos na estruturação do Autoconceito de Gênero, Clareza do Autoconceito, Autoconsciência Situacional e Emoções do Crime na vivência do encarceramento. O impacto da idade e tempo de prisão em aspectos especialmente auto-reflexivos da consciência apontam o caráter relativamente maleável do autoconceito na idade adulta, simultâneo à sua madura estruturação nesta etapa da vida.

Palavras-chave: Self; Autoconceito; Transformação; Cárcere; Feminino.

ABSTRACT

BASÍLIO, L. R. M. (2013) **The Self and Self-concept's dialectic transformation: Self- reflected dimensions in the female prison.** 203f. Thesis (Doctoral) – Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

This study elects the event imprisonment or deprivation of liberty as a result of involvement in a criminal act, as a factor potentially triggering transformations in the self-concept. These transformations, which in this study were addressed in the feminine universe, can elucidate aspects of the conceptualization, dynamics of self-concept and its permeability of the external environmental factors to which the subject is constantly faced throughout life (Kinch, 1963; L'Écuyer, 1978, 1985a; Demo, 1992). The selfconcept is composed of self's multiple dimensions that are hierarchically organized, have a mobility in terms of position more or less central in different moments of life, and function as cognitive schemas (L'Écuyer, 1978). It's still a complex structural product of reflective activity, and permeable to changes promoted by new situations, transitions and social roles, so, the selfconcept is, at the same time, stable and dynamic (Demo, 1992). To investigate the transformations and structure of imprisoned women's self-concepts, five women participated in the qualitative phase of the study, of semi-structured interviews based on the Self integrated dimensions proposed by L'Écuyer (1978) and one hundred and fifty women, in quantitative phase, responded on a 5-point Likert scale to a questionnaire containing the Feminine Gender Schemas of Self-concept Inventory (Giavoni; Tamayo, 2005), Clarity of Self-Concept Scale (Campbell *et al*, 1996, in Portuguese, Nascimento, 2008), the Situational Self-awareness Scale (Nascimento, 2008), and the Crime Emotions Scale (Canter; Ioannou, 2004). In the qualitative phase, was conducted content analysis (Bardin 1977; Moraes 1999) of the interviews, and, in the quantitative, descriptive statistics of the tests: Principal Component analysis (CP) and internal consistency (Cronbach's alpha), index Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), Bartlett's Test of Sphericity, Latent Root criterion (Eigenvalues) and Slope Chart (Scree Test) and varimax orthogonal rotation, besides Multiple Regression Correlation and r Pearson and Spearman correlations. In summary, our findings demonstrate a dynamic and multi-dimensional organization of women's self-concept, where can be found several categories of Self. Data show the intervening of variables Age, Time and Quantity of Prisons, Education and Parents Arrested in structuring the Self-Concept of Gender, the Self-concept Clarity, Situational Self-Awareness and Crime Emotions in the experience of incarceration. The impact of age and prison time on aspects especially self-reflective of the consciousness, indicate the relatively malleability of self-concept in adulthood, simultaneous to its mature structure at this stage of life.

Keywords: Self, Self-Concept; Transformation; Prison; Female.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Contexto Investigativo.....	53
Figura 2. Modelo Integrado de L'Écuyer.....	106
Figura 3. Frequências das Categorias de Análise de Conteúdo.....	132
Figura 4. Distribuição dos Valores da Escala de Autoconsciência Situacional.....	137
Figura 5. Distribuição dos Valores da Escala Crime Emoções.....	141
Figura 6. Análise da Estrutura de Similaridade da Escala Crime Emoções.....	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Codificação utilizada na Análise de Conteúdo.....	113
Tabela 2. Valores do IFEGA.....	133
Tabela 3. Análise Fatorial da Escala de Clareza do Autoconceito.....	135
Tabela 4. Análise Fatorial da Escala de Autoconsciência Situacional.....	138
Tabela 5. Análise Fatorial da Escala Crime Emoções.....	142
Tabela 6: Correlações de Spearman das Variáveis Independentes e Fatores.....	145
Tabela 7. Regressão Múltipla entre Variáveis Dependentes e Independentes.....	146
Tabela 8. Correlações Pearson entre Variáveis Dependentes e Independentes....	148

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Questionário.....	178
Anexo 2. Entrevista semi-estruturada com mulheres no cárcere.....	184

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
LISTA DE FIGURAS.....	09
LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE ANEXOS.....	11
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – Contexto investigativo: o feminino, violência, criminalidade e cárcere.....	22
1.1 – O feminino em uma perspectiva desenvolvimentista.....	23
1.2 – Atos violentos no comportamento humano.....	27
1.3 – Estudos sobre Criminalidade e Cárcere Femininos.....	31
1.3.1 – Panorama do tráfico de drogas e prisão entre as mulheres.....	31
1.3.2 – Encarceramento e circuito da violência e exclusão social.....	40
1.3.3 – O cárcere feminino no Brasil.....	46
CAPÍTULO 2 – Desenvolvimento do Self e do Autoconceito.....	55
2.1 – Perspectivas para compreensão do Self.....	56
2.1.1 – As bases para a compreensão do Self em James.....	56
2.1.2 – Desenvolvimento do Self nas interações sociais em Cooley e Mead.....	62
2.1.3 – Self e desenvolvimento cognitivo em Meissner, Morin e Paivio.....	67
2.2 – Autoconceito e possibilidades de compreensão.....	76
2.2.1 – Definições do Autoconceito.....	76
2.2.2 – Interações sociais e desenvolvimento do Autoconceito.....	81
2.2.3 – Desenvolvimento da Identidade e Autoconceito.....	87
2.2.4 – Autoconceito, suas múltiplas dimensões e maleabilidade durante a vida...90	
CAPÍTULO 3 – Método.....	103
3.1 – Participantes.....	104
3.2 – Procedimentos.....	105
3.3 – Instrumentos.....	109
3.4 – Análise dos Dados.....	111
3.4.1 – Análise qualitativa.....	111
3.4.2 – Análise quantitativa.....	115
CAPÍTULO 4 – Resultados.....	118
4.1 – Resultados da Análise Qualitativa.....	119

4.1.1 – Frequências das Categorias de Análise de Conteúdo.....	130
4.2 – Resultados da Análise Quantitativa.....	133
4.2.1 – Análises de Confiança e Análises Fatoriais.....	133
4.2.2 – Correlações de Pearson e Spearman e Análise de Regressão Linear Múltipla.....	144
 DISCUSSÃO.....	150
 CONCLUSÕES.....	162
 REFERÊNCIAS.....	165

Introdução

Historicamente, a psicologia cognitiva tem se debruçado prioritariamente sobre questões referentes aos mecanismos de funcionamento e processos mentais, especialmente os denominados processos psicológicos superiores, tipicamente humanos. Neste intuito, adquiriu a propriedade de uma variabilidade de escolas teóricas e estudos empíricos que se ocupam tanto de questões mais abrangentes, como fatores do desenvolvimento humano e funcionamento complexo do cérebro, quanto de questões mais específicas, como a atividade da memória, da atenção, percepção, inteligência, e o papel da aprendizagem, processamento de informações, motivação e emoção etc. Nesta seara, atualmente figura como um ponto relativamente pacífico, a coexistência e mútua determinação dos fatores internos, ou do organismo, e fatores externos, ou da cultura e sociedade. Contudo, aparentemente, no âmbito da pesquisa empírica, tem sido deixada de lado a tentativa de compreensão da natureza deste mutualismo.

Possivelmente, esta constitui uma das razões envolvidas na escassez de estudos, em psicologia cognitiva, que tratem de fenômenos sócio-comportamentais, como a violência, a marginalização, o abuso de drogas, o desemprego, o encarceramento e até mesmo o desenvolvimento de gênero. São temas abordados nos campos da psicologia social e da cognição social, que especificamente enfocam questões importantes sobre as interações entre pessoas e grupos e suas consequências (como a possibilidade de estigmatização ou solidariedade em diferentes situações sociais), o papel da teoria da mente no desenvolvimento do Self e na organização de informações na produção de respostas automáticas, avaliações e decisões frente às demandas do meio externo. Enfatizam, ainda, o imperativo da preservação da integridade do Self influenciando as ações do sujeito, em variados

níveis de consciência. Entretanto, remanesce a abertura do campo da psicologia cognitiva (em relação a seus processos) para a investigação daqueles fenômenos sócio-comportamentais atuais, de onde parte o interesse de pesquisa em pauta, que elege, diante das especificidades do Brasil, o expressivo aumento do envolvimento das mulheres em crimes, e consequente encarceramento destas, como contexto investigativo.

Considera-se o evento encarceramento, ou privação de liberdade em decorrência de cumprimento de pena após envolvimento em ato delituoso, como fator possivelmente desencadeador de transformações no autoconceito. Embora se atente para a impossibilidade de capturar as prováveis mudanças ocorridas no autoconceito de pessoas que já foram presas, compreende-se que o acesso às manifestações do autoconceito presentes em autorelatos no cárcere feminino, constituem dados ilustrativos da própria dinâmica do autoconceito, podendo-se, a partir destes dados, inferir a sua permeabilidade a fatores do meio externo aos quais o sujeito está constantemente se defrontando durante toda a vida.

O autoconceito, de acordo com a principal perspectiva aqui adotada, é composto por múltiplas dimensões do Self que estão organizadas hierarquicamente, possuem uma mobilidade em termos de posição mais ou menos central em diferentes momentos da vida, e funcionam como esquemas da cognição. Dentre uma multiplicidade de funções importantes dos esquemas do autoconceito para o Self, destaca-se a característica de ser um filtro perceptivo da realidade, incluindo-se nesta atividade a percepção de si próprio e percepção das pessoas com as quais se convive em diferentes situações sociais (L'Écuyer, 1978, 1985a). O autoconceito também é considerado produto estrutural complexo da atividade reflexiva, sendo este produto permeável a mudanças, visto que durante a vida o indivíduo se depara

com novas situações, transições e papéis sociais, ou seja, é ao mesmo tempo estável e dinâmico (Demo, 1992). Este autor considera uma modificação favorável das autoavaliações com o passar dos anos, tendo estas uma base móvel, de onde emergem flutuações situacionais (Demo, 1985; Savin-Williams & Demo, 1983) e a estabilidade ambiental como fundamental para a estabilidade do autoconceito.

A hipótese a ser examinada no presente trabalho é apontada a partir de uma controvérsia existente no campo de estudo do autoconceito a respeito da natureza e dos limites de sua transformação durante o desenvolvimento do indivíduo. Demo (1992) realiza interessantes observações a respeito desta controvérsia e sugere possibilidades de investigação que enriqueceriam este debate.

Este autor enfatiza que, tradicionalmente, e em sua grande maioria, os estudos do autoconceito partem da sua definição como **elementos estruturais** do Self, que são relativamente estáveis e característicos de um indivíduo. Estes estudos investigam as dimensões estruturais do autoconceito, em detrimento dos seus aspectos temporais, sendo esta a razão do pouco conhecimento acerca dos condicionantes sociais que podem estar implicados na mudança e estabilidade do autoconceito, assim como suas qualidades dinâmicas, mutáveis e emergentes. Os estudos do autoconceito como estrutura (Cheek & Hogan, 1983; Epstein, 1980; Greenwald & Pratkanis, 1984; Kihlstrom & Cantor, 1984; Markus, 1983; McGuire & McGuire, 1981; Rosenberg, 1979; Wylie, 1979) o definem como tendo organização multifacetada, como configuração das características da personalidade (relativamente estáveis e generalizáveis de uma situação para outra), e o abordam enquanto estrutura cognitiva e conjunto de esquemas acerca do Self. Aqui, este Self é considerado objeto do autoconceito, mantendo-se estável e fixo em determinado ponto da vida do indivíduo.

Do outro lado da controvérsia, **perspectivas processuais** do autoconceito, bem mais escassas, postulam a existência de mudanças e flutuações situacionais individuais nas atitudes em relação ao Self. Algumas perspectivas distinguem a “imagem do Self” (momentânea) da “concepção do Self” (relativamente permanente) (Turner, 1968), considerando a imagem do Self como cópia ativa da identidade, sujeita a constante mudança, revisão, edição e atualização em função das variadas situações vivenciadas pelos indivíduos (Burke, 1980). Outras perspectivas consideram a existência de uma faceta ativa do autoconceito (definido como universo de autoconcepções relativamente estáveis, centrais), que seria um subproduto temporário, composto por autoconcepções relevantes durante uma dada situação (Markus *et al*, 1986). Consideram também um autoconceito momentâneo, continuamente ativo, que modifica o arranjo de autoconhecimento acessível (Markus & Wurf, 1987). Por fim, perspectivas neste mesmo grupo postulam a existência de uma base móvel, flutuante, durante curtos períodos de tempo, do autoconceito (a despeito de sua estrutura básica central se manter estável durante longos períodos). Ao estudar os sentimentos do Self em adolescentes em diferentes situações naturalistas (casa, escola, etc) por uma semana, Savin-Williams & Demo (1983), por exemplo, demonstraram a existência de maior instabilidade que estabilidade destes sentimentos neste grupo.

De acordo com Demo (1992), limitações metodológicas possivelmente desenharam este panorama da hegemonia da evidência empírica da estabilidade do autoconceito, visto que grande parte das investigações se limitaram a um dos elementos deste, a autoestima, entre adolescentes, na sala de aula ou situações experimentais. Muitas vezes, as escolhas metodológicas teriam limitado as fontes de variação do autoconceito, o que levaria os pesquisadores a superestimarem sua

estabilidade. **Este autor aponta o desafio da integração, no estudo do autoconceito, da compreensão da sua constituição, ao mesmo tempo, estável e mutável (estrutura e processo) através das variáveis situacionais. O autoconceito é apontado como paradoxalmente estável por longos períodos, mas suscetível a mudanças, podendo incorporar novos elementos, se rearranjar, se ajustar e se estabilizar novamente. Entretanto, existe pouco conhecimento sobre as qualidades emergentes, dinâmicas e mutáveis dos elementos do Self que estruturam o autoconceito.** Com este intuito, é apontada a necessidade de realização de investigações em contextos mais diversificados da vida social (família, por exemplo) e de estudos qualitativos que permitam autodescrições mais livres do Self (McGuire & McGuire, 1986) e entrevistas em profundidade, como dados complementares aos estudos quantitativos já conhecidos.

Possivelmente devido à hegemonia das perspectivas estruturais do autoconceito, apenas uma atenção indireta enfoca o autoconceito em etapas mais maduras do ciclo da vida, por exemplo, meia idade e velhice (etapas onde o autoconceito já estaria cristalizado), e ignoram as implicações das mudanças da vida para mudanças no autoconceito. Entretanto, a transição para a idade adulta coincide com a emergência do raciocínio dialético, melhor resolução de problemas, aumento das habilidades intelectuais e memória. Estas habilidades permitiriam uma definição do Self mais ampla e complexa, assim como o fortalecimento dos sentimentos de valor do Self (Demo, 1992), mas os estudos realizados na idade adulta abordam os níveis de autoconceito, e não seu processo de desenvolvimento. Embora Demo (1992) aponte que a realização de trajetórias sociais desejáveis, na vida adulta, podem influenciar um autoconceito estável, considera que eventos indesejáveis e estigmatizados (divórcio ou perda de emprego, por exemplo), durante a vida,

poderiam desestabilizá-lo (Baltes *et al*, 1980), devastar a confiança, romper os relacionamentos sociais e rotinas e apresentar o desafio de ajustes futuros.

A hipótese, assim, assinala que o encarceramento, como evento de vida indesejável e estigmatizado, provavelmente produz transformações nos elementos dinâmicos, maleáveis, do autoconceito. Objetiva-se capturar estas transformações, inicialmente, a partir do tempo de prisão de mulheres encarceradas. Tal possibilidade, se confirmada, reforçará a constituição estável e permeável, estrutural e processual, do autoconceito, em contraposição à perspectiva estritamente estrutural do mesmo, que defende sua estabilidade na idade adulta.

Não foram encontrados na literatura estudos que investiguem os elementos constitutivos do autoconceito em sujeitos que vivenciam esta situação encarceramento. O presente estudo parte da premissa da constituição ao mesmo tempo estável e maleável do autoconceito, para a alocação do encarceramento num lugar de evento de vida potencialmente promovedor de transformações nos esquemas cognitivos, podendo impactar sobremaneira o sistema Self e as dimensões do autoconceito daquelas que vivenciam a situação de privação da liberdade.

Supõe-se que as transformações no autoconceito das mulheres ocorrem, especialmente, em relação à centralidade conferida a algumas dimensões do Self, e este movimento pode apontar especificidades do autoconceito da mulher encarcerada. Possivelmente, as dimensões do Self que são mobilizadas, e se tornam mais centrais, na vivência do encarceramento feminino, são o Self Pessoal, especialmente por tratar-se de mulheres, cuja entrada no mundo do crime, em nossa cultura, significa um rompimento com o espaço privado que ainda é conferido para esta mulher em nossa sociedade, e o Self Adaptativo, pela vida no cárcere assumir

configurações muito distintas da vida em sociedade, demandando uma gama de estratégias cognitivas de adaptação.

É esperado, ainda, que o tempo de encarceramento e a história de vida e no mundo do crime das mulheres, interfiram em aspectos psicológicos, como os fatores do autoconceito de gênero, na clareza do autoconceito, na autoconsciência, e no relato nas emoções vivenciadas no crime. Enseja-se elucidar elementos de cunho cognitivo-psicológico que possam contribuir para o debate dos elementos envolvidos no desenvolvimento do autoconceito, assim como as peculiaridades encontradas no encarceramento enquanto mecanismo punitivo, possivelmente abordando ainda suas consequências para os sistemas psicológicos do indivíduo, o que reverbera em considerações psicológicas sobre elementos da ressocialização. Debruçar-se sobre contextos investigativos não habituais na tentativa de compreensão de suas implicações no funcionamento pleno da cognição tem sido uma decisão metodológica frutífera em termos dos resultados produzidos. Considera-se que estes achados darão base para compreensão não só das **peculiaridades** encontradas em contextos discrepantes da vida social comum (como a vida no encarceramento), mas também, e sobretudo, dos **mecanismos de funcionamento da cognição** como um todo. A principal contribuição esperada para o presente estudo refere-se ao levantamento de elementos para compreensão do funcionamento do autoconceito e dos fatores intervenientes no seu desenvolvimento e mudança ao longo de toda a vida.

No capítulo 1 delinea-se o contexto investigativo do estudo, trazendo discussões sobre o desenvolvimento de gênero (Bem, 1975, 1981; Broderick & Blewitt, 2006), sobre comportamento violento humano (Chauí, 1980; Bourdieu, 1989; Zaluar, 1994a) e sobre o panorama da criminalidade e cárcere femininos (Jacinto *et*

al, 2010; Frinhani, 2004), especialmente no Brasil. Espera-se desvelar um universo escassamente abordado como interesse de pesquisa em psicologia.

No capítulo 2 são realizadas considerações teóricas acerca dos elementos psicológico-cognitivos de interesse na realização do estudo: desenvolvimento do Self (James, 1952; Cooley, 1970; Mead, 1962; Meissner, 2008; Morin, 2005; Paivio, 2007) e do Autoconceito (Epstein, 1973; Kinch, 1963; L'Écuyer, 1978) em diferentes perspectivas.

No capítulo 3 desenham-se as escolhas metodológicas do estudo, em relação às participantes, procedimentos e instrumentos utilizados: entrevista semi-estruturada Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (Giavoni & Tamayo, 2005); e Escalas de Clareza do Autoconceito (Campbell *et al*, 1996, versão em português Nascimento, 2008), de Autoconsciência Situacional (Nascimento, 2008) e Crime Emoções (Canter & Ioannou, 2004). Ainda neste capítulo são elucidados os métodos de análise qualitativos e quantitativos utilizados no estudo.

No capítulo 4 são apresentados os resultados que puderam ser obtidos a partir dos dados gerados no estudo, tanto na parte qualitativa, quanto na parte quantitativa. Este capítulo é seguido pela discussão acerca destes mesmos resultados, com caráter mais interpretativo dos dados em suas relações com o aparato teórico que estrutura as bases da pesquisa.

CAPÍTULO 1

**Contexto investigativo: o feminino, violência, criminalidade
e cárcere**

1.1. O feminino em uma perspectiva desenvolvimentista

Os estudos em psicologia cognitiva têm se debruçado na tentativa de compreensão do desenvolvimento humano a partir da abordagem dos principais processos envolvidos, como atenção, percepção, memória e aprendizagem, através do funcionamento de estruturas de base como o cérebro, o organismo e genética do comportamento e também das inter-relações organismo e linguagem, motivação, emoção, desenvolvimento do Self, da personalidade e social. Alguns teóricos desenvolveram sua agenda de pesquisa explorando temas psicológicos ao captar as transformações que ocorrem durante o desenvolvimento, como a investigação da inteligência em Jean Piaget, e investigação da cultura e relações sociais em Vygotsky. A abordagem cognitiva do **desenvolvimento de gênero** afigura-se apenas como um subitem em alguns destes interesses de pesquisa: desenvolvimento social, moral e da identidade, o que indica a sua vasta potencialidade enquanto campo fecundo para explorações das especificidades do desenvolvimento humano, ainda desconhecidas no campo da cognição.

O termo gênero tem sido utilizado como um marcador da diferenciação, promovida nas relações sociais, entre feminino e masculino. Não trata, desta forma, de diferenças em termos biológicos. Correntes evolutivas referem que esta diferenciação ocorreria, em parte, como resultado das diferentes experiências adaptativas a que foram expostos o homem e a mulher primitivos, também consideram que os diferentes papéis de gênero são apreendidos sob influência das regras culturais impostas, também pela mídia (Gazzaniga; Heatherton, 2005). Os dois trabalhos descritos a seguir são eleitos como ilustrativos para entendimento de como ocorreria esta diferenciação.

Partindo-se da compreensão do desenvolvimento do autoconceito de gênero e da identidade de gênero como produtos do desenvolvimento cognitivo mais geral, e particularmente do desenvolvimento do raciocínio lógico e da aquisição de um raciocínio de conservação, Broderick e Blewitt (2006), por exemplo, refletem acerca dos elementos sociais que influenciam neste complexo processo. Defendem que a partir das interações sociais, o processo de categorização de gênero é determinado por variadas oportunidades de aprendizagem das propriedades inerentes a cada uma das duas possibilidades, propriedades estas que são muito mais amplas do que a mera aprendizagem de um rótulo linguístico distintivo. Nas interações diárias, por exemplo, as crianças aprendem que, além das diferenças demonstradas nos órgãos genitais, as rotulações do seu próprio gênero e das pessoas a sua volta são relacionadas aos atributos físicos (altura, formato do corpo) e atributos da aparência (modo de vestir, estilo do cabelo). Estes atributos vão sendo mesclados às informações acuradas das rotulações de gênero.

Desta maneira, gradativamente as crianças perceberiam a estabilidade e constância em pertencerem a uma dada categoria de gênero, e que mesmo que os atributos mais superficiais, como a aparência, se modifiquem, a filiação a uma dada categoria não mudará. As autoras realizam um paralelo entre o momento do desenvolvimento da conservação de quantidades nas crianças, em torno dos cinco a sete anos, e o desenvolvimento do que chamam de **conservação de gênero**, ambos subordinados ao desenvolvimento do raciocínio lógico.

Outras abordagens propõem o desenvolvimento de esquemas de gênero enquanto **estruturas cognitivas** que permitem e delimitam esta diferenciação, sendo responsáveis pela tipificação sexual (Bem, 1975, 1981). Esta autora propõe a investigação das categorias de tipificação sexual utilizando um questionário de sua

autoria, o Inventário Bem de Papéis Sexuais (Bem Sex Role Inventory, Bem, 1974), que apresenta 60 atributos de gênero (sendo 20 culturalmente definidores de masculinidade, 20 de feminilidade e 20 neutros), dentre os quais homens e mulheres poderiam escolher aqueles que melhor os descreveriam. A partir das respostas, as pessoas que apresentam maior correspondência entre seu sexo e atributos estereotipados são definidos como tipificados sexualmente, os que apresentam um padrão inverso nas respostas são definidos como tipificados cross-sexualmente, os que pontuam nos atributos masculinos e femininos, são rotulados como andróginos e as pessoas que obtêm escores abaixo da média em ambos os atributos, são denominadas indiferenciados.

Na sua Teoria do Esquema de Gênero, Bem (1981) defende uma prontidão do organismo em processar as informações do meio a partir de associações advindas do seu esquema de gênero estruturado e assinala, inclusive, uma correlação entre o esquema de gênero e o autoconceito, razão pela qual seu trabalho adquire importante lugar no presente estudo. A autora lança luz sobre os elementos que estariam envolvidos na gênese da diferenciação de gênero, que seria gestada na insistência da sociedade em dicotomizar os polos feminino e masculino. Neste sentido, a cultura funcionaria como um elemento chave para a compreensão do desenvolvimento dos papéis de gênero, que são apresentados pelos adultos às crianças durante sua socialização. Ainda nos primeiros anos de vida, a criança aprenderia os comportamentos e atributos esperados para o gênero feminino e masculino, dos mais explícitos àqueles mais subtendidos. A autora defende que a criança, a partir desta aprendizagem, passaria a compreender o mundo a partir deste esquema baseado no gênero, que responde por uma prontidão e seletividade

na assimilação de informações, e que é constantemente reforçado pelos adultos que convivem com a criança, com base nos estereótipos sociais de gênero.

No que tange diretamente ao nosso interesse de pesquisa, que evoca também o tema do desenvolvimento da feminilidade, enquanto um dos vários elementos constitutivos do autoconceito, a Teoria do Esquema de Gênero contribui, outrossim, com a consideração da **percepção** enquanto processo construtivo que funcionaria na interconexão entre este esquema e estímulo apresentado, ou seja, ocorreria uma disponibilidade cognitiva do esquema em processar informações relevantes do meio. Assim, o sujeito tipificado sexualmente passaria a codificar informações consistentes com o esquema mais rapidamente, organizá-las em categorias relevantes, realizar julgamentos e discriminar o que seria mais importante para si. Em outras palavras, esquema de gênero também seria responsável pelas ações do sujeito no mundo, até porque estaria relacionado ao desenvolvimento do Self, que de acordo com Bem (1981), ocorre a partir da seleção e eleição de elementos condizentes com seu próprio sexo, e vão organizando as dimensões do autoconceito, que será definido em capítulo subsequente. As definições culturais de aspectos desejáveis da masculinidade e da feminilidade, desta maneira, forneceria os parâmetros para auto-regulação e auto-avaliação do comportamento em termos de adequação e de fortalecimento do autoconceito, com implicações para a autoestima. Torna-se, assim, imprescindível a consideração do processo de diferenciação de gênero como elemento básico e constitutivo da dinâmica do autoconceito em mulheres em situação de encarceramento.

1.2 – Atos violentos no comportamento humano

A violência é um fenômeno complexo, multifacetário e resultante de múltiplas determinações. A variada possibilidade de definições do termo violência assinala a abrangência dos fatores envolvidos em seu funcionamento e em sua ocorrência em sociedades mais remotas e atuais, em que a violência toma vulto e configura-se como fenômeno histórico-cultural crescente em amplitude e formas de manifestação. Autores como Tavares dos Santos (1995) examinam a violência como sinônimo de **abuso de poder**, que seria legitimado através das normas sociais e se manifestaria num nível Estatal e entre (ou intra) grupos sociais. Neste sentido, para que se pratique o abuso do poder ou violência, os indivíduos nestes grupos necessitariam da **corroboração de seus pares** (Arendt, 1985). Esta autora exemplifica seu entendimento com os casos clássicos de barbárie presentes nas formas totalitárias de dominação, como o abuso de poder da Inquisição, dos conflitos religiosos, do fascismo, do estalinismo, do militarismo dos países subdesenvolvidos e do controle exercido por países desenvolvidos de primeiro mundo.

Zaluar (1994a) elenca uma série de acepções possíveis da violência, que se assemelhariam na característica comum de **negação da possibilidade da fala do outro**, impossibilitando, assim, o diálogo: violência como desconhecimento, anulação ou cisão do outro, como negação da dignidade, como ausência de compaixão e, mais uma vez, como abuso de poder. Chauí (1980) define a violência como um processo de **coisificação do sujeito**, que deixaria de ser indivíduo e passaria a ser propriedade do violentador. Bourdieu (1989) acrescenta à conceituação da violência a sua possibilidade **simbólica**, que operaria num nível mais abstrato que a destruição física, por ser violência psicológica, concretizada no

uso de palavras que negam, oprimem ou destroem a vítima, pressupondo uma conformação desta. Franco (1993) parece sintetizar estas contribuições ao considerar a violência como **intencionalidade** de um ato realizado individual ou coletivamente, que teria como consequências possíveis a morte ou agravos físicos, psicológicos e/ou sociais. Michaud (1989) também engloba **variados aspectos** na sua conceituação da violência, que ocorreria:

“quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais” (p. 11).

Numa perspectiva que poderia ser considerada como enfoque mais ligado a **fatores sociais**, autores como Minayo e Souza (1993), por exemplo, destacaram e categorizaram formas de violência, como a violência estrutural, que seria aquela que se expressaria em decorrência das desigualdades sociais nas possibilidades de acesso ao mercado de trabalho e os bens de consumo essenciais. Outra categoria foi nomeada como violência cultural, ou aquela encontrada nas relações entre os pares, como nos casos de agressões entre cônjuges, e ainda propuseram a violência da delinquência, que seria a realizada por indivíduos ou grupos em ações criminosas contra cidadãos (pessoa física ou patrimônio), entre facções criminosas, ou dentro de corporações policiais.

O biólogo Laborit (1994) alega que o homem não evoluiu desde o período neolítico, a despeito das inúmeras tentativas de controle a partir das normas estabelecidas para convívio social, como os mitos, as religiões, a ética moral, as leis do Estado, etc. Desde o neolítico, as leis biológicas teriam o papel de regulação das atividades do sistema nervoso em situações sociais, de onde decorreria a realização

de ações favoráveis à manutenção do equilíbrio. A criminalidade, como antinomia, surgiu junto com noção de propriedade e consequente estabelecimento da **dominância entre povos**, há 6.000 anos a.C. O mesmo autor ainda refere que um status de poder era conferido aos caçadores, guerreiros, aristocracia, e à burguesia como detentora dos meios de produção e de troca (inicialmente) até sua forma atual como detentora do poder de compra. Apesar das modificações em razão das permutas no status de poder, a finalidade da dominância para obter algo gratificante continuaria imutável, razão da supracitada estagnação desde o neolítico. Desta dominância que produz um grupo humano desprezado pela sociedade e pela cultura, surgiria, para o mesmo autor, a violência interindividual vigente.

Interessante notar que Laborit (1994) confere à linguagem o papel da diminuição da agressividade ou dos atos violentos no comportamento humano. Entretanto, a linguagem tem se constituído enquanto álibi para práticas violentas, inclusive do Estado, exemplificadas na tortura, genocídio e guerras. A violência, desta forma, muitas vezes tem sido utilizada como o único meio para se atingir um fim aceitável, havendo quem defenda a correlação entre a sua ocorrência e a incivilidade ligada a juventude, como Debarbieux (1998), que localiza seus fundamentos na **falha da ordem, na introdução do caos e na perda de sentido**. Este autor ainda pontua o papel das instituições no provimento desta organização, como controle da violência, durante fases sensíveis do desenvolvimento humano, como a própria instituição família, a instituição escola e a instituição Estado.

Souza (2010) realizou uma pesquisa para investigar os processos psicológicos que estariam envolvidos no fenômeno da violência do homicídio, utilizando ferramentas variadas para analisar a probabilidade da interveniência de fatores como frustração socioeconômica, processos decisórios, apego, níveis de

testosterona, desenvolvimento moral, valores morais e cultura da honra nas ações violentas. Participou da pesquisa um grupo de cinquenta e sete homens que cumpriam pena pelo ato de homicídio em um presídio da grande Recife. Interessante observar que a autora faz um levantamento multidisciplinar das contribuições existentes para elucidação dos aspectos envolvidos no homicídio, que vão desde teorias de base sociológica (teoria da desorganização social, teoria da subcultura delinquente e teoria da anomia), teorias de base psicológica (modelos psicodinâmicos, psiquiátricos e psicológicos), teorias de base biológica (antropometria, antropologia, biotipologia, neurofisiologia, sistema nervoso autônomo, endocrinologia, sociobiologia, bioquímica e genética criminal), teorias do desenvolvimento moral (contribuições dos estágios no trabalho de Piaget e Kohlberg) e teorias dos processos cognitivos (desenvolvimento da cognição, tomada de decisão, afetividade, valores morais básicos). Tal variabilidade, por si, expressa a natureza complexa e multi-relacional do homicídio enquanto ato violento.

Embora a autora não tenha encontrado um perfil característico do grupo de homicidas no trabalho citado, mostrou-se característica a motivação para o homicídio relacionada à honra, que passou a ser considerada, na pesquisa, fator preditivo do ato homicida, ao menos no contexto do Nordeste Brasileiro. A autora ainda refere que este ato, nesta região, tem sido justificado e compreendido pela população, que muitas vezes aceita o homicídio como a única possibilidade da **reparação moral** do homem que se diz ofendido.

A despeito da sua conceituação, fato é que a violência vem se constituindo em tema frequente na sociedade brasileira. Tema que surge no âmbito da família, em rodas de amigos de qualquer faixa etária, e no trabalho. Tema que é constantemente abordado no meio científico, em diferentes especialidades, como

antropologia, biologia, serviço social e sociologia, entre outras. Aparece também em dados de pesquisas como os do Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil, do Sistema de Informações Sobre Mortalidade (SIM), da Fundação Nacional de Saúde, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. De acordo com estes dados, houve um crescimento, a partir dos anos 80, dos índices de violência no Brasil: violência expressa na quantidade de mortes ocorridas de forma agressiva, principalmente assassinato (Zaluar & Leal, 2001).

Não se pode desconhecer o esforço das organizações constituídas e da sociedade em geral na busca do controle da violência, a despeito do pequeno êxito de um consenso para medidas preventivas eficazes; fato que pode ser comprovado pelo aumento do índice de criminalidade apontado pelas estatísticas, e que pode ser percebido todos os dias na mídia e através de relatos cada vez mais frequente das pessoas próximas acerca da ocorrência de atos violentos, físicos, psicológicos e sexuais, também na intimidade da família.

1.3 – Estudos sobre Criminalidade e Cárcere Femininos

1.3.1 – Panorama do tráfico de drogas e prisão entre as mulheres

No cenário prisional brasileiro, em pesquisa recentemente realizada, Jacinto, Mangrich e Barbosa (2010) abordaram mulheres encarceradas em um presídio de Florianópolis, entre os anos de 2006 e 2008, para investigação da criminalização destas por tráfico de drogas. Entrevistaram, utilizando questionário com perguntas abertas e fechadas, e informações extraídas dos cadastros penais, sessenta e seis mulheres condenadas por tráfico de drogas (contingente que na época significava 71% das mulheres já condenadas), com idades entre dezoito e sessenta anos. Os

autores apontaram a abrangência dos discursos destas mulheres, que expressaram sentimentos referentes a situações de dentro e de fora do presídio: elementos da **desigualdade social, dificuldades vivenciadas no âmbito jurídico e expressões de sentimentos como amor, ódio, sofrimento e desejos**. Também ressaltaram, no trabalho, o **desconhecimento e a exclusão social** do universo do cárcere feminino, inclusive como objeto de pesquisa, no Brasil (Brasil, 2008; Fioravanti, 2008; Frinhani, 2004; Souza, 2006). Apontaram, ainda, a existência, em nossa sociedade, da ideologia da punição eficaz como necessidade de isolamento e esquecimento do transgressor, especialmente no caso das mulheres (Guedes, 2006).

Neste sentido, a população carcerária convive o tempo todo com as inadequações das questões formais da execução penal, de onde derivam os relatos desesperados das mulheres encarceradas por viverem num sistema prisional negligenciado, sendo a ressocialização, ainda, uma meta de impossível alcance. Jacinto, Mangrich e Barbosa (2010) estimam que tal fato pode estar também relacionado aos valores morais e sociais associados à domesticação da mulher. Logo, ao serem encarceradas, as mulheres são acusadas duplamente, do crime cometido e, também, da falha nos papéis socialmente estabelecidos para a mulher – cuidado da casa e dos filhos – e consequente invasão da esfera pública por esta mulher, esfera que é ainda posse do masculino. Destacam que esta divisão de papéis, referente ao locus de ocupação na sociedade, designou por um tempo aqueles crimes que seriam específicos da esfera feminina, e aqueles da esfera masculina. Relembrem ainda, a respeito do tráfico de drogas, que sua criminalização é recente no Brasil, assim como a intensificação da repressão a este, apresentando os dois marcos legislativos neste sentido. O primeiro, em 1976, como a

criminalização do usuário de drogas e do traficante, e o segundo, em 2006, como o agravamento da cultura punitiva para o tráfico, com o surgimento de tratamentos legais diferentes para o usuário e o traficante. A novidade foi a impossibilidade de liberdade provisória para o traficante, além de aumento na pena a ser cumprida, o que contribuiu para a demonização do tráfico de drogas, pela sociedade considerá-lo corruptor das famílias brasileiras.

Os resultados da pesquisa demonstraram que as mulheres que traficam são, na maioria das vezes, pertencentes a uma população de **baixa renda, baixa escolaridade** (Brasil, 2008; Carvalho *et al*, 2006; Fioravanti, 2008; Guedes, 2006; Pereira, 2009; Soares & Ilgenfritz, 2002), realizam **ocupações do lar, são domésticas e vendedoras**, não participantes do mercado formal de trabalho (Fioravanti, 2008; Pereira, 2009). São ainda, mulheres **moradoras de comunidades marginalizadas** (Fioravanti, 2008; Pereira, 2009), **excluídas da sociedade** de maneira geral, **vivendo em contexto de vulnerabilidades**, e os autores encaram estes elementos como propiciadores da seleção “natural” do sistema penal, já que esta também **captura mais pessoas nestas áreas vulneráveis** (Pereira, 2009; Souza, 2006; Zaluar, 2000). Sendo assim, a população carcerária passa a ser apenas um prolongamento da favela. Esta mulher, usualmente, se envolve com o tráfico de maneira indireta, coordenada com outra pessoa, **não ocupando uma posição central no crime**, mas subordinada aos traficantes (Pereira, 2009; Souza, 2006). As prisões costumam ocorrer no domicílio em que residem ou em áreas circunvizinhas, e as motivações para o crime giram em torno das relações de afeto com seus companheiros ou parentes (Guedes, 2006; Pereira, 2009; Pimentel, 2008; Souza, 2006) e da escassez de recursos financeiros (Pereira, 2009; Soares & Ilgenfritz, 2002; Souza, 2006).

Um ponto importante a se ressaltar nestes achados é o comentário de Jacinto, Mangrich e Barbosa (2010), acerca das prováveis influências da convivência carcerária no **compartilhar discursivo** das mulheres (Frinhani, 2004). Também é relevante o comentário de que, algumas das vezes, estas mulheres passaram a **ocupar a posição do companheiro**, ou parente, no crime, após sua morte ou encarceramento, tanto por questões de poder, quanto por questões financeiras, como para manutenção do padrão de vida da família, anteriormente oferecido por aquele homem. Há também a possibilidade de formação de quadrilha na família, o que faz com que sejam encarceradas, às vezes na mesma cela, mãe e filha, por exemplo.

Os autores ainda elencam as punições a que são submetidas as mulheres ao serem encarceradas, que vão além da privação da liberdade. Referem-se à perda de direitos durante o cumprimento da pena sofrida, como a privação de qualquer convívio social no início do período em que vão morar na penitenciária (passam de quatro a dez dias no isolamento), à perda dos objetos pessoais, à perda da expressão de opiniões, de escolhas, de vontades, ao desamparo dos filhos que ficaram na rua, ao estigma e preconceito na sua volta para casa, à falta de emprego neste regresso, à não profissionalização, à sensação de tempo perdido, e à possibilidade de envolvimento e aprendizagem de novos atos infracionais dentro da prisão. Estas mulheres têm ainda que lidar com as dificuldades em conseguir a liberdade, mesmo após terem cumprido suas penas, por falta de advogado para dar andamento ao processo, sendo relatadas as dificuldades encontradas em relação à assistência jurídica (Frinhani, 2004; Guedes, 2006). Os autores, então, consideram que, de certa forma, a mulher está, sutilmente, sendo empurrada para o mundo subterrâneo do sistema punitivo brasileiro, e que a forma que o tratamento penal é

dispensado a elas tem suas peculiaridades e precisa ser reconsiderada, mesmo que isto ainda esteja muito longe de acontecer.

Neste sentido, de diferenciações concernentes ao gênero, Carvalho *et. al.* (2006) analisaram, numa amostra de dois mil e trinta e nove presos e presas no Estado do Rio de Janeiro, o perfil sociodemográfico e o histórico penal, do uso de drogas e de doenças sexualmente transmissíveis, com o objetivo de investigar se existiriam **diferenças quanto a estes elementos da exclusão social**. Seus achados, em relação à população feminina, descrevem uma mulher com baixa escolaridade, média de idade de trinta e um anos, com mais da metade destas respondendo pelo crime de tráfico de drogas. No que diz respeito às mulheres em comparação com os homens encarcerados, encontraram um número cinco vezes maior de estrangeiras, todas condenadas por tráfico de drogas; um número duas vezes menor de mulheres com relacionamentos estáveis (muitas vezes por terem sido abandonadas após a prisão); e um número três vezes menor de visitas íntimas. Apontam o dado interessante de que a maioria destas mulheres havia feito alguma visita, antes de ter sido presa, a outrem na prisão, o que os autores interpretam como uma expressão do papel de cuidadora conferido a esta mulher. Em relação ao uso de drogas, tanto os homens quanto as mulheres, em sua grande maioria, relataram o uso, anterior à prisão, principalmente de álcool. Depois da prisão, dentre as mulheres predomina o uso de tranquilizantes (que relatam utilizar para lidarem com a dor da solidão), e dentre os homens, de maconha e a combinação desta com outras substâncias. As drogas injetáveis eram mais consumidas pelas mulheres antes da prisão, e entre elas também foi relatado um número maior de compartilhamento de seringas, apesar destas mulheres não terem relatado a continuação do uso destas drogas após a prisão.

Os autores ainda mencionam que, a partir do relato das mulheres, observa-se uma incidência duas vezes maior de doenças sexualmente transmissíveis na prisão, mas inferem que este número pode ser expressão da recorrência maior destas ao diagnóstico e tratamento ginecológico. Consideram que estes elementos, juntamente com a baixa escolaridade, eventos de violência sofridos (especialmente entre as mulheres, vítimas de pessoas com as quais mantêm relação de intimidade) e realizados antes da prisão, abuso e tráfico de drogas, abandono, falta de estrutura familiar e envolvimento com homens no tráfico, traçam um panorama da exclusão social das mulheres (Guedes, 2006; Pereira, 2009; Soares & Ilgenfritz, 2002; Souza, 2006; Tinoco, 2002) fora e dentro dos muros do presídio.

Bastos (1997) realiza uma **discriminação entre enfoques**, ao considerar que as concepções acerca do mundo do crime podem derivar de **abordagens sociológicas**, quando procuram compreender a rede de elementos sociais que contribuiu para a ação criminosa, ou de **abordagens biopsicológicas**. Nesta última vertente, o crime é analisado na perspectiva daquele que o cometeu, sua individualidade e seu comportamento delinquente, muitas vezes encontrando nas análises elementos psicopatológicos em ação. Desta forma, indivíduos que apresentassem um comportamento padrão costumavam ficar de fora deste tipo de análise, sendo esta uma das razões das dificuldades da sociedade de lidar com os temas da criminalidade, encarceramento e ressocialização.

A autora correlaciona o aumento da criminalidade feminina com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, e credita a escassez de estudos que abordem esta problemática ao preconceito à potencialidade das mulheres para cometer infrações. Em contrapartida, autores como Lemgruber (1999) afirmam que, apesar do expressivo aumento nos índices de envolvimento das mulheres no crime,

não há como sustentar uma correlação direta entre o equacionamento socioeconômico das mulheres com os homens e a entrada da mulher no mundo do crime, observando que esta inserção na criminalidade segue em ritmo consideravelmente mais lento do que a participação da mulher na vida pública. Em outras palavras, as estatísticas têm demonstrado um aumento muito expressivo da entrada da mulher no mundo do trabalho, e tal mudança não tem sido acompanhada, nos números, pela entrada da mulher no mundo do crime.

Pensando sobre estas especificidades, e suas relações com o público e o privado, Bastos (1997) ainda aponta, na vivência feminina do cárcere, o sofrimento derivado das **perdas nas relações afetivas**, com família, filhos e companheiro, que se manteriam durante o período de reclusão, precipitando quadros clínicos de somatização. A autora considera que esta família cumpriria o papel de ligação da mulher encarcerada com a vida fora da cadeia, mas que se torna também uma fonte de preocupação pela não participação nos seus problemas e pela suposição dos julgamentos que esta família poderá estar fazendo acerca desta mulher. Vale salientar que o receio do abandono configura-se em possibilidade pautada no real, já que muitas vezes este ocorre. Oliveira (2002) também considera serem específicos do encarceramento das mulheres, além da vivência do grande sofrimento da perda da liberdade, os sentimentos derivados deste doloroso **afastamento do âmbito privado**, que constitui um agravante considerável à sua pena.

Alargando a compreensão deste panorama da exclusão social e sofrimento dentro dos muros do presídio, Guedes (2006) utiliza um contexto não usual de investigação, os atendimentos realizados no plantão psicológico, para realizar a **análise temática dos discursos** produzidos por sessenta e sete mulheres encarceradas. Os principais temas encontrados foram: **cotidiano prisional**,

maternidade/relações familiares, vivências amorosas internas/externas e relações de gênero. No pequeno universo investigado, a autora também encontrou uma maioria de mulheres com baixo nível de escolaridade, relações entre o tráfico de drogas e envolvimento afetivo, alegação da maternidade (especificamente sustento dos filhos) como justificativa para envolvimento no crime, muita preocupação, de todos os tipos, e sentimentos de medo e culpa, em relação aos filhos que ficaram sob os cuidados de outrem.

Em relação ao tema **cotidiano prisional**, a autora observou um compartilhamento do sentimento de descaso em relação ao poder judiciário, visto que as mulheres relatam uma desorientação em relação à atuação do defensor público, e impossibilidade financeira em contratar advogados particulares, que provavelmente fariam com que os processos se encaminhassem mais rapidamente. As mulheres também compartilham um conhecimento inicial limitado em relação ao encarceramento (oriundo de vivências de parentes ou conhecidos), um discurso acerca de episódios de violência física e verbal sofridos no cárcere, dificuldade de convivência com outras detentas, formação de grupos (de mulheres violentas, bagunceiras, desleais, falsas, etc.), assim como vínculos de solidariedade no próprio grupo do qual fazem parte. Relatam ainda muito sofrimento em decorrência da quantidade de horas ociosas na cadeia, e em decorrência da impossibilidade de algum momento solitário, por causa da convivência grupal carcerária (forçada). Deste quadro, derivam, de acordo com a autora, variadas estratégias individuais e coletivas para lidar com o sofrimento: trabalhar, muitas vezes para diminuição da pena; realizar trabalhos manuais; investir nos cuidados pessoais e do espaço que ocupam na cela; relembrar familiares; estudar e participar de grupos religiosos. As mulheres compartilham, ainda, expectativas em relação ao futuro, como

conhecimento acerca dos obstáculos que enfrentarão na vida futura de ex-detentas e vontade de recomeçar a vida, de cuidar dos filhos, de retomar os estudos, e de trabalhar.

Em relação à **maternidade e relações familiares**, as mulheres referem-se às preocupações em relação aos filhos que ficaram, em relação à possibilidade de entrada ou retorno de parentes ao mundo do crime e ao abandono dos parentes e amigos. Os discursos apontaram para a valorização da família após o encarceramento, assim como sentimentos de saudade, e preocupações em relação à recepção dos familiares nas visitas e em relação à possibilidade de não comparecimento eventual dos mesmos (que muitas vezes o justificam em decorrência das dificuldades financeiras, do constrangimento nas revistas e da vergonha). No tema **vivências amorosas e relações de gênero** foi encontrado o relato da ausência masculina, tanto por abandono, após a prisão (Brasil, 2008), quanto pela dificuldade de terem direito a visitas íntimas. Também como estratégia de enfrentamento, muitas relatam que esta situação as levou a experienciarem, pela primeira vez, relacionamentos homoafetivos, que apresentam, no cárcere, a característica de proteção e cuidados mútuos.

As conclusões de Guedes (2006) giram em torno da constatação de que os dados, que foram gerados pelas mulheres encarceradas, são resultados das **tentativas de sobrevivência em situação de exclusão**, tanto dentro quanto fora da cadeia (aqui, através da ação criminosa). Analisa que o cárcere reproduz as situações de exclusão e violência vivenciadas anteriormente na sociedade (Almeida, 2006), perpetuando o encadeamento de fatores como violência, crime e exclusão social, sendo este último fator, inclusive, um desejo da sociedade, baseado num imaginário da punição ideal, que vai, infelizmente, na contramão da reeducação.

Baratta (1993) considera também estes efeitos de **reprodução da exclusão**, e os desvios, no imaginário social, do que se considera como uma correta punição: o autor do ato criminoso sofrer no cárcere o que a vítima sofreu, apontando a ineficiência deste tipo de raciocínio para a possibilidade de ressocialização. Também aponta os efeitos contrários deste tipo de reprimenda, como a perpetuação do indivíduo preso no mundo da criminalidade.

1.3.2 – Encarceramento e circuito da violência e exclusão social

Dado este panorama geral enunciado, torna-se evidente a relevância da realização de estudos sobre a criminalidade, especialmente feminina, uma vez que estes são ainda escassos e relativamente limitados em sua potencialidade de explicação deste fenômeno recente. Souza (2006) atribui este fato à inexpressividade da participação das mulheres no crime, se comparada à atuação masculina, especialmente se for considerada a população carcerária mundial. Embora a participação feminina no crime siga um ritmo crescente, comparativamente, ainda pode ser considerada uma participação diminuta. A pesquisadora apontou, por exemplo, que no Brasil, o percentual de mulheres encarceradas, em comparação com todos os presos neste país, correspondia, na época da realização do seu estudo, a 4,8%. Tal dado, de acordo com a autora, talvez seja responsável pelo desinteresse, em termos de pesquisa, pela criminalidade feminina, mas mascaram as modificações significativas ocorridas em seu perfil. Seu estudo enfocou elementos encontrados em presídio de mulheres já condenadas, no Rio de Janeiro, para exemplificar as mudanças ocorridas nas últimas décadas, a partir de uma série de comparações entre dados do envolvimento das mulheres em crimes. Os achados permitem afirmar: o aumento expressivo do

envolvimento no tráfico de drogas, sendo este, atualmente, o crime pelo qual elas mais respondem; o crescimento do envolvimento em crimes de sequestro; o decréscimo expressivo do envolvimento em crimes contra o patrimônio, como furto e roubo e por fim, embora a maioria das mulheres encarceradas ainda sejam mulheres jovens, aponta a redistribuição da faixa etária entre as presas, com a ocorrência de maior número de prisões de mulheres na faixa etária dos quarenta anos.

Foi também encontrada uma predominância, no caso de tráfico de drogas, da ocupação destas mulheres de posições subordinadas aos homens, como o transporte e vigilância dos postos de droga. Por outro lado, aponta uma mudança importante no fato de, algumas delas, principalmente as de nível socioeconômico médio, terem passado a participar mais como mentoras das ações do tráfico. Tal mudança é apontada como um sinal de que as motivações atuantes neste tipo de crime são também da ordem da ambição e do poder (Pereira, 2009), embora ainda apareçam, majoritariamente, nas falas das mulheres investigadas, motivações ligadas a fatores financeiros e à manutenção de relacionamentos afetivos e da drogadição.

Souza (2006) também aponta o fator relevante da maior vigilância policial ocorrer nos espaços ocupados por camadas não privilegiadas da nossa sociedade, em decorrência do preconceito. Tal ação dirigida é entendida como um mecanismo que protege operações e criminosos poderosos no Brasil, que descreve como um ciclo vicioso da corrupção. Este mesmo ciclo seria alimentado abundantemente pelos lucros da indústria bélica, de segurança privada, de segurança pública e dos interesses políticos. Refere que aparelhos de controle e repressão optam por vigiar e punir pessoas pobres, predizendo os delinquentes nas favelas e periferias das

idades, de onde saem e passam a superlotar as prisões no país, que reporta como ineficientes no objetivo da ressocialização. Zaluar (2000) corrobora com esta ideia, referindo-se à ação mais incisiva da polícia em comunidades mais pobres, fato que de acordo com a autora, gera uma população carcerária que não pode ser considerada como realmente representativa de um total de indivíduos que cometem crimes em uma dada sociedade.

A autora trata, ainda, de um fator que denomina **“circuito perverso da exclusão social”** (Souza, 2006), assinalando a existência, na amostra da população carcerária investigada, de um compartilhamento de histórias de vida familiares conturbadas, conflituosas, com episódios de violência, abuso de álcool e outras drogas e passando ainda por muitas dificuldades financeiras, abandono escolar e gravidez na adolescência. Predominam, nestas histórias, a ocupação na execução de trabalhos manuais, principalmente como empregadas domésticas, ou vivência de desemprego. Depois de presas, a normatização vivenciada por estas mulheres, de acordo com a autora, tem apenas substituído as particularidades na subjetividade das encarceradas (marcada pela violência e exclusão) por parâmetros adquiridos na cultura do cárcere (também produzidos pela violência e exclusão), que incluem novas aprendizagens sobre a prática dos crimes. Assim, gera-se um mecanismo reprodutor da exclusão antes vivenciada, agora institucionalmente, através das variadas perdas decorrentes de seu encarceramento, que promovem um agravamento do quadro de miséria e exclusão social que pode ter sido iniciado antes da sua entrada para a vida do crime. Ao voltar para as ruas, na medida em que este quadro de miséria e exclusão persiste, as práticas criminosas tendem a persistir, até porque estas mulheres serão mais vigiadas pela polícia e serão alvo de

novas investidas do mundo do crime, no meio em que vivem, para voltarem a cometer delitos.

A visualização deste circuito da violência tem sido demonstrada em diferentes trabalhos. Almeida (2006), por exemplo, considera que em alguns casos a **violência é um fenômeno recorrente e constitutivo da subjetivação e da identidade das mulheres**. Observou, em seu estudo de caso com uma mulher encarcerada (com vinte e um anos de idade, cumprindo pena em regime semiaberto), um histórico de violência permanente. Nos relatos da entrevistada, a autora pôde encontrar uma história de vida permeada por dificuldades financeiras e situação de desemprego de longa duração, um panorama de drogadição e envolvimento com práticas criminosas, vivência de violência doméstica, e gravidez no início da juventude, todos estes elementos contribuindo para a construção de uma autoimagem pessimista. Também constatou a reprodução dos padrões violentos, vivenciados durante a vida, também dentro do cárcere, assim como sentimentos de angústia em relação ao futuro e à perspectiva de desemprego.

A autora parte do pressuposto de que o desenvolvimento da identidade pode ser marcado por estes ciclos de violência a que estão submetidos alguns sujeitos em nossa sociedade e de que estes ciclos poderiam influenciar (retroalimentando) o envolvimento na prática do crime. Os resultados do trabalho apontam para a confirmação de repercussões da violência não só no desenvolvimento da identidade, mas na transformação do autoconceito destas mulheres.

Soares e Ilgenfritz (2002) também apontam a reprodução da violência da vida social dentro da prisão, de onde deriva a impossibilidade desta instituição em combater a criminalidade e a própria violência, perpetuando a história de exclusão da grande maioria das mulheres que ali se encontram. As autoras traçam um

resumo do percurso que também denominam **ciclo de violência** na vida destas mulheres: nos primeiros anos, a violência estaria presente na convivência familiar ou nos abrigos em que viveram, permaneceria na convivência marital e comunitária (esta prioritariamente controlada pela segurança pública), de onde decorreria sua prisão, onde mais uma vez vivenciaria a violência, a partir de então perpetuada no ciclo descrito. O perfil das mulheres encarceradas, encontrado também neste estudo, dá conta de uma mulher com poucos anos de escolaridade, com dificuldades sociais e financeiras e com alto grau de ansiedade e medo em relação ao futuro.

No que se refere à compreensão dos **elementos motivacionais** presentes no envolvimento das mulheres no crime, autores como Pereira (2009), assinalam que, em relação ao tráfico de drogas, um crime que considera multidimensional, ainda estão muito presentes fatores como: envolvimento afetivo com homem traficante, necessidades financeiras, tentativa de visibilidade social e poder, e problemas na socialização. Considera que para compreensão mais abrangente das motivações para o crime, é importante trazer para reflexão elementos que estavam presentes nas vidas das mulheres antes da vivência do cárcere, no local em que viviam, na história familiar e no possível envolvimento anterior com o mundo do crime, reforçando assim, a consideração do circuito de violência como um eixo central na compreensão da criminalidade. A autora realizou um estudo acerca das estatísticas socioeconômicas de mulheres encarceradas em decorrência do tráfico de drogas em presídio de Belo Horizonte, atentando especificamente para a interação entre crime e gênero. Neste intuito, trata de apontar que ocorreu, a partir do século XX, um movimento mais autônomo das mulheres em relação ao domínio masculino na sociedade, como a entrada destas no mercado de trabalho, e nos meios públicos, de

maneira geral, o que pode explicar em parte o aumento da criminalidade feminina. Por outro lado, as estatísticas demonstram que se mantêm a tendência das mulheres ocuparem cargos subordinados aos homens no tráfico de drogas, numa hierarquia de papéis dentro deste tipo de crime, onde as mulheres ocupam principalmente cargos de vendas, transporte e armazenamento da droga. No mercado de trabalho ainda se observa, de certa maneira, marcas desta subordinação.

O perfil das mulheres entrevistadas no presídio se expressou como mulher jovem, iniciada no tráfico ainda adolescente, com história de gravidez precoce, cor parda ou negra, com nível escolar baixo, sem estrutura familiar, moradora de comunidades carentes, com histórico de violência doméstica e de ocupações laborais precárias. Apesar de considerar relevantes estes elementos das trajetórias de vida das mulheres para compreensão da criminalidade, a autora ressalta um aspecto importante e adicional aos estudos já citados, que corrobora com estes resultados: o papel da racionalidade da mulher quando “escolhe” envolver-se no crime, embora acrescente que esta “escolha” também é baseada em sua história de vida, ou seja, é mais uma vez diretamente ligada ao meio social no qual esta mulher viveu. Permanece, desta forma, o desafio de compreender de maneira mais abrangente a prática do tráfico de drogas entre mulheres de classe social média e alta, que não contariam nas estatísticas do encarceramento de mulheres por seu ato criminoso ocorrer longe dos locais preferenciais de fiscalização da segurança pública, as favelas e periferias das grandes cidades. De maneira geral, os estudos apontam que a motivação em ação nestes casos é muito mais da ordem do **exercício do poder**.

Voltando às classes sociais desfavorecidas, que foram entrevistadas, na pesquisa, dentro do presídio, a autora também aponta a existência de um sentimento de deslumbre nas mulheres envolvidas afetivamente com o traficante, que é provocado pelo exercício de poder deste, frente a diferentes grupos sociais e em relação à obtenção de bens de consumo; este fator possivelmente explica o fato deste homem, muitas vezes, ter relações simultâneas com várias mulheres. São apontadas as possibilidades de consequências negativas ao desenvolvimento social sadio das crianças originadas destas relações. Pimentel (2008) corrobora esta ideia, buscando entender o papel deste tipo de **motivação para o crime**, a partir da grande **influência dos ideais do amor romântico** no universo feminino. A autora entende que os mesmos ideais que subordinam as mulheres aos homens nos relacionamentos afetivos, intervêm na entrada da mulher para o mundo do tráfico do qual já participa o companheiro. Voltando ao estudo de Pereira (2009), ainda são referenciadas as impossibilidades da ressocialização das mulheres encarceradas para um convívio social saudável, dado que, após o encarceramento, elas voltam a conviver na mesma comunidade, expostas àquelas mesmas vivências de violência e criminalidade.

1.3.3 – O cárcere feminino no Brasil

Enfatizando, mais especificamente, a perspectiva das presas sobre as prisões, a **teoria das representações sociais** foi utilizada no trabalho de Frinhani (2004), como método para abordagem dos seguintes eixos de investigação: dados sócio-demográficos, tipo de crime, penalidade, vivências familiares e modo de vida (antes e depois do encarceramento) e projeção para futuro. A autora procurou identificar as representações sociais sobre o cárcere, os modos de enfrentamento

deste e as características de gênero presentes. Também sinalizou a escassez dos estudos que abordam esta população no Brasil, ou que apresentam este problema, fato que atribui às pré-concepções a respeito da entrada da mulher na vida social pública; aos preconceitos existentes em relação às ações transgressivas das mulheres e ao valor da mulher em nossa sociedade; ao fator de coparticipação das mulheres no mundo do crime e à tendência à vitimização da mulher, quando esta é a única autora do crime, isso tudo em consequência dos estereótipos de gênero. Perucci (1983) levanta a hipótese de que é gerado um desinteresse de pesquisa por esta ser uma população minoritária, dentro e fora da cadeia (aqui num sentido abrangente, simbólico), onde ainda sofre variados tipos e níveis de discriminação.

No seu estudo das representações sociais, Frinhani (2004) encontrou elementos como a **violação dos direitos humanos** no cárcere, por diversas instâncias do poder judiciário e do sistema prisional (embora refira que, em comparação com os homens, as mulheres encarceradas têm maior acesso a atividades laborais, a recursos materiais, e mais respeito por parte dos funcionários). Encontrou também a **limitação do lazer e das visitas íntimas**, a **apatia** das mulheres em relação a possíveis **abusos sexuais** dentro do cárcere, e a existência de **comportamentos de risco** em relação a infecções sexualmente transmissíveis. Também são apontadas correlações entre **posições hierárquicas** (e suas dinâmicas) no cárcere, e a **resistência** ao sofrimento no encarceramento, e os favores como moeda de troca (facilitações para acesso ao trabalho, por exemplo). O quadro encontrado demonstrou a influência da **vivência compartilhada do encarceramento** (eventos, afetos, negação do sofrimento, resignação, pressão psicológica dos agentes penitenciários, solidão e desamparo) na **modificação das representações sociais** sobre o cárcere. Inicialmente estas representações se

apoiariam em fontes de informação da mídia e vivências do encarceramento de parentes e amigos. No momento em que esta mulher é presa, entra em contato com novas fontes de informação, principalmente através da descrição amedrontadora da vida no cárcere por parte dos agentes penitenciários, e com o passar do seu tempo de convivência carcerária, estas representações são continuamente retransformadas, sob influência das práticas cotidianas sociais, num processo contínuo.

No mesmo trabalho, foi descrita uma **tendência à aceitação** do encarceramento, assim como o surgimento de uma **perspectiva de futuro recomeço** das mulheres, longe da criminalidade, diferentemente dos estudos que apontam a tendência à desesperança da mulher encarcerada em relação ao futuro. São demonstradas, também, **estratégias de minimização do sofrimento** no cárcere, como as tentativas de aproximar o espaço prisional do espaço doméstico, quando as mulheres tentam ornamentar as celas à semelhança das suas residências, e quando enfatizam a importância da organização da cela para o recebimento de visitas. Na fala das mulheres encarceradas, também foram apontadas variadas **ambiguidades**, como o relato de que estão aprendendo muito a serem pessoas melhores com a experiência do encarceramento, embora aprendam muito acerca de atos infracionais. Outra ambiguidade é o relato do surgimento de amizades muito íntimas e verdadeiras na prisão, embora denunciem que não podem confiar em ninguém ali, sendo preferível manterem-se isoladas dos diversos grupos.

No que tange às iniciativas do Estado, o Departamento Penitenciário Nacional também tem realizado esforços no sentido de compreender melhor as dinâmicas do encarceramento feminino. Em seu último **diagnóstico nacional das mulheres encarceradas** (Brasil, 2008), já estava assinalado o **crescimento dos números do**

encarceramento de mulheres, que ocorreu nos últimos nove anos, e considerada a existência de **especificidades de gênero** que podem explicar tal fenômeno, assim como auxiliar no desenho de estratégias preventivas da inserção da mulher no mundo do crime no formato de políticas públicas. Este diagnóstico também concorda com a insuficiência de estudos que abordem esta população, logo, para a necessária reflexão sobre o tema, e elabora seus resultados com base nos relatórios enviados pelos órgãos da administração penitenciária nos vinte e sete Estados Brasileiros. Seus principais números confirmam o expressivo aumento da população carcerária feminina, com o crescimento da taxa média anual de 11,19%, que é maior do que o crescimento da população carcerária masculina. No início de 2008, a população de mulheres encarceradas ultrapassava o número de vinte e sete mil, e apresentava o seguinte perfil: quase metade cumpria regime fechado de reclusão; suas idades estavam concentradas entre dezoito e quarenta e cinco anos, a maior parte destas encontrava-se na faixa-etária dos dezoito aos vinte e quatro anos; quase metade delas era parda e possuía grau de escolaridade no ensino fundamental incompleto.

As condições dos presídios, estruturais e organizacionais, também foram observadas em tal relatório, que concluiu que a realidade encontrada no sistema penitenciário ainda encontra-se longe das necessidades das mulheres, tomando por base o pressuposto de que “a Constituição Federal e a Lei de Execuções Penais insculpem direitos e garantias assecuratórias de respeito, de dignidade humana e de isonomia de tratamento às mulheres, pauta ideal norteadora dos Órgãos de Execução Penal” (Brasil, 2008, p. 07). Em relação à saúde, a estrutura médica diferenciada não é garantida na maioria dos Estados, com um quarto destes, apenas, tendo equipes do Plano Nacional de Saúde. A minoria tem médicos nas

unidades, embora todos os estados afirmem garantir o acompanhamento pré-natal das mulheres através do Sistema Único de Saúde e, a maioria, a realização regular de exames preventivos de câncer de mama e do colo do útero. A maioria ainda afirma a participação em campanhas de vacinação e, quase na totalidade dos casos, a presença de profissionais da assistência social.

Em relação à assistência jurídica, 64,71% dos estados afirmam que contam com este serviço, embora seja encontrado um grande número de queixas das mulheres encarceradas em relação à falta desta assistência. Todos os presídios possuem espaço para a realização de visitas dos representantes de diferentes religiões. A grande maioria das unidades também conta com salas de aula e bibliotecas, embora o engajamento em atividades educacionais ainda seja pequeno, pois apenas um quarto das mulheres estuda, cursando em sua maioria, o ensino fundamental. Foi informado também que quase metade das mulheres encarceradas realiza algum tipo de trabalho dentro do cárcere.

Os dados apresentados confirmam que, após o encarceramento, a maioria das mulheres é abandonada pelos companheiros e família, tanto que 62,06% das encarceradas não recebem visitas. 70,59% dos estados afirmam que suas Unidades Prisionais permitem a visita íntima, mas só 9,68% recebem esta visita. Em quase metade das Unidades, realiza-se alguma modalidade de prática esportiva, principalmente vôlei, e em 32,75% das unidades, as mulheres também realizam atividades de lazer diversas (danças, gincanas, musical, jogos, desfiles, festas, yoga, filmes e videokê), e mais da metade das Unidades afirma desenvolver atividades culturais (teatro, palestras, concursos literários, aulas de canto e oficinas de leitura).

No mesmo ano da apresentação deste relatório, Fioravante (2008) publicou o resultado de sua pesquisa, que utilizou fontes documentais de mulheres participantes de um programa de ressocialização de uma cidade do Estado do Paraná, para comparar o perfil socioespacial de mulheres que saíram do sistema penitenciário com mulheres que cumprem penas alternativas, entre os anos 2000 e 2007. Neste trabalho foi também ressaltado o aumento vertiginoso da criminalidade entre as mulheres, e o problema do ainda escasso interesse acadêmico em abordar a problemática feminina da inserção no mundo do crime, seja por constituir-se em fenômeno mais recente, seja por ainda existir preconceito gerado por estereótipos de gênero. A autora assume uma **abordagem que defende como diferente daquela que vitimiza a mulher**, buscando compreender elementos envolvidos na sua **ação como autora** de atos violentos. Suas conclusões apontam que a maioria das mulheres cometeu os delitos na própria comunidade e em parceria com homens, sendo mais frequente que as mulheres que passam pela prisão não tenham companheiros, tenham baixa escolaridade, baixa renda, e residam, na maior parte, na periferia da cidade.

Uma valiosa observação da autora diz respeito à **importância da inclusão da discussão de gênero** neste tipo de estudo, que de acordo com a mesma, ajudaria a compreender os meandros da criminalidade entre as mulheres. A posição adotada pela autora é a de que os papéis femininos da mulher doce, passiva e sensível, estabelecidos pela cultura, não são aceitáveis no ambiente do crime e não estariam presentes na situação de encarceramento. Esta posição não coincide necessariamente com a adotada no presente trabalho, visto que neste, os papéis femininos, expressos na investigação do autoconceito, por serem elementos constitutivos deste, não são passíveis de exclusão na vivência da criminalidade, e

exercem força para emergir também na situação do cárcere, embora possam sofrer transformações.

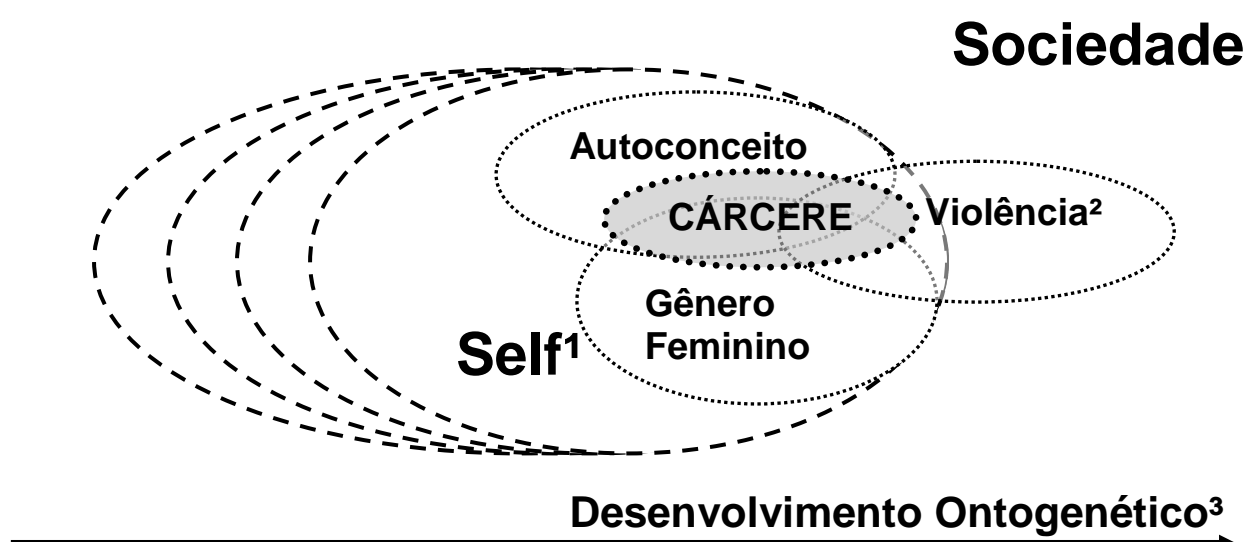
Aproximando-se um pouco mais de uma perspectiva psicológica cognitiva, Tinoco (2002) afirma que aborda a temática das atividades transgressivas em suas **dimensões sociais, espaciais e psicológicas**. Este autor assinala a possibilidade de surgimento de subculturas de grupos de pessoas que foram excluídos pela sociedade, onde existiria o sentimento de pertença ao grupo excluído e de legitimidade nas ações empreendidas (ou seja, compartilhamento de crenças que reforçaria o apoio mútuo na situação de exclusão), com este evento de exclusão tornando-se incorporado à identidade do sujeito. O sistema prisional brasileiro ainda funciona na lógica do apartamento dos infratores do restante da sociedade, gerando, possivelmente, uma das situações mais evidentes de exclusão social. De acordo com o autor, estes subgrupos teriam regras rígidas próprias, que devem ser respeitadas pelos participantes destes, sob ameaça da possibilidade de uma nova exclusão, possibilidade que ele designa como **fenômeno da dupla exclusão**. Interessante observar que, em decorrência desta possibilidade, o autor aponta o surgimento do importante papel da reputação pessoal nestes grupos, que designa como **adaptações cognitivas na extrema desvalorização social**. Esta manutenção da reputação, que se expressaria em termos dos discursos e comportamentos empreendidos pelos participantes da sub-cultura, auxiliariam o **fortalecimento do autoconceito e da autoestima**.

Possivelmente, variados exemplos destas adaptações cognitivas na extrema desvalorização social poderão ser observados na situação do cárcere de mulheres. Neste sentido, o mesmo autor refere-se a expressões típicas utilizadas pelas pessoas que participam destes grupos, ao valorizarem apenas um dos aspectos

envolvidos em sua vivência de exclusão: falar que trafica, mas não rouba, ou que trafica, mas não utiliza a droga, ou que trafica, mas sua droga é de qualidade, entre outras. Enfatiza ainda serem estas situações sempre paradoxais, mas que são compreensíveis e compartilhadas dentro do próprio grupo em questão.

A figura a seguir sintetiza as inter-relações presentes no contexto investigativo abordado no presente capítulo, o feminino, violência, criminalidade e cárcere:

Figura 01: Contexto Investigativo



1 – O **SELF** representado como elemento permeável enfatiza a possibilidade de sua transformação durante toda a vida, que se deve à influência de elementos do meio externo, ou experiências do meio (aqui representado de forma abrangente como **SOCIEDADE**), e dos seus mecanismos perceptuais internos, assim como de seus esquemas já adquiridos (também permeáveis), como os esquemas de **GÊNERO**, e elementos do **AUTOCONCEITO**.

2 – A **VIOLÊNCIA** representada na interface entre sociedade e Self, levaria ao evento **CÁRCERE**, neste estudo considerado evento potencialmente promotor de transformações no autoconceito, e por esta razão encontra-se na figura em intersecção com todos os elementos representados. Poder-se-ão levantar hipóteses acerca destas transformações, a partir das prováveis especificidades do autoconceito de mulheres encarceradas.

3 – A linha do **DESENVOLVIMENTO ONTOGENÉTICO** é representada para enfatizar as mudanças no Self e no Autoconceito ocorridas do nascimento à morte do indivíduo.

A tentativa de compreensão do universo do cárcere à luz dos elementos presentes no desenvolvimento do Self e do Autoconceito, abordados na seção seguinte, possivelmente apontarão aspectos esclarecedores deste contexto investigativo.

CAPÍTULO 2

Desenvolvimento do Self e do Autoconceito

2.1 – Perspectivas para compreensão do Self

O interesse de pesquisa aqui desvelado, que aponta para a tentativa de compreensão das dinâmicas do autoconceito de mulheres em situação de encarceramento, figura enquanto terreno fértil para exploração e tentativa de alargamento de pontos nodais do campo de estudo da psicologia cognitiva. Consoante a este intuito, no presente capítulo serão enfocados aspectos referentes à natureza e desenvolvimento do Self e do autoconceito. A tentativa de compreensão do Self é tema recorrente em diversas disciplinas, como filosofia e a sociologia, o que vem gerar uma rica gama de vieses de compreensão, sendo ainda mais controversas as tentativas de consenso acerca do momento de seu surgimento no desenvolvimento ontogenético.

2.1.1 – As bases para a compreensão do Self em James

James (1952) é referenciado como o teórico que oferece o ponto de partida para as reflexões psicológicas a respeito do Self. Refere-se ao “eu” como Self empírico, destacando ser este “eu” difícil de distinguir do “meu”, visto que nos relacionamos com aquilo que nos pertence como algo que nos identifica. Fala que, num sentido abrangente, poderíamos chamar de Self o somatório de tudo o que consideramos nosso, não só o nosso corpo ou nosso intelecto, mas nossas roupas, casa, cônjuge, filhos, amigos, família, reputação e trabalho. Partindo desta consideração mais ampla do Self, propõe uma separação deste em três elementos: constituintes, sentimentos e emoções e ações que ele incita (autobusca e autopreservação). Acredita ainda que o Self pode ser encontrado em tudo aquilo que pode desencadear uma corrente de excitação consciente. Esta consciência do

Self é descrita pelo autor como um fluxo de pensamentos, no qual estaria presente no sujeito a rememoração de quem ele foi anteriormente, dos elementos do mundo que ele já conhece, e uma ênfase especial do que ele já apreende como sendo seu “eu”. O núcleo deste eu seria a consciência corporal do aqui e agora, e juntos com esta consciência, residem os sentimentos do passado, lembrados e associados a outros elementos da experiência do eu. Este eu agregaria empiricamente as coisas objetivamente conhecidas (ação que denomina como pensamento apropriativo dos fatos experienciais) ao si mesmo, este constituído como uma entidade metafísica imutável e atemporal.

Realiza, então, uma subdivisão do Self em diferentes elementos, aos quais denomina constituintes do Self: o Self Material, o Self Social, o Self Espiritual e o Puro Ego. O primeiro destes, ou o Self Material, engloba o corpo humano em seus elementos externos, como a pele, e os órgãos internos que este possui. Também diz respeito às vestimentas, que escolhemos e com as quais nos apresentamos, de acentuada importância, e à família a qual pertencemos. O Self Material também engloba posses como a nossa casa, carro e outros bens adquiridos, através de um impulso instintivo, de acordo com o autor, e que vão sendo aperfeiçoadas no decorrer da vida. O mesmo impulso poderia levar, também, à possibilidade de acumulação de riquezas, através do trabalho, com o autor referindo que se considera fator de aniquilamento do homem a perda de bens construídos pelo trabalho de uma vida ou da atividade intelectual.

O Self Social, por sua vez, é descrito como o reconhecimento de que pertencemos aos demais seres humanos, que explicaria a necessidade humana inata de ser referenciado favoravelmente por outras pessoas. O contrário, exclusão do indivíduo pela sociedade, e sua permanência absolutamente obscura, como se

não existisse, constituiria uma severa punição. Podemos supor que o evento encarceramento representa esta possibilidade de maneira explícita. Importante apontar que o autor considera a existência de tantos Selves sociais quanto indivíduos que o reconhecem e carregam uma imagem deste Self em suas mentes, visto que diferentes pessoas e grupos terão diferentes opiniões acerca de uma mesma pessoa, e, por outro lado, esta pessoa demonstraria diferentes lados de si mesma para diferentes grupos, e em diferentes contextos. O autor relata que dentre estes Selves, o mais peculiar Self social que alguém poderia possuir estaria na mente da pessoa que está apaixonada por este, e sendo assim, estes Selves também estariam envolvidos nos sentidos de aceitação ou rejeição social. Implicariam ainda, na reputação, boa ou má, e na honra ou desonra do sujeito, baseadas nos requerimentos sociais, e que podem demandar diferentes posicionamentos em diferentes situações, como trabalho, vida familiar, convivência com amigos, etc.

O Self Espiritual seria um senso subjetivo e faculdades psíquicas do indivíduo, ou as partes mais resistentes e íntimas do Self. É descrito pelo autor como as habilidades em argumentar e discriminar, a sensibilidade moral e a consciência. Quando é modificado, diz-se que o sujeito está alienado de si mesmo. É um processo reflexivo, resultado do relativo abandono dos pontos de vista externos, das pessoas que convivem com o indivíduo, para que se possa ter os pontos de vista particulares. Este Self Espiritual também poderia ter suas partes separadas em diferentes faculdades, a partir do isolamento uma das outras, como uma maneira abstrata de lidar com a consciência. De uma maneira concreta, também seria possível subdividir o Self Espiritual nos diferentes segmentos ou seções dos fluxos da consciência em ação.

O puro Ego é considerado como a parte mais interna do Self, que seria mais vividamente sentida quando o pensamento é tomado como objeto de reflexão. Neste sentido, James (1952) também aborda os conflitos vivenciados pelas pessoas nas inúmeras tomadas de decisão necessárias para o fortalecimento de um Self verdadeiro, fortalecido e profundo. Trata da consideração da natureza excludente de grande parte das nossas possibilidades de escolha; refere, por exemplo, que dificilmente um sujeito poderia conciliar ser belo fisicamente, ser um atleta de ponta, ser milionário, e filantropo, visto que qualquer escolha suprime algumas outras possibilidades. O autor enfatiza, desta maneira, o papel do próprio Self na busca do seu desenvolvimento, devendo balancear o que encontra disponível em sua realidade, com a tentativa de alcance de suas aspirações, utilizando suas potencialidades. Tal desenvolvimento seria, neste modelo, impulsionado pelas vivências consecutivas de sucesso pessoal, que organizam variados Selves à disposição do sujeito. Cada um destes Selves poderá ser requerido em diferentes contextos, onde, numa escala hierárquica de adequação, o sujeito escolheria aquele que acredita que valeria a pena.

Assim, de acordo com as concepções do autor, em cada tipo de Self, material, social e espiritual, existiria uma distinção entre o imediato e o real, o remoto e o potencial, o estreito e o amplo, na dependência de um devir próximo. Exemplifica tal consideração com a possibilidade do sujeito abandonar um corpo atual desejado, pela sua saúde geral, abandonar dinheiro na mão, por milhões que virão depois, fazer inimizade com um interlocutor, para fazer amizade com um grupo mais valorizado, ou não valorizar aprendizagens, por investir na salvação da alma. Considera, destes mais amplos Selves potenciais, o Self Social potencial como o mais interessante, em decorrência dos seus paradoxos e da sua conexão com a

vida moral e religiosa. Estaríamos sempre tomando decisões a partir de um julgamento social melhor possível, ou Self ideal social. Acredita, contudo, que o Self poderá sofrer severas modificações em determinadas circunstâncias: Alterações da memória (perdas de memória, falsas recordações, alterações pós-traumas) e alterações nos Selves corporais e espirituais atuais (ilusões, distúrbios de personalidade, mediunidade).

Ainda no referido trabalho, e agora investigando as bases primitivas nas quais está apoiado o Self e seu desenvolvimento, são encontradas descrições dos sentimentos primários vivenciados pelo Self, que o autor rotula como autossatisfação (orgulho, autoconceituação, vaidade, autoestima, arrogância, vanglória) e autoinsatisfação (modéstia, humildade, confusão, vergonha), sendo estes sentimentos influenciados pelo sucesso ou fracasso, boa ou má posição social, entre outras vivências. Um bom exemplo fornecido pelo autor é o de um homem com um Ego largamente expandido por sua posição, saúde, amigos e fama, que não vivencia inseguranças mórbidas e dúvidas acerca de si mesmo, mesmo que as vivenciasse quando criança. Refere que estes sentimentos têm expressões fisionômicas peculiares. Na autossatisfação, os músculos extensores estão ativos, o olho é forte e glorioso, o andar é reto e elástico, a narina é dilatada, e um sorriso peculiar encontra-se nos lábios. Na autoinsatisfação, a pessoa sequer consegue falar alto ou olhar as pessoas nos olhos. No caso das pequenas variações diárias, o próprio sujeito reconhece as alterações na autoestima e autoconfiança de um dia para o outro, através de causas viscerais e orgânicas, mais do que racionais.

Outros sentimentos primários descritos seriam a autobusca e autopreservação, referentes a uma ampla gama de impulsos instintivos fundamentais, mais uma vez em relação ao Self corporal, social e espiritual. O autor

considera que todas as ações reflexas ordinárias, como os movimentos de alimentação, o medo e a raiva, por exemplo, seriam atos de autopreservação corporal. O planejamento do futuro, das finanças e da moradia, diriam respeito ao Self corporal e material. Em relação ao Self social, o autor aponta as ações amáveis, a desenvoltura em fazer amigos, o desejo de ser atendido, referenciado e admirado, e até a emulação e inveja, e o desejo da glória, influência e poder. As pessoas, os lugares e vivências ampliariam o Self de uma maneira social denominada como metafórica. Por sua vez, a busca de um Self espiritual diz respeito à busca do desenvolvimento intelectual, moral ou espiritual, num sentido abrangente, como as ações empreendidas para uma vida mais desapegada do mundo material, ou em prol da humanidade, por exemplo.

Ampliando esta compreensão das origens primitivas do impulso de desenvolvimento do Self, as considerações do autor acerca do chamado “amor-próprio” parecem pertinentes às reflexões que serão incitadas no presente trabalho a respeito do autoconceito. James (1952) acredita que a procura do desenvolvimento do Self é um processo que requer uma parcela de egoísmo, visto que o maior interesse é direcionado mais para si próprio, do que para outros Selves. Este processo ocorreria, em certa parte, baseado em impulsos instintivos e primitivos, não reflexivos, o que geraria contradições, conflitos e transformações contínuas no que se considera “eu” e “meu”. Neste processo contínuo, a consciência passaria a considerar os elementos resultantes como constitutivos principais deste “eu”. O “amor-próprio” seria, primitivamente e instintivamente, o tratamento (que assinala como egoísta) que se oferece ao próprio corpo físico e suas necessidades, visto que até o funcionamento da mente humana é dependente da integridade do corpo que a contém. Embora o autor acentue esta característica do egoísmo, deixa claro que,

por associação, os interesses do Self podem ser continuamente ampliados, de tal modo que se possam ultrapassar os limites das emoções e interesses egoístas. Quando ultrapassados, estes limites dariam espaço para o aparecimento dos instintos solidários, que seriam bem menos abrangentes e funcionariam, nesta perspectiva, de maneira coordenada com os instintos egoístas iniciais.

Uma vez realizado este percurso através das origens primitivas do Self, o autor propõe mais uma subdivisão deste, tendo em vista, desta vez, o seu processo de desenvolvimento e a natureza egoísta de sua motivação. De um lado, a busca do Self apresentaria três vertentes: material (referente aos instintos do corpo e desejos de adquirir objetos e bens); a vertente social (referente aos desejos de ser querido e referenciado e suas consequências, como a competição, inveja, amor e honra); e a vertente espiritual (referente às aspirações intelectuais, morais e religiosas). Por sua vez, a o amor-próprio apresentaria as mesmas três vertentes, com características peculiares, calcadas no referido egoísmo: vertente material (referente à vaidade/modéstia, orgulho da saúde, medo e pobreza); a vertente social (orgulho da posição social e da família, esnobação/humildade e vergonha); por fim, a vertente espiritual (senso de superioridade/inferioridade moral ou intelectual, e pureza/culpa).

2.1.2 – Desenvolvimento do Self nas interações sociais em Cooley e Mead

Partindo de uma abordagem essencialmente pautada nas interações sociais, Cooley (1970), designa Self tudo o que alguém denomina utilizando pronomes pessoais de primeira pessoa do singular (eu, eu mesmo, meu, etc.), e refere que este se trata do Self empírico estudado pela psicologia e apreendido pela observação, apesar de reconhecer que existem muitas outras possibilidades de conceituação. A marca das concepções deste autor a respeito do Self é a natureza

social intrínseca a este. Não seria possível a existência de um Self não social na medida em que concebe o “eu” como uma entidade sempre permeada por outras pessoas, que o definem igualmente. Desta forma, o autor se exime da participação no debate metafísico acerca da existência de um Ego puro, acreditando ser acessível e universal, mesmo nos primeiros anos de vida, o Self empírico. O eu é compreendido pelo autor como mero fato, como qualquer outro, passível de investigação.

Assinala que o importante para a compreensão da existência do Self, expresso no uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa, é o senso de apropriação que está presente na utilização dos mesmos; em outras palavras, para além do rótulo linguístico empregado, haveria um senso de posse subjacente na expressão do Self empírico. O desenvolvimento deste Self ocorreria ainda a partir dos primeiros instantes de vida, rudimentarmente, para se desenvolver sob influência de dois principais elementos: as experiências vividas e o conjunto de sensações, percepções e concepções (musculares, visuais, auditivas, táteis, etc.) que serão incorporadas durante todo o seu desenvolvimento. Assim, acredita que o senso do Self pode ser investigado na história de vida das pessoas, que é instintivo, impulsionador e organizador das ações do sujeito, sendo importante, também, para o planejamento das ações futuras a serem empreendidas.

O senso do Self, no processo de desenvolvimento deste, também se modifica frequentemente, inclusive em etapas em que poderia ser observado um senso de Self concreto, na maturidade. Neste caso, as modificações ocorridas até o dado momento teriam sido incorporadas àquele Self, com este continuando sua transformação. O autor faz questão de se posicionar acerca dos limites das tentativas de compreensão do Self, a partir da enumeração dos elementos do

mundo com os quais este Self se associa, ou está conectado (como seu corpo, suas roupas, seus bens, suas ambições, e sua honra). Aponta, desta forma, ser mais esclarecedora e viável a exploração do Self a partir do seu senso, sua expressão, no sujeito que experiencia. Refere que esta exploração poderia ser realizada a partir da investigação de estados mentais autoassertivos (que ilustrariam bem o senso de Self em plena atividade), presentes claramente na brincadeira conjunta de crianças, por exemplo. Outro destes contextos seria observado, segundo o autor, quando o sujeito entra num estado de exultação, quando uma garota compra uma roupa nova e sente-se admirada, por exemplo. Poderíamos imaginar outro exemplo na reação do atleta ao finalizar uma disputa e ganhar uma medalha olímpica de ouro, contexto onde seria evidenciado seu senso de Self. Logicamente este sentimento estaria mesclado com uma gama de outros sentimentos associados, pertinentes a cada situação.

Este é um autor que também registra a abrangência das tentativas de definição do Self, postulando que se trata de uma entidade que extrapola, e muito, os limites do corpo material observável, que seria apenas uma ilusão daquele Self. Aponta que usualmente é criada esta ilusão do Self enquanto corpo humano tangível, pelo fato de que este estaria mais acessível à investigação. Contudo, as possessões (visualizadas no uso do pronome “meu”), os posicionamentos, os desejos, o planejamento do futuro e as reflexões, também constituem o Self. Interessante a afirmação do autor de que, logo ao nascimento, o Self do bebê (em desenvolvimento) poderia ser observado a partir do significado atribuído pelos adultos cuidadores às suas ações. Posteriormente, a criança utilizaria autonomamente o senso do Self para manipular objetos, e para “manipular” as ações dos cuidadores sobre si próprios. Refere, ainda, que este mesmo senso do

Self estará presente durante toda a vida, norteador das ações empreendidas pelo adulto com um determinado fim, e gerando elementos motivacionais necessários a sua realização. As considerações do autor fazem supor que as primeiras interações sociais, presentes antes da autonomia do Self, irão marcar o formato de funcionamento deste, através do seu estatuto social-comunicativo. Desta maneira, dificilmente se poderia garantir a existência de uma radical autonomia do Self, profundamente marcado pelas impressões pessoais construídas na vida social. Considera que o “eu” (e o uso da linguagem e do pensamento), necessariamente, traz referências das palavras e ideias transmitidas por outras pessoas com as quais manteve ou mantém algum tipo de contato na vida comunicativa.

Ampliando ainda mais suas considerações, embora enfatize sua constituição social, Cooley (1970) não desconsidera o papel das particularidades do Self, especialmente porque este se manifesta na consciência do sujeito. A diferenciação, ou especificidade, deste Self peculiar decorre das escolhas que realiza a partir de uma ampla variabilidade de informações, e possibilidades de adesão, a que está continuamente exposto durante a vida. Assim, refere que os conteúdos do “eu mesmo” são tanto gerais quanto individuais.

Nas relevantes contribuições interdisciplinares de Mead (1962), podem ser encontradas reflexões sobre a emergência do Self a partir da sociedade e através das relações sociais simbólicas. Este autor trata da ação simbólica como possibilitadora da interação social do homem com o meio, marcando o papel da ação simbólico-interacionista como superação de uma concepção da consciência como aparato reflexivo individual. Assume-se enquanto defensor do behaviorismo social, postulando que a ação é uma atitude, ou comportamento linguístico, que reage interativa e simbolicamente a determinados estímulos do meio social. Sua

perspectiva behaviorista aponta como relevante uma consideração abrangente da consciência e da linguagem significativa, como vias inerentes de identificação e comunicação sociais. Estes dois elementos, nos humanos, possuem a marca distintiva da representação simbólica. O autor exemplifica sua concepção através de um contexto interativo em que um gesto inicial provocaria reações nas atitudes do interlocutor, e tais reações desencadeariam novas atitudes no locutor inicial. O que decorre do processo destas trocas interativas ele designa como significação simbólica, que vai além de um mero mecanismo de estímulo-resposta, pois utiliza os mecanismos da linguagem significativa como possibilitadores da interação e da significação. Desta forma, a ação e a significação do mundo e do Self passa a ser compreendida no âmbito deste processo interativo, que vai além da consciência introspectiva individual, tanto em sua constituição, quanto nas bases do seu funcionamento. A significação ocorre nas interações sociais experienciadas, e possuiria uma estrutura lógica que designa como relação triádica entre: gesto, reação provocada e ação social decorrente. Durante a relação triádica empreendida, os sujeitos são impelidos a adotar a perspectiva do interlocutor, para que seja viável o processo de significação, adoção que ocorre simultaneamente na via dupla das interações sociais.

Para Mead (1962), o Self é constituído a partir das interações sociais do sujeito na sociedade em que vive, desde os primeiros anos de vida. Estas interações ocorreriam através da mediação simbólica entre indivíduos, onde a ação humana é entendida de modo social, processual e baseada na interpretação de símbolos linguísticos significantes. Através da linguagem, e nas interações sociais, neste sentido, o ser humano atribui sentido a suas ações e constitui seu pensamento e o Self, que só se realiza a partir do autoconhecimento (que ocorreria ao relacionar-se

com o outro e adotar-se os posicionamentos deste). Ao tratar desta capacidade interpretativa, o autor realiza a distinção entre “I” e “Me”, que estaria no bojo da sua consideração intersubjetiva do surgimento da autoconsciência. A primeira instância seria responsável pela internalização dos elementos exteriores ao Self e das atitudes dos outros, através das constantes interações sociais. Diz respeito às reações do sujeito aos eventos vivenciados num dado grupo, e possui natureza dialógica. O “Me”, por seu turno, responde pela internalização dos posicionamentos dos outros pelo “I”, que possibilita a interpretação dos símbolos e a adoção de posicionamentos adequados socialmente, já que o sujeito realiza uma percepção de si a partir do posicionamento do outro. Esta segunda instância responde pelo senso de identidade social. O Self surge, nesta perspectiva, a partir da ação dos sujeitos uns sobre os outros, onde adotam as atitudes de outrem, e também agem sobre si mesmos da maneira como os outros agem, durante a comunicação gestual. O Self, formado enquanto autoconsciência, é constituído nestes movimentos sociais contínuos de: influenciar os outros e também adotar os pontos de vista destes sobre si mesmo, gerando infinitas transformações nos processos de significação simbólica, processo sempre partilhado, nunca realizado num nível individual.

2.1.3 – Self e desenvolvimento cognitivo em Meissner, Morin e Paivio

Neste sentido, Meissner (2008) aproxima-se de uma tendência nos estudos do desenvolvimento de processos cognitivos básicos, qual seja, a consideração cada vez mais precoce da emergência de competências tipicamente humanas, como o engajamento na linguagem, a realização de operações matemáticas, o senso de individuação, e o surgimento do Self, por exemplo. Defende a possibilidade de existência de um rudimento funcional do Self antes mesmo do nascimento, que

funcionaria como uma espécie de predecessor de uma capacidade de formação de conceitos e de comunicação anterior ao surgimento da linguagem, e que se expressaria nestes termos ainda nos primeiros meses de vida. Aqui pode ser observada a preponderância dos episódios de interação das crianças com seus cuidadores para o desenvolvimento deste Self ainda rudimentar, que seria favorecido pela emergência da linguagem, período marcado pela potencialização deste desenvolvimento, com variados ganhos funcionais de capacidades cognitivas preexistentes. O Self, desta forma, apresentar-se-ia como influência direta não apenas para o autoconhecimento e senso de identidade, com os quais possui estatuto axiomático de inter-relação, mas para uma possibilidade de comunicar-se, e, posteriormente, ampliar as possibilidades interativas através do uso da linguagem. No decorrer do processo de constituição, num primeiro momento o Self surgiria apenas enquanto agente, ou instância que realiza ações no mundo. Apenas num segundo momento ocorreria um processo de consciencisação acerca destas ações de que se é capaz, que o autor designa de aparecimento do Self enquanto sujeito. Apesar desta transformação se operar, em parte, num nível pré-linguístico, a linguagem que está sendo adquirida é a via de acesso das trocas comunicativas interpretativas responsáveis pelas ações do Self em desenvolvimento.

No referido trabalho, este autor sugere um entrelaçamento entre os desenvolvimentos do Self e da linguagem, assinalando o período em que passam a ser utilizados os pronomes pessoais, principalmente os pronomes de primeira pessoa como essenciais e ilustrativos do desenvolvimento do Self, e da possibilidade de expressão dos pensamentos através das palavras. A linguagem funcionaria como mecanismo ilustrador de uma atividade mental (como a geração de significados para as experiências) e de uma atividade física (como a produção da

fala). A partir deste funcionamento integrado o autor ilustra uma organização mente-corpo subjacente a um sistema de Self. A linguagem seria responsável pela ampliação do domínio e da consciência da criança em relação ao ambiente em que vive, com consequências para a sua autoconsciência, dado que permite a expressão e a vivência de pensamentos e sentimentos que poderão ser compartilhados, donde surgiria a possibilidade de criação mútua de significados e novos modos de relacionar-se com outros, num processo onde o sujeito em desenvolvimento torna-se um Self, com possibilidade de maior autonomia. Neste capítulo é defendida a imbricação e a interferência mútua deste processo de desenvolvimento e o desenvolvimento do autoconceito.

Ainda de acordo com Meissner (2008), gradativamente o senso de Self torna-se subjetivamente e objetivamente separado dos objetos materiais externos e da esfera interpessoal. Este processo se expressaria na crescente capacidade de comunicação à distância da criança, que vem permitir a separação e individuação física, assim como a minimização do medo de separação e da perda do objeto. Emergiriam a capacidade simbólica e a possibilidade de representação do objeto, assinalando expressivos ganhos desenvolvimentais entre períodos onde as interações das crianças eram físicas, imediatas e pré-verbais e período onde as interações passam a ser verbais e à distância. A contribuição do autor, desta forma, enfatiza que além de ampliar a quantidade de informações que a mente é capaz de armazenar, permitir crescentes níveis de abstração, representação de ideias e relações complexas, possibilitar referência a objetos ausentes, reflexão sobre eventos passados, e antecipação do futuro, a linguagem seria indispensável à própria constituição do Self, abrindo uma gama de novas oportunidades para a ação

deste em direção aos outros com os quais convive, e novos modos destes outros agirem e influenciarem, por sua vez, o desenvolvimento do próprio Self.

Em relação a este senso de individuação, desenvolvido com o Self, Morin (1995-96, 2005, 2009) deixa clara a preponderância da autoatenção, que aponta como central para compreensão do Self e de construtos relacionados (autoeficácia, autorreconhecimento, autorregulação, autoesquema, autoapresentação, autoestima, autoadaptação, identidade pessoal e autobiografia), dado que a autoatenção envolve um pensar reflexivo sobre si mesmo. Apesar do escopo de seu trabalho referir-se aos estudos da autoconsciência, o fato do autor considerar o desenvolvimento desta enquanto senso subjetivo ou tentativa de compreensão do Self possibilita o enquadre de suas reflexões nos objetivos do presente capítulo. Seu modelo de autoconsciência abarca uma ampla variedade de mecanismos, processos e interações complexas entre fatores cerebrais-neurológicos, sociais, ecológicos e cognitivos. Envolve, ainda, o processo de autoconhecimento, ou a organização das informações que temos acerca de nós mesmos que envolveria a focalização da atenção aos próprios estados mentais, de caráter privado (percepções, sensações, atitudes, intenções, emoções, valores morais e objetivos traçados), e às características públicas do Self (comportamentos em diversas situações e aparência física geral). Poderíamos considerar que estes são elementos presentes na dinâmica do autoconceito.

A autoconsciência possuiria, para este autor, três principais fontes básicas de influência: o ambiente social, onde ocorrem as primeiras interações face-a-face, as avaliações refletidas (mecanismo de comparação social que leva a uma tomada de perspectiva), e a presença dos outros observando o Self. A segunda seria o mundo físico, ou objetos que conduzem a diferenciação Self-mundo nas crianças, como os

espelhos, câmeras de vídeo e fotografias, livros, arquivos e recursos de mídia (programas de televisão, internet e cinema), que funcionariam com encorajadores da tomada de perspectiva. E por fim, a terceira fonte seria o próprio Self, a propriocepção e processos cognitivos (memória, percepção, aprendizagem), principalmente fala interna e formação de imagens. A autoconsciência garantiria o funcionamento sadio da cognição, ao garantir o conhecimento de que se permanece a mesma pessoa ao longo do tempo; de que o sujeito é agente de seus pensamentos e ações e de que o organismo é separado do ambiente.

A fala interna, ou conversação interna, seria, de acordo com Morin (2005), o fator mais importante presente da autoconsciência, com ela estabelecendo uma variabilidade de possibilidades de inter-relações. Funcionaria como impulsionadora e enriquecedora do autoconceito, com consequências positivas para estruturação e fortalecimento da saúde mental. A fala interna assumiria o papel de mediador cognitivo necessário entre o sujeito que experiencia e a própria experiência, entre sujeito e aspecto do Self a ser identificado através da autoconsciência e sujeito e problema a ser solucionado. Neste sentido, a linguagem também assumiria um papel de destaque, visto que possibilita a fala interna, sendo importante distinguir esta possibilidade dialógica da mera representação de estados internos e experiências, porque demanda uma reflexão sobre estes estados, que pode ser comunicada e discutida com o Self no diálogo interior. Contudo, o diálogo exterior também vem a ser ressaltado, ganhando ênfase os feedbacks verbais e não verbais dos cuidadores das crianças, que funcionariam como mediadores dos sentimentos, pensamentos, comportamentos e desempenho em tarefas que poderão ser incorporados às informações particulares sobre o Self, caso não ocorra uma resistência a incorporar informações não acuradas ao autoconceito também em

desenvolvimento. Neste último caso, haveria um escrutínio reflexivo envolvendo a comparação destas informações externas com um autoconceito multifacetado com base também na auto-observação e observação do ambiente.

Desta ampla variabilidade de possibilidades de constituição e organização do Self, em parte derivada destas diversas experiências sociais nas interações, se expressa o caráter relativamente flexível deste. Gazzaniga e Heatherton (2006) apontam a possibilidade de ativação de diferentes aspectos do Self na dependência de diferentes situações, ou de diferentes pessoas que estejam envolvidas em cada contexto. De acordo com os autores, que partem de uma perspectiva evolucionista e social da psicologia, existiria também uma multimodalidade hierárquica na constituição do Self. Um primeiro nível seria denominado Self básico, ou primitivo, presente também no funcionamento dos animais, que seria a possibilidade do Self estar consciente do aqui e agora e de sua individuação em relação ao ambiente. Um segundo nível, hierarquicamente superior, ou Self objetificado, presente também em primatas e golfinhos, seria uma consciência a respeito dos próprios estados mentais, possível quando o Self torna-se objeto da própria atenção. Por fim, se pensarmos na modalidade mais abstrata e tipicamente humana, que os autores referem-se como um nível mais elevado, surge o Self simbólico, ou narrativo, que abarca uma série de memórias autobiográficas, e antecipação do futuro, e que aparece como a capacidade de representar a si mesmo mentalmente, que é possibilitada pela linguagem, gerando um senso de identidade. Esta última modalidade é considerada, no trabalho deste autores, produto da adaptação da mente a pressões advindas do processo de seleção natural, como a necessidade de caçar e enfrentar grupos sociais para sobreviver.

Os autores ainda trazem uma definição interessante a respeito da natureza do Self, que:

“envolve a representação mental da experiência pessoal e inclui processos de pensamento, um corpo físico e uma experiência consciente de que somos separados e únicos em relação aos outros. Esse senso de self é uma experiência unitária contínua ao longo do tempo e do espaço”. (Gazzaniga; Heatherton, 2006, p. 409)

e estaria relacionado com fatores como o autorreconhecimento, autoconsciência, autoconceito e autoesquema, que foram investigados por diversos autores da psicologia e áreas afins. O auto-reconhecimento ocorreria por volta dos dois anos de idade, e de acordo com Gazzaniga e Heatherton (2006) estaria relacionado ao Self simbólico. A criança passa a se reconhecer no espelho e em fotografias da família e a autoreferenciar-se através dos pronomes pessoais e expressão de emoções denominadas autoconscientes, como vergonha e culpa. Ainda na primeira infância ela será capaz de realizar narrativas sobre seu cotidiano que podem envolver eventos passados e projeções para um futuro. Em relação à autoconsciência, os autores pontuam trabalhos que a relacionam com o Self, sendo estruturada no balizamento do comportamento e funcionamento cognitivo próprio em relação aos padrões defendidos pela sociedade, sendo mais uma vez, fundamentais, as interações sociais que promovem avaliações que estariam na base do movimento reflexivo que “introduz” a realização das ações do Self.

Contudo, para que este Self em desenvolvimento possa apreender as informações relevantes à sua estruturação, estas já descritas nos trabalhos supracitados, torna-se necessária uma maquinaria interna, ou mecanismos internos de funcionamento cognitivo que garantem a inter-relação entre mundo a ser conhecido e sujeito cognoscente. Neste trabalho, opta-se pelo modelo teórico da

Teoria da Dupla Codificação de Allan Paivio (2007), por considerá-lo abrangente, eficaz e atual no encaixe de entendimento dos elementos envolvidos na aquisição-construção do conhecimento, apoiado na exploração de temas como memória, percepção, comportamento e experiência. O autor defende que nascemos em busca de compreendermos o mundo à nossa volta, através de representações mentais dos eventos vivenciados cotidianamente, e de mediações cognitivas (especialmente através da memória), conceitos que estariam entrelaçados, pois as representações mentais também assumiriam o papel de mediadores do conhecimento, que deverá ser acumulado nas aprendizagens sucessivas através dos anos, nas experiências com o mundo e com as pessoas (estas garantindo a transmissão do legado social).

No referido trabalho teórico, é conferida ênfase sobre o papel do condicionamento para as aprendizagens, que ocorreriam com a marca essencial do uso das imagens mentais; poder-se-ia considerar este uso como elemento constitutivo da cognição humana, atuando estas imagens também como mecanismo de representação e mediadoras da aprendizagem. Por seu turno, neste mesmo processo de desenvolvimento do conhecimento, a memória atuaria como uma função cognitiva considerada de primeira ordem, por estar num degrau hierárquico privilegiado, possibilitador do funcionamento de diversas outras funções cognitivas importantes, além de permitir o próprio mecanismo processual do sistema defendido pelo autor na Teoria da Dupla Codificação. Tal teoria defende um sistema dual para construção do conhecimento, constituído por elementos verbais e não verbais inter-relacionados e interafetados (embora funcionalmente independentes), que produzem produtos de percepção que se inscrevem na memória para permitir o acúmulo de conhecimentos para funcionamento pleno da cognição. Como os elementos do sistema sugerem, os produtos do sistema verbal (ou, para o autor, “logogens”)

referem-se à linguagem, e os do sistema não verbal (“imagos”) dariam conta dos aspectos não linguísticos dos eventos diversos aos quais somos apresentados no mundo. Cabe ressaltar que a ideia de complexificação é cara a esta teoria, onde elementos mais simples são prioritariamente apreendidos, e operações também mais simples são primeiramente realizadas, para então se realizarem as associações para compreensão e funcionamento sistêmico mais complexos.

Torna-se evidente a importância dada pelo autor (Paivio, 2007) aos sistemas simbólicos como via das representações mentais. A existência e o relato destes sistemas simbólicos não se esgotam nas representações linguísticas, com o autor ressaltando, em diversos trabalhos, a ampla variabilidade que se abre diante das experiências sensoriais a partir do paladar, olfato, tato, visão, audição e emoções. A partir dos estímulos, unidades representacionais seriam ativadas por diversos caminhos no Sistema de Dupla Codificação, que, para efeito de estudo (visto que diversas possibilidades de apreensão ocorreriam sincronicamente), poderiam ter o funcionamento descrito por estas possibilidades: ativação entre estímulo e uma das unidades do sistema (verbal ou não-verbal), ativação interna no sistema verbal ou não-verbal, e por fim, ativação entre os dois sistemas. Para que ocorram estes intercâmbios possíveis nos processos de ativação perceptual, cumprem um papel importante, além do papel central conferido à memória, elementos como: grau de familiaridade, complexidade e tempo de experiência com o estímulo, e concretude ou abstração do estímulo apresentado.

2.2 – Autoconceito e possibilidades de compreensão

2.2.1 – Definições do Autoconceito

Numa relação de subordinação e de mútua constituição em relação ao Self encontra-se o autoconceito. Gazzaniga e Heatherton (2006) defendem sua conceituação num patamar de estrutura de conhecimento cognitiva, estrutura que possibilitaria aos humanos um acúmulo progressivo e seletivo de conhecimentos relevantes acerca de si mesmos. Seu objetivo central seria o de adaptação do organismo ao ambiente, e neste sentido, sua constituição e desenvolvimento seriam marcados pelas requisições da cultura, sendo desta forma, contingentes, numa dada medida. Os autores compartilham das concepções do Self e autoconceito influenciados pelos diferentes papéis sociais e relacionamentos pessoais que se estabelecem em diferentes situações, o que implicaria em diferentes Selves, o que rotulam como autoconceito funcional, que seleciona informações relevantes para utilização imediata. A totalidade das informações disponíveis na memória do indivíduo acerca do seu funcionamento e de suas interpretações sobre o Self estaria organizada em autoesquemas, que para os autores, podem assumir um caráter mais autônomo, ou independente das pessoas com as quais o indivíduo convive, ou mais interdependente, ou seja, um Self amplamente dependente dos relacionamentos interpessoais.

Epstein (1973) conceitua o autoconceito como uma teoria de uma teoria, ressaltando, àquela época, a dificuldade em alcançar um consenso acerca da legitimidade do tema como eixo de investigação e teorização em psicologia, e acerca de sua própria definição. Defende a sua importância enquanto um senso subjetivo de Self, fornecendo uma possibilidade de sua caracterização a partir da

integração entre variadas contribuições teóricas a seu respeito. O autoconceito é descrito como um subsistema interno de variados conceitos organizados de maneira hierárquica; nele coexistem variados selves; sua organização possui as características de dinamismo influenciado pela experiência e tendência a um crescimento; sua organização é fundamental para a saúde mental; se relaciona com todos os aspectos do sistema de Self, como a autoestima e, por fim, possui funções como a organização das informações experienciadas, facilitação do alcance de metas, e busca de aprovação e bem-estar. As funções da teoria do Self analisadas pelo autoconceito são: manutenção de um equilíbrio favorável entre prazer e sofrimento, a possibilidade de assimilação de informações e a manutenção da autoestima.

Com base nesta caracterização integrada, a tese deste mesmo autor, do autoconceito como uma teoria do Self, visto que se trata de concepções sobre o autofuncionamento, é pautada na consideração da influência de mais amplas teorias a respeito das experiências, como aspectos da natureza do mundo, do Self e das relações. Esta teoria, em outras palavras, será composta pelas experiências, que derivarão em conceitos organizados em conjuntos de esquemas constituintes das teorias. Tal conjunto organizado ajudaria a organizar as inúmeras informações em termos de informações acessíveis, tomando parte neste processo o filtro fundamental das emoções. O autor defende que cada emoção deriva de uma cognição, e o acesso a esta possibilita a compreensão dos postulados sobre os quais o autoconceito está assentado. Neste sentido, uma necessária organização diz respeito a distinção entre Self, ou mundo subjetivo, e não-Self, ou mundo objetivo. Alguns fatores serão determinantes na estruturação da teoria do autoconceito: a variabilidade de experiências vivenciadas; a parcimônia entre os

valores básicos; a aprendizagem a partir dos outros significativos em relação aos conteúdos já adquiridos nos esquemas internos; uma organização, coerência ou consistência interna do sistema de conceitos; a quantidade de vezes em que a teoria do Self foi testada e a potencialidade desta teoria em solucionar problemas enfrentados durante a vida, com vistas a manter por um tempo maior um sentimento de satisfação que de desprazer.

Embora não deixe clara uma distinção necessária entre a sua conceituação de Self e do autoconceito, Purkey (1988) faz uma interessante sintetização de aspectos do autoconceito relevantes para o aconselhamento psicológico. Refere-se à grande importância das percepções da existência pessoal, que possuem um profundo significado na vida do sujeito. Nomeia Self como a compreensão do sujeito a respeito de quem ele é, e de como ele se integra no mundo ao seu redor. O autoconceito é designado enquanto o resultado dos elementos presentes em um sistema complexo, organizado e dinâmico de crenças e atitudes pessoais, assim como de opiniões aprendidas nas experiências. Tal sistema seria consonante com a personalidade do sujeito e integraria os posicionamentos que este defende como verdades sobre sua existência pessoal. O autor aponta três diferentes marcos na história das reflexões do homem sobre o autoconceito: filosófico, psicanalítico e da clínica psicológica. No primeiro destes, em 1644, enfatiza o pensamento de Descartes nas reflexões a respeito da existência de um Self interior, independente do Self físico. Assinala, nesta perspectiva, o relacionamento entre existência e percepção-reflexão-raciocínio. No segundo marco, em 1900, o autor aponta as contribuições de Freud a respeito da ênfase direcionada aos processos mentais internos, e das consequências destas contribuições no surgimento de interesse de investigação do ego e dos processos autointerpretativos.

Num terceiro marco, situado nos anos 40, aponta as contribuições do surgimento das técnicas de aconselhamento psicológico, como estudos que tratam da importância de processos autofocados e das transformações que podem ser realizadas no autoconceito (pelo próprio sujeito, na clínica psicológica) para restabelecimento da saúde mental. Neste campo de contribuições, destaca os esforços de Carl Rogers na direção de compreender o papel central do Self na estruturação da personalidade e no ajustamento pessoal. A compreensão das necessidades do Self, em torno da aceitação social e de si mesmo e da integralidade, fundamenta as bases do sistema de ajuda da clínica psicológica Rogeriana: aceitação positiva incondicional, compreensão empática, congruência e tendência a autorrealização e desenvolvimento. Purkey (1988) fala que, depois das contribuições assinaladas nestes marcos, o interesse de estudo do autoconceito sofreu um grande declínio, aparentemente determinado por um redirecionamento no foco de atenção aos processos externos na compreensão do comportamento humano. Contudo, esta nova direção não se mostrou suficiente no esclarecimento de temas humanos importantes, como desvios de conduta e inadequações sociais, sendo mais uma vez evidenciada a relevância da compreensão do autoconceito, especialmente no que diz respeito aos objetivos das intervenções clínicas, como sua modificação e fortalecimento, por exemplo. A este respeito, o autor menciona que durante a vida, as aprendizagens sobre o autoconceito e sobre as relações sociais são em grande parte determinadas pelos sucessos e fracassos vivenciados pelo sujeito. Por outro lado, a investigação e intervenção em relação às possibilidades do autoconceito na clínica psicológica são favorecidas por três principais características deste: é algo aprendido e possui funcionamento organizado e dinâmico.

A primeira característica elencada, a consideração da emergência social do autoconceito, é defendida pelo autor a partir de diferentes evidências ainda nos primeiros meses de vida, quando o autoconceito surgiria e se modificaria mais frequentemente durante as experiências no âmbito social, possuindo ainda poucas barreiras para seu desenvolvimento e atualização. Posteriormente, e a partir do que já foi sistematizado no autoconceito, estas barreiras se tornam mais rígidas (com função de defesa, proteção e manutenção) visto que elementos inconsistentes com o autoconceito podem ser percebidos como ameaças ao Self, e as falhas nesta percepção (como dicotomias e exageros nas generalizações) poderiam ocasionar problemas emocionais que interferem negativamente no autoconceito. Num funcionamento coerente, o autor ainda aponta o papel possibilidade de percepção de si mesmo como diversa da percepção dos outros a respeito de si, e diversa em diferentes momentos, em relação a autopercepção e à clareza nesta percepção, fator que diz respeito a uma relativa maleabilidade, que viabiliza o aconselhamento psicológico.

A segunda característica, organização e harmonia do autoconceito, diz respeito a uma certa estabilidade nas inúmeras percepções do sujeito a respeito de si, que garante a determinação de sua personalidade e os limites das modificações possíveis para garantia de um funcionamento coerente e confiável da personalidade. O autor define como “Eu” a instância do Self enquanto agente, com função de resgate de eventos passados, análise dos estímulos presentes e planejamento do futuro. Neste movimento, o acesso aos sucessos e fracassos vão produzir impactos positivos ou negativos no autoconceito geral. Por sua vez, a terceira característica apontada pelo autor, a natureza ativa e dinâmica do autoconceito, é apontada como um sistema de orientação da concepção de si, que influencia a maneira como o

sujeito se vê, vê as outras pessoas e o mundo à sua volta, embora possibilite a tomada de novas orientações de si mesmo e do seu comportamento perante a vida. Estas novas orientações ocorrem com o objetivo de evitar perdas na autoestima, desconforto emocional e agressões. Neste intuito, o autoconceito se desenvolveria nas constantes assimilações de novos elementos e eliminação dos elementos que não estão mais condizentes com o processo atual de desenvolvimento. Tais mudanças, para estruturação de um autoconceito positivo e realista, no interesse de estudo do autor, poderiam ser promovidas a partir de intervenções de instituições, programas e políticas voltados para este fim.

2.2.2 – Interações sociais e desenvolvimento do Autoconceito

Hart e Fegley (1994) consideram que a complexidade envolvida na ontogênese da autoconsciência e do autoconceito ainda não foi satisfatoriamente desvendada, embora esteja evidenciado o papel das interações sociais neste desenvolvimento, e dentre as diferentes possibilidades de interação, dão destaque ao importante papel da imitação. Com vistas a exploração daquela complexidade, realizam algumas considerações acerca dos elementos envolvidos no processo de autoconsciencização, e subdividem este em duas categorias distintas: autoconsciencização objetiva (onde a atenção é focada em parte de algum estímulo) e autoconsciencização subjetiva (consciencização do estímulo em si mesmo). Dividem também o autoconceito em três níveis diversos que se sobrepõem e interagem: um mais específico, composto por memórias autobiográficas (formatura, primeiro amor), um mais geral, onde a pessoa pensa em si enquanto representação e diagramação (alto, ajudante, esperto), e um nível de modelo mental ou teoria (várias memórias biográficas e diagramações são organizadas e sintetizadas).

Os autores defendem que a existência de um modelo mental de si mesmo teria a função de integrar o conhecimento advindo das interações com o mundo e antecipar consequências de ações futuras, e que tal modelo de si pode sofrer modificações a partir das experiências mais recentes. O clássico experimento do autorreconhecimento da criança no espelho seria um exemplo do surgimento da autoconsciencização a partir da existência de um modelo mental de si. Neste experimento, o comportamento da criança é observado, estando esta sentada em frente a um espelho, e num segundo momento, tendo seu rosto marcado por uma mancha qualquer (de batom, por exemplo). Por volta dos dezoito e vinte quatro meses de idade, a criança toca esta marca no rosto, olhando-se no espelho, o que seria um sinal do autorreconhecimento, com a criança sendo capaz de se concentrar em uma classe de estímulos e formar uma autoimagem independente da imagem dos outros. O uso de pronomes pessoais e novidades nas interações relacionadas ao senso de si próprio podem também ser indicadores do surgimento, no desenvolvimento da criança, da autoconsciencização.

Em todos estes elementos presentes na gênese da autoconsciencização, de um modelo mental de si mesmo, e do autoconceito, os autores apontam a participação da imitação social, que denominam como colorações afetivas derivadas de diferenças individuais anexadas ao modelo mental do Self. Consideram que altos níveis de imitação dos gestos maternos precedem o autorreconhecimento e impulsionam a emergência mais precoce deste. Na imitação, haveria uma articulação entre as ações dos outros e as elaborações internas (cognitivo-afetivas) a respeito destes, ou teorias da mente que norteiam os modelos de interações sociais. Estas interações influenciariam a construção de esquemas de

representação do Self, transformados e acessíveis durante a vida a partir das memórias pessoais.

A imitação também ganha posição de destaque no trabalho de Baldwin (1902), na compreensão do desenvolvimento do Self e da autoconsciência. O comportamento de imitação revelaria tanto as limitações nas aquisições dos bebês (pois só são capazes de imitar dentro de suas competências estabelecidas), quanto as potencialidades (alargando as fronteiras do que estão em vias de adquirir). Em relação a autoconsciência, o autor afirma que seria acentuada pelos movimentos que a criança executa em oposição aos movimentos das pessoas que convivem com ela, gerando novos conteúdos do esquema de Self em estruturação. Este processo ocorreria a partir de: inferências da conexão com outrem a partir de pensamentos, emoções e ações, incorporação de características de outrem ao próprio comportamento e estabelecimento de diferenças entre outrem e o próprio Self.

Ainda dentre os que defendem o papel dos esquemas cognitivos nas representações de si e do mundo, Kinch (1963) define o autoconceito como um conjunto organizado das características e papéis que os indivíduos atribuem a si mesmos, em decorrência das interações sociais e que constitui a base do próprio comportamento. A marca constitutiva da contribuição deste autor também é a influência recíproca assinalada nas relações sociais, de onde derivarão o comportamento do indivíduo e seu autoconceito. Em outras palavras, a percepção das respostas alheias ao próprio comportamento influencia como o indivíduo se percebe e se comporta, organizando e por vezes modificando aspectos do seu autoconceito. Esta descrita influência também promoverá, por sua vez, modificações concretas na maneira como as pessoas percebem este mesmo indivíduo, o que

torna a influência recíproca, circular. O autor ainda postula como fatores influentes nesta mútua relação o grau de familiaridade do indivíduo com os parceiros, com a situação vivenciada, a relevância social da situação, as experiências precedentes, etc.

Também em relação ao papel das interações sociais no desenvolvimento do autoconceito, Sears (1970) realizou investigações sobre as inter-relações possíveis entre autoconceitos positivos e: elevadas capacidades de leitura e realização de operações aritméticas, pequeno número de integrantes na família, ser um dos primeiros filhos desta e elevados índices de amabilidade dos pais. Inicialmente, realizou uma pesquisa das experiências de socialização de crianças de cinco anos de idade, e posteriormente, retoma a investigação com estas mesmas crianças aos doze anos de idade, como objetivo principal de investigação do autoconceito. Investiga, neste segundo momento, elementos de autoavaliações positivas e negativas que poderiam estar presentes em tal população. Este autor considera que as atitudes positivas dos pais em relação aos seus filhos (como demonstrações de que os amam, os desejaram, os aceitam e os respeitam) poderiam influenciar atitudes autorreferentes similares nestes filhos, como sentimentos de merecimento, de sucesso pessoal e de potencialidade para realização. Por outro lado, atitudes negativas dos pais (como frieza e disciplinamento áspero) poderiam levar a atitudes negativas nos filhos, como sentimentos de autodesvalorização. Além destas experiências vivenciadas no convívio com os pais, seriam também influenciadores (positiva e negativamente no processo de desenvolvimento do autoconceito) as vivências com pessoas que fazem parte do convívio, como outras crianças, professores, amigos da família e vizinhos.

O autor aponta que as crianças são influenciadas não só pelos reforços oportunizados por estas pessoas com as quais convivem, mas também pela idealização destas como modelos de comportamento que elegeram para si. Sendo assim, torna-se evidente a existência de uma variedade de estímulos e possibilidades de ação a serem adotados, a partir das diferenças entre atitudes das pessoas em relação à criança. O autor refere que entre os dois pais, por exemplo, podem ser encontradas incoerências tanto em relação a um dos filhos, quanto em relação à educação oferecida a filhos de diferentes sexos. Possivelmente, nos primeiros anos de vida, as mães assumiriam um papel privilegiado por causa dos cuidados infantis, com o pai assumindo seu papel mais tardiamente, por volta dos cinco anos, quando passam a operar, também, elementos da identificação de gênero. Neste ponto do desenvolvimento, provavelmente a mãe exerceria maior influência para as meninas e os pais, para os meninos, com atitudes positivas dos pais sendo reforçadas pela apropriação esperada de cada papel de gênero. A hipótese interessante defendida pelo autor é a de que, possivelmente, os mesmos elementos influenciadores de uma tipificação sexual eficaz seriam também influentes no desenvolvimento do autoconceito.

Sears (1970) utilizou cinco diferentes instrumentos de mensuração do autoconceito na etapa do estudo em que abordou as crianças com doze anos de idade: Inventário do Autoconceito (categorias sobre autoeficácia e autocompetência); Escala de Autocrítica (nível de satisfação com habilidades físicas, escolares e sociais); Escala de Ideias de Referência (alta sensibilidade em relação às ações de outras pessoas a respeito de si, níveis de autodepreciação); Escala Feminina (grau de feminilidade) e Escala de Autoagressão (agressividade). Acredita que as habilidades percebidas fornecem condições para o sucesso ou o fracasso,

tanto nas interações sociais quanto em relação a padrões de excelência adotados internamente, impulsionando o fortalecimento de um autoconceito positivo. Os resultados apontam para as seguintes conclusões: correlação entre fraca tipificação sexual e autoconceito negativo entre os meninos; inexistência de diferenças significativas entre gêneros nas cinco escalas de autoconceito utilizadas. Foi encontrada, ainda, correlação entre feminilidade e autoconceitos negativos em ambos os sexos, entre as meninas, está também correlacionada com ansiedade de agressão, autoagressão, agressão pró-social e baixa agressão antissocial (que o autor considera produtos da inibição gerada pelo medo). A agressão projetada apresentou correlações com todos os instrumentos de avaliação negativa (Autocrítica, Ideias de Referência e Autoagressão) em ambos os sexos e com autoconceitos negativos, depreciativos.

Comparando estes resultados com os achados da sua investigação das experiências de socialização inicial (na qual participaram as mesmas crianças aos cinco anos de idade), Sears (1970) pontuou que atitudes de carinho e aceitação dos pais seriam importantes determinantes de uma elevada autoestima, e que não foram demonstradas diferenças intersexo a partir da existência desta atitude no pai, na mãe, ou em ambos. Apontou também que a posição ordinal no nascimento entre os primeiros filhos, e famílias menores em relação ao número de entes, contribuem para elevados autoconceitos, que seriam ainda influenciados pelo status social, elevada autoestima da mãe, recebimento de elogios e altas expectativas dos pais acerca do desempenho escolar. Não foi comprovada uma maior correlação entre atitudes afetuosas dos pais e autoconceitos dos meninos. Por outro lado, a maior participação dos pais em tomadas de decisão da família estava correlacionada com baixos autoconceitos dos meninos.

2.2.3 – Desenvolvimento da Identidade e Autoconceito

Gecas (1982) realiza a importante distinção entre Self e autoconceito. Self é descrito pelo autor como um processo de reflexividade que advém da relação dialética entre o que chama de “Eu” e “Meu”. O Self, desenvolvido a partir das interações sociais, é considerado um fenômeno reflexivo apoiado no caráter social da linguagem. O autoconceito apareceria enquanto produto desta atividade reflexiva, constituindo o conceito dos indivíduos acerca de si mesmos em termos físicos, sociais, espirituais e morais. Este autor analisa o papel de duas dimensões do autoconceito: autoavaliações e autoconcepções. A primeira diz respeito a autoestima, com um importante aspecto emocional. Baseado em trabalhos diversos, o autor defende que o desenvolvimento da autoestima ligado a um senso de competência ou a um senso de moral irá desencadear diferenças na formação do autoconceito. Assinala a importância das avaliações refletidas dos outros que convivem com o indivíduo, embora levante a dificuldades concernentes à assimilação destas avaliações, como a dificuldade de se receber avaliações honestas, principalmente as negativas; os variados graus de importância atribuída às pessoas da convivência e a possibilidade de distorção da informação por parte do próprio autoconceito, num sentido favorável. Denota ainda a importância da comparação social para testagem de suas próprias possibilidades.

Neste sentido, O’Dea e Abraham (1999) apontam os achados de estudos que defendem diferenças intergênero no desenvolvimento do autoconceito, como mais altos escores nas habilidades e aparência físicas, em matemática e resolução de problemas, na estabilidade emocional e nos índices de autoestima geral entre os meninos. Em relação ao autoconceito físico, aponta que, na puberdade, tais achados podem estar relacionados ao desenvolvimento físico precoce, que entre os

meninos determina uma autoimagem positiva, e entre as meninas, determina justo o contrário. Tais estudos apresentam as meninas com mais altos escores em habilidades verbais e de leitura, no autoconceito escolar e nos índices de honestidade/confiabilidade e religiosidade/espiritualidade. As autoras utilizam um instrumento multidimensional de mensuração do autoconceito de adolescentes, defendendo que instrumentos globais podem mascarar as diferenças que podem ser apontadas na investigação de diferentes dimensões do autoconceito. As dimensões investigadas foram: competência escolar, competência atlética, competência de trabalho, aceitação social, aparência física, apelo romântico, conduta comportamental, amizade íntima e autoavaliação global.

Os resultados do estudo são concordantes com aqueles reportados em pesquisas precedentes, e também coincidem com estereótipos sociais de gênero. Os meninos apresentaram maiores índices de autoestima geral, e as meninas, maiores índices em relação à habilidade de maior intimidade nas amizades. Nas correlações entre peso corporal e aspectos do autoconceito, entre as meninas acima do peso foram encontrados escores baixos nas referências à competência de trabalho. Tanto estudantes acima do peso, quanto estudantes abaixo do peso, relataram não considerarem importante o desenvolvimento da competência escolar. Os meninos acima do peso tiveram baixos escores no relato das habilidades atléticas, e as meninas nesta mesma condição física consideraram estas habilidades mais importantes que a média dos outros estudantes.

Apesar de também não realizarem uma clara distinção entre a conceituação do autoconceito e da autoestima (por vezes denominando-os de maneira intercambiável), Lobel e Winch (1988) correlacionam o desenvolvimento do autoconceito com o desenvolvimento da identidade. Consideram que as etapas do

desenvolvimento psicossocial propostas por Erickson, especialmente os resultados (bem ou mal sucedidos) nas resoluções das crises enfrentadas pelos sujeitos, podem servir como marcos para reflexão sobre o desenvolvimento do autoconceito. A hipótese levantada é a de que boas resoluções das crises dos estágios Ericksonianos: quinto (identidade do ego) e sexto (intimidade do ego) gerariam autoconceitos positivos, de maneira similar para meninos e meninas. Mencionam a importância de se considerar que o resultado final de cada crise, em cada estágio, será determinante para o enfrentamento das crises subsequentes, e que o quinto estágio, da identidade do ego, é considerado crítico neste sentido, porque expõe os adolescentes àquelas crises enfrentadas anteriormente em etapas remotas do seu desenvolvimento. Consideram ainda que no sexto estágio, intimidade do ego, os resultados da resolução das crises anteriores tornam-se mais evidentes, porque serão apresentadas publicamente elementos internos como as crenças pessoais, autoconceito e autoestima, um comprometimento social adulto que evidenciará o desenvolvimento e ajustamento psicológico do sujeito.

Os autores utilizam uma Escala de Autoconceito para abordagem de elementos do Self físico, moral, pessoal, familiar e social em duas dimensões: identidade do ego e intimidade do ego. Os escores advindos das duas dimensões propostas foram comparados com os escores do autoconceito geral positivo, tanto em homens, quanto em mulheres. Pressupunham que altos escores nas dimensões da identidade do ego estariam relacionados com altos escores do autoconceito geral nos dois sexos, mas que altos escores nas dimensões da intimidade do ego estariam relacionados apenas com altos escores no autoconceito geral dos homens, e relacionados com parte do autoconceito das mulheres – aspectos interpessoais da intimidade. Os resultados encontrados confirmaram uma correlação positiva entre

identidade do ego e autoconceito nos dois sexos, permitindo a teorização de que uma resolução bem sucedida da quinta crise (ou surgimento de um senso de identidade coeso, não difuso), fortaleceria também o autoconceito. Em relação às dimensões da intimidade do ego, resultados diferentes foram encontrados entre os homens e as mulheres. Entre os homens, como previsto, altos escores nas dimensões da intimidade estavam correlacionados com altos escores no autoconceito geral.

Entre as mulheres, altos escores na intimidade estavam correlacionados apenas com aspectos comportamentais e interpessoais (familiares, sociais e pessoais) do autoconceito, mas não com aspectos da identidade e autossatisfação. Aspectos intrapessoais do autoconceito das mulheres (Self físico e moral) não tiveram correlação significativa com o senso de intimidade, ao que os autores atribuem à possibilidade das mulheres possuírem um senso menos realista do que os homens em relação ao autoconceito físico. Assim, a resolução da crise do sexto estágio, intimidade versus isolamento, traria diferentes repercussões para o autoconceito das mulheres e dos homens.

2.2.4 – Autoconceito, suas múltiplas dimensões e maleabilidade durante a vida

René L'Écuyer é apontado como proeminente teórico do autoconceito, tendo desenvolvido variados estudos a partir de 1960, apontando a influência dos trabalhos de Carl Rogers num redirecionamento dos interesses da psicologia para a investigação do autoconceito. Em 1967, este autor cria o Laboratório de Estudos sobre o Autoconceito, onde realiza estudos abrangentes sobre o autoconceito, por investigá-lo em diferentes etapas da vida, do nascimento até a velhice, donde passa a formular assertivas inéditas, como a de que o autoconceito não adquire

estabilidade na idade adulta (etapa limite das pesquisas da época, em geral), pois se modifica até o final da vida. Abrangentes ainda por não se restringir ao enfoque de subdimensões do autoconceito, como etapas do reconhecimento de si, a imagem corporal, o si mesmo ideal, ou a autoestima, por exemplo. A noção do autoconceito que é encontrada nos trabalhos do autor diz respeito às:

“*estruturas* fundamentais que delimitam as grandes regiões globais do conceito de si mesmo; cada uma destas compreende porções mais limitadas do si mesmo – as *subestruturas* –, as quais se dividem por sua vez num conjunto de elementos muito mais específico – as *categorias* – que caracterizam as múltiplas facetas do conceito de si mesmo e que procedem do próprio senso de experiência diretamente vivida, logo percebida e finalmente simbolizada ou conceitualizada pelo indivíduo” (L’Écuyer, 1985a, p. 31).

Os pressupostos gerais do trabalho deste autor dizem respeito a *organização hierárquica* do autoconceito, que se dá através de níveis de estruturas, subestruturas e categorias (que serão melhor explicitadas no decorrer deste texto), que podem caracterizar diferentes etapas da vida, diferentes gêneros, grupos culturais ou clínicos. Outro pressuposto assumido diz respeito a *percepções centrais, intermediárias e secundárias* do autoconceito, ou seja, as dimensões que adquirem um caráter de maior ou menor importância para o indivíduo. Possivelmente, grupos variados podem diferir em relação a estas percepções, e ainda modificar-se em relação ao grau de centralidade (ou secundariedade) das percepções ao longo da vida.

O autor apresenta ainda, como pressuposto, a *diferença que poderia ser encontrada entre gêneros*, deduzida da vinculação existente entre a progressiva tomada de consciência do próprio corpo e a tomada de consciência de si mesmo,

embora não desenvolva esta idéia. Assinala a importância de estudar *desenvolvimento do autoconceito durante toda a vida*, ressaltando que o aspecto genético não se limita a um período definido, embora existam particularidades presentes em cada etapa de evolução. As dimensões, perfis de estruturas, subestruturas e categorias, e as percepções centrais e secundárias flutuam, evoluem e modificam-se através das idades.

Interessante trazer alguns impasses conceituais que o autor denomina como ambiguidades presentes nos estudos do autoconceito, e que às quais o mesmo se propõe dissolver ou esclarecer, com vistas a uma melhor compreensão das suas próprias decisões conceituais. O primeiro deles é a distinção que se realiza entre Self e Ego enquanto entidades distintas. De uma maneira geral, existe uma proposta em considerar-se o Self como percepção, observação da realidade e sentimentos, autoavaliações e ações executadas. Si mesmo enquanto objeto de conhecimento. Por sua vez, o Ego se distinguiria fundamentalmente desta instância por existir enquanto processos cognitivos necessários para realização da ação, com função adaptativa, para manutenção e defesa do Self, incluindo-se aqui os mecanismos de defesa inconscientes. Tal distinção se tornaria confusa especialmente por existirem correntes que invertem estas determinadas funções descritas, optando o autor por considerar os conceitos equivalentes, atribuindo as ditas funções perceptuais e ativas ao funcionamento do Autoconceito.

O segundo impasse conceitual diz respeito às distinções entre consciência de si mesmo e conceito de si mesmo. Aponta que os pesquisadores do autoconceito na Europa tinham predileção pelo termo consciência de si mesmo por realizarem estudos primordialmente na população infantil, com vistas a identificar o momento de emergência da consciência de si mesmo e do outro, como um primeiro momento no

desenvolvimento do autoconceito, depois seriam realizadas as imagens de si mesmo e as representações de si mesmo, para enfim, surgir um conceito de si mesmo, ou autoconceito. Esta etapa final seria considerada como possuidora de um nível de organização complexa, elaborado e elevado, ou seja, ainda inacessível para a criança nos primeiros anos de vida.

Outra distinção conceitual seria gerada pela consideração simples ou multidimensional do autoconceito. Estudos da primeira vertente abordariam apenas peculiaridades do autoconceito, como a autoestima, por exemplo. Os resultados gerados seguiriam uma tendência à generalização como representativos da natureza do autoconceito como um todo. Por sua vez, os estudos multidimensionais possuem a característica da tentativa de abranger variadas dimensões do autoconceito que estariam relacionadas entre si e sofreriam a influência de diferentes situações e de diferentes momentos da vida, embora possuam uma tendência a certa coerência interna.

Por fim, o autor realiza uma quarta distinção entre os conceitos de si mesmo fenomenal e si mesmo não fenomenal. O primeiro faria referência aos aspectos de si mesmo que podem ser trazidos “à tona” pela instância consciente do psiquismo. São todos os elementos que descrevem como o indivíduo se observa, enquanto aqueles elementos inconscientes ou modificados pela ação dos mecanismos de defesa são de posse do si mesmo não fenomenal, que é objeto de estudo de modelos psicanalíticos de compreensão do autoconceito. Neste sentido, refere explicitamente que, em comparação com este enfoque não fenomenal, com enfoques behavioristas e da clínica psicológica, os modelos de enfoque fenomenal do autoconceito são os únicos capazes de dar conta amplamente do campo do autoconceito, visto que

priorizam processos subjetivos de significação de estímulos diversos na determinação do comportamento.

O modelo integrado proposto por L'Écuyer (1978) apresenta enfoque fenomenal, integrado, por derivar de numerosos modelos, multidimensional, por apresentar níveis de organização (estruturas, subestruturas e categorias) e hierárquico, por considerar percepções centrais e secundárias para o indivíduo que se modificam ao longo do desenvolvimento. Em um dos seus trabalhos (L'Écuyer, 1985a), pode ser encontrada uma descrição das Estruturas, Subestruturas e Categorias conceituadas pelo autor, que serão sumarizadas a seguir. Observe-se que estas seguem uma direção de aspectos mais gerais (Estrutura) para aqueles intermediários (Subestrutura), até os mais específicos (Categoria), garantindo, assim, um caráter de hierarquia.

A primeira Estrutura proposta, *si mesmo material*, refere-se às atribuições ao corpo e diferentes possessões do indivíduo. Tem como primeira subestrutura o si mesmo somático, ou alusões ao próprio corpo, com as categorias traços e aparência física e condição física. A segunda subestrutura, si mesmo possessivo, ou seja, tudo o que se chama de “seu”, possui as categorias possessão de objetos e possessão de pessoas.

A segunda Estrutura, *si mesmo pessoal*, refere-se às características mais internas ou psíquicas. Tem como primeira subestrutura a imagem de si mesmo, com característica mais descritiva e as categorias aspirações, enumeração de atividades, sentimentos e emoções, gostos e interesses, capacidades e atitudes e qualidades e defeitos. A segunda subestrutura, identidade de si mesmo, com característica mais profunda, apresenta as categorias denominações simples, papel e status social, consistência, ideologia e identidade abstrata.

A terceira Estrutura, *si mesmo adaptativo*, refere-se às reações do indivíduo frente às autopercepções. Tem como primeira subestrutura o valor de si mesmo, ou juízo positivo ou negativo sobre si, com as categorias competência e valor pessoal. A segunda subestrutura, atividades de si mesmo, ou ações para autopromoção e defesa, possui as categorias estratégia de adaptação, autonomia, ambivalência, dependência, atualização de si mesmo e estilo de vida.

A quarta Estrutura, *si mesmo social*, refere-se às interações com as demais pessoas. Tem como primeira subestrutura as preocupações e atitudes sociais, ou a realização de atividades conjuntas e atitudes diante destas, com as categorias receptividade do próximo, dominação e altruísmo. A segunda subestrutura, referência ao sexo, seria uma consciencização e interação com outras pessoas enquanto pessoas sexuadas. Suas categorias são referências simples (apenas rotulação de outrem em termos do gênero), e atração e experiências sexuais.

Por fim, a quinta Estrutura, *si mesmo – não-si mesmo*, refere-se à apropriação da vida e da opinião dos outros como se fossem de si mesmo. Apresenta as subestruturas referência ao próximo e opinião do próximo sobre si mesmo.

Deste modelo abrangente podem ser operacionalizadas variadas possibilidades de investigação do autoconceito, em variados níveis hierárquicos de duas dimensões, entre diferentes grupos de sujeitos, em diferentes etapas da vida, e, o que nos diz respeito diretamente, a partir de determinados eventos potencialmente desencadeadores de transformações diversas no autoconceito. Assim, o encarceramento pode ser pensado como evento da vida social produtor de impacto no autoconceito; as especificidades deste impacto podem ser produzidas em dimensões específicas do Self, em diferentes níveis hierárquicos (Estruturas,

Subestruturas ou Categorias), ou ainda refletir na modificação da centralidade das percepções do autoconceito.

No Brasil, há que se ressaltar os trabalhos desenvolvidos por Tamayo (Tamayo, 1981; 1985; Giavoni & Tamayo, 2000; 2003; 2005). Este autor propõe uma definição do autoconceito a partir das contribuições de autores que abordaram o tema desde o trabalho de William James em 1890, considerando que este se configura como as percepções de si mesmo, organizadas hierárquica e multidimensionalmente. Os conteúdos do autoconceito seriam todos os elementos desta percepção, e as dimensões do autoconceito seriam categorias do Self, organizadas coerente e dinamicamente, pois podem mudar a partir das relações e situações sociais. As dimensões eleitas pelo autor como essenciais são o Self somático, o Self pessoal, o Self social e o Self ético-moral. O Self somático diz respeito a um conjunto de fatores relacionados ao corpo: a existência estar encarnada neste, as percepções próprias sobre este e as noções acerca de como os outros percebem este, inclusive acerca da aparência e estado físicos, o que implica a dependência do que é valorizado como belo em cada época histórica. O Self pessoal se refere às características psicológicas autopercebidas, que inclui sentimentos de segurança e de autocontrole. O self social refere-se aos relacionamentos interpessoais, que inclui sentimentos de receptividade aos outros e acerca dos padrões para se relacionar. O Self ético-moral abarca os componentes avaliativos da própria conduta frente aos imperativos morais da sociedade.

Neste mesmo trabalho, Tamayo realiza importantes reflexões acerca das dificuldades encontradas na mensuração do autoconceito, donde emerge a relevância dos instrumentos desenvolvidos e validados pelo autor ao longo dos anos. Refere que a melhor medida para acessar o autoconceito, a despeito de todas

as críticas que historicamente sofre em termos de validade científica, é a autodescrição, advinda dos métodos de introspecção. Utilizada para acesso do conceito de si mesmo, ganha um destaque em termos de legitimidade por não ser necessária a correspondência entre o que o sujeito “é” e o que o sujeito “acredita ser”. De acordo com o autor, o grupo de métodos de autodescrição baseado no relato livre, onde não são impostos limites ao sujeito, possui a principal limitação nos métodos de análise, pela dificuldade de categorização e interpretação dos resultados, principalmente. Uma alternativa eficaz para resolução deste tipo de limitação é ilustrada nos métodos de autodescrição a partir de itens do autoconceito, em variadas dimensões do Self, fornecidos previamente pelo experimentador aos sujeitos de pesquisa. Os instrumentos de medida do autoconceito criados por este autor utilizam esta possibilidade de autodescrição.

O Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA - Giavoni & Tamayo, 2000), por exemplo, foi construído a partir da consideração das construções sociais da masculinidade e da feminilidade como independentes. Os autores consideram que estas construções serão parte constitutiva do próprio Self, aparecendo como parte do seu repertório de itens de autodescrição, que por sua vez, sinalizam o autoconceito referente. A construção do instrumento para avaliar os esquemas de gênero do autoconceito seguiu algumas etapas. Na primeira delas, 219 estudantes universitários de ambos os sexos descreveram livremente 5 adjetivos ou frases que fizessem referência à masculinidade e a mesmo procedimento com referência à feminilidade. Deste processo, em referência à masculinidade emergiram 106 adjetivos e 13 frases, e à feminilidade, 102 adjetivos e 10 frases.

Este material, acrescido de adjetivos, referentes a ambos os gêneros, encontrados pelos pesquisadores em dicionários da língua portuguesa, possibilitou a realização da segunda etapa do estudo. Esta consistiu na composição de um questionário com 294 itens, que foi respondido por 321 estudantes universitários, de ambos os sexos, que deveriam julgar as características tipicamente femininas e as tipicamente masculinas. Através da análise dos resultados, foram gerados 117 itens para estruturação das escalas masculina e feminina do Inventário. A validação do instrumento foi realizada a partir da sua aplicação numa amostra de 1.175 sujeitos de ambos os sexos, análise fatorial e análise de consistência interna dos fatores. Assim o Inventário é composto por cinco fatores na escala feminina: tolerância, insegurança, sensualidade, emotividade e responsabilidade, e quatro fatores na escala masculina: negligência, racionalidade, ousadia e agressividade. Tais fatores e o conjunto de seus itens integram, de acordo com os autores, aspectos sociais da subjetividade, como o desenvolvimento de gênero, e aspectos individuais da subjetividade, como o desenvolvimento do autoconceito.

Outro exemplo de construção de Escala de Autoconceito a partir de itens gerados pela autodescrição e da consideração da multidimensionalidade na estrutura do autoconceito pode ser encontrado no trabalho de Costa (2002), que apresenta a Escala de Autoconceito no Trabalho, numa primeira etapa levantando, entre 130 trabalhadores, quaisquer aspectos que considerassem relevantes para a realização de suas atividades laborais. Deste levantamento foram elencados 74 itens que passaram pelo julgamento de outros 30 trabalhadores a respeito de sua adequação e compreensão, sendo mantidos, após esta avaliação, 60 itens da escala original. A escala foi aplicada em 607 trabalhadores, de ambos os sexos, com os resultados submetidos à análise fatorial, permanecendo desta análise 6 diferentes

fatores (autonomia, realização, competência, saúde, segurança e ajustamento) e 43 itens distribuídos nestes fatores, referentes ao autoconceito no trabalho. Estes estudos multidimensionais sofreram forte influência do trabalho de René L'Écuyer, e permitiram as reflexões necessárias para estruturação do presente trabalho.

Uma perspectiva do autoconceito com a qual o presente trabalho também coaduna é a sua consideração como produto estrutural complexo da atividade reflexiva, sendo este produto permeável a mudanças, visto que durante a vida o indivíduo se depara com novas situações, transições e papéis sociais, ou seja, é ao mesmo tempo estável e dinâmico (Demo, 1992). Esta definição é baseada em algumas premissas assumidas pelo autor: a modificação favorável das autoavaliações com o passar dos anos, tendo estas uma base móvel, de onde emergem flutuações situacionais (Demo, 1985; Savin-Williams & Demo, 1983); o autoconceito caracterizado por estabilidade e mudança durante o curso da vida e a estabilidade ambiental como fundamental na estabilidade do autoconceito.

A instabilidade, e a possibilidade de mudança do autoconceito em plena idade adulta, são perspectivas relegadas nas pesquisas, embora alguns trabalhos tenham sinalizado esta possibilidade. Mortimer *et al.* (1981) consideram a estabilidade com pontos instáveis do autoconceito, instabilidades que no trabalho de Rocha (2007), possibilitam a modificação do autoconceito na velhice, em função das perdas inerentes ao processo de envelhecimento e necessidade de do ajustamento a novas circunstâncias. Neste mesmo sentido, George (2000) refere-se ao caráter protetor do autoconceito para o envelhecimento, que pode ser modificado nesta etapa da vida, devido às variadas perdas. O autoconceito seria influenciado negativamente, principalmente, pela perda de antigos papéis sociais e pela existência de estereótipos negativos acerca da velhice.

Cole *et al.* (2001) consideram que, embora a estabilidade das diferenças individuais nas dimensões do autoconceito tendam a aumentar com a idade, existiria um princípio geral do autoconceito, que se desenvolve e estabiliza por períodos, mas podem ser interrompido por dramáticas transições desenvolvimentais, sociais e educacionais com as quais os indivíduos podem se deparar. Quando estas ocorrem, os autores assumem que podem ocorrer desestabilização e modificação em domínios do autoconceito. Considerando estas possibilidades de mudança, Diehl, Hastings e Stanton (2001) investigaram a Diferenciação do Autoconceito em adultos entre 20 e 88 anos. Diferenciação do Autoconceito é um conceito definido como a medida em que as representações do Self podem tornar-se diferentes na vivência de papéis e contextos sociais (Donahue *et al.*, 1993; Harter & Monsour, 1992). Apesar de retratar a diferenciação, trata da organização estrutural do autoconceito. Os autores assinalam que, ainda, poucos psicólogos desenvolvimentistas têm se questionado acerca da continuidade deste processo de Diferenciação do Autoconceito na vida adulta (Brandtstadter & Greve, 1994; Filipp & Klauer, 1986), da existência de um nível ideal deste, e sobre a possibilidade do mesmo ser adaptativo ou não.

Os resultados do estudo (Diehl *et al.*, 2001), que investigou o quanto diferentes participantes veem a si próprios em papéis sociais diferentes (enfocando as falhas na coerência do Self no autoconceito), mostram que altos níveis de Diferenciação do Autoconceito relacionam-se com a fragmentação do autoconceito, mais que com adaptação deste, resultados concordantes com os achados de Donahue *et al.* (1993). Em outras palavras, foi evidenciado que os efeitos negativos dos altos índices de Diferenciação do Autoconceito aumentam com a idade, sendo mais elevados no grupo dos adultos mais velhos. Os resultados demonstram ainda a

maleabilidade da Diferenciação do Autoconceito em toda idade adulta, inicialmente com níveis decrescentes (início da adultez a meia-idade), com nível mais baixo no final desta faixa etária, e a seguir, uma curva de crescimento deste índice até a velhice, demonstrando associação positiva com a idade. São achados que os autores atribuem à influência dos feedbacks e comparações sociais e das pressões socioculturais na modificação do autoconceito.

Com vistas a observar estas modificações do autoconceito entre etapas da vida, Marsh (1989) realizou um estudo com 12.266 pessoas que responderam a três questionários de autodescrições, mensurando múltiplas dimensões do autoconceito na adolescência e início da idade adulta, e investigando efeitos da idade e gênero. Os achados apontaram que o autoconceito declina do início da pré-adolescência para a média adolescência, e eleva-se a partir do início da idade adulta, ou seja, existiriam sistemáticos e curvilíneos efeitos da idade para o autoconceito (Marsh, Parker & Barnes, 1985; Marsh *et al.*, 1988; Piers & Harris, 1964; Simmons *et al.*, 1973, Rosenberg, 1985). As diferenças de gênero foram consistentes com os estereótipos de gênero, e relativamente estáveis desde a pré-adolescência.

McCrae & Costa (1982) realizaram um estudo no qual enfatizam a centralidade do construto autoconceito para as teorias da personalidade, psicoterapia e para avaliação da personalidade e sua estabilidade ou mudança. Partem da hipótese da cristalização do autoconceito no início da vida adulta (Mortimer, Finch & Kumka, 1981), defendendo, inicialmente, a grande estabilidade da avaliação dos autorrelatos, a despeito das mudanças radicais na personalidade e comportamento. Entretanto, os resultados do estudo demonstram que o autoconceito é representação acurada da personalidade, que pode apresentar variações em todas as idades. Não pôde ser confirmada a cristalização do

autoconceito nos primeiros anos da idade adulta, com os autores considerando que os dados não revelaram se as mudanças são ajustes para alteração futura do autoconceito em momento oportuno em etapa posterior da vida.

De acordo com Gecas (1982), apesar das contribuições teóricas consistentes e relevantes, uma variabilidade de aspectos do autoconceito, que poderiam ser mais compreendidos a partir da realização de estudos empíricos, ainda é relegada na literatura, fato que, ainda hoje, coloca o autoconceito num patamar de terreno fértil para investigação. Para o autor, exemplos desta variabilidade não abordada são as específicas identidades sociais, como a sexual e de gênero, as identidades ocupacionais e as identidades consideradas como desviantes das normas sociais, como a delinquente, criminal, e de pessoas que sofrem com transtornos mentais. Enseja-se, neste trabalho, trazer elementos elucidativos das identidades desviantes das normas sociais, através da investigação do autoconceito de mulheres cujas vidas foram marcadas pela entrada no universo da criminalidade.

CAPÍTULO 3

Método

O presente capítulo visa delinear o método escolhido para desenvolver a pesquisa em pauta, os principais objetivos traçados, e os aspectos mais circunscritos do planejamento experimental: as participantes, os instrumentos de pesquisa qualitativa e quantitativa, as etapas de desenvolvimento desta, e os procedimentos de análise adotados.

3. 1 – Participantes

Participou do presente estudo uma amostra de 155 mulheres, cumprindo pena de privação de liberdade (em uma penitenciária), ou aguardando julgamento (em um presídio) em regime fechado, nos dois casos, na grande Recife. Estas mulheres foram presas em decorrência do envolvimento com o tráfico de drogas. Este critério de inclusão da amostra deriva (visto que o interesse de pesquisa refere-se ao encarceramento, e não à razão deste) do dado estatístico de que a maioria da população carcerária feminina constitui-se em razão deste crime, o que garantiria uma margem de confiabilidade no acesso ao tamanho proposto da amostra. Considera-se também a possibilidade de existência de compartilhamentos específicos em diferentes subgrupos (diferentes crimes) que fazem parte de um grupo maior (todas encarceradas), sendo mais uma vez adequado o estabelecimento do critério de inclusão tráfico de drogas. Também foi necessário que estas mulheres apresentassem o nível de escolaridade fundamental, minimamente, visto que deveriam ler e interpretar sozinhas o questionário, como tentativa de minimizar a influência da pesquisadora nos dados gerados. Os critérios de exclusão, desta maneira, são a escolaridade aquém do nível fundamental e todas as outras causas de encarceramento.

3.2 – Procedimentos

Na busca de elucidação das questões que suscitaram o estudo, e após autorização do Secretário de Ressocialização de Pernambuco, inicialmente foram realizadas **entrevistas** com cinco mulheres em situação de encarceramento (transcritas na íntegra no Anexo II), convidadas a participar aleatoriamente. As perguntas foram elaboradas com base nas **dimensões integradas do Self** propostas por L'Écuyer (1978), ilustradas a seguir na Figura 02 da próxima página, e que funcionaram como instrumental para emergência de conteúdos de linguagem submetidos à Análise de Conteúdo (Bardin, 1977; Moraes, 1999), que configura a etapa da análise qualitativa da presente pesquisa. Foi esclarecido que, independentemente das perguntas a serem realizadas, as mulheres poderiam se pronunciar livremente a respeito de qualquer tema que surgisse durante toda a entrevista.

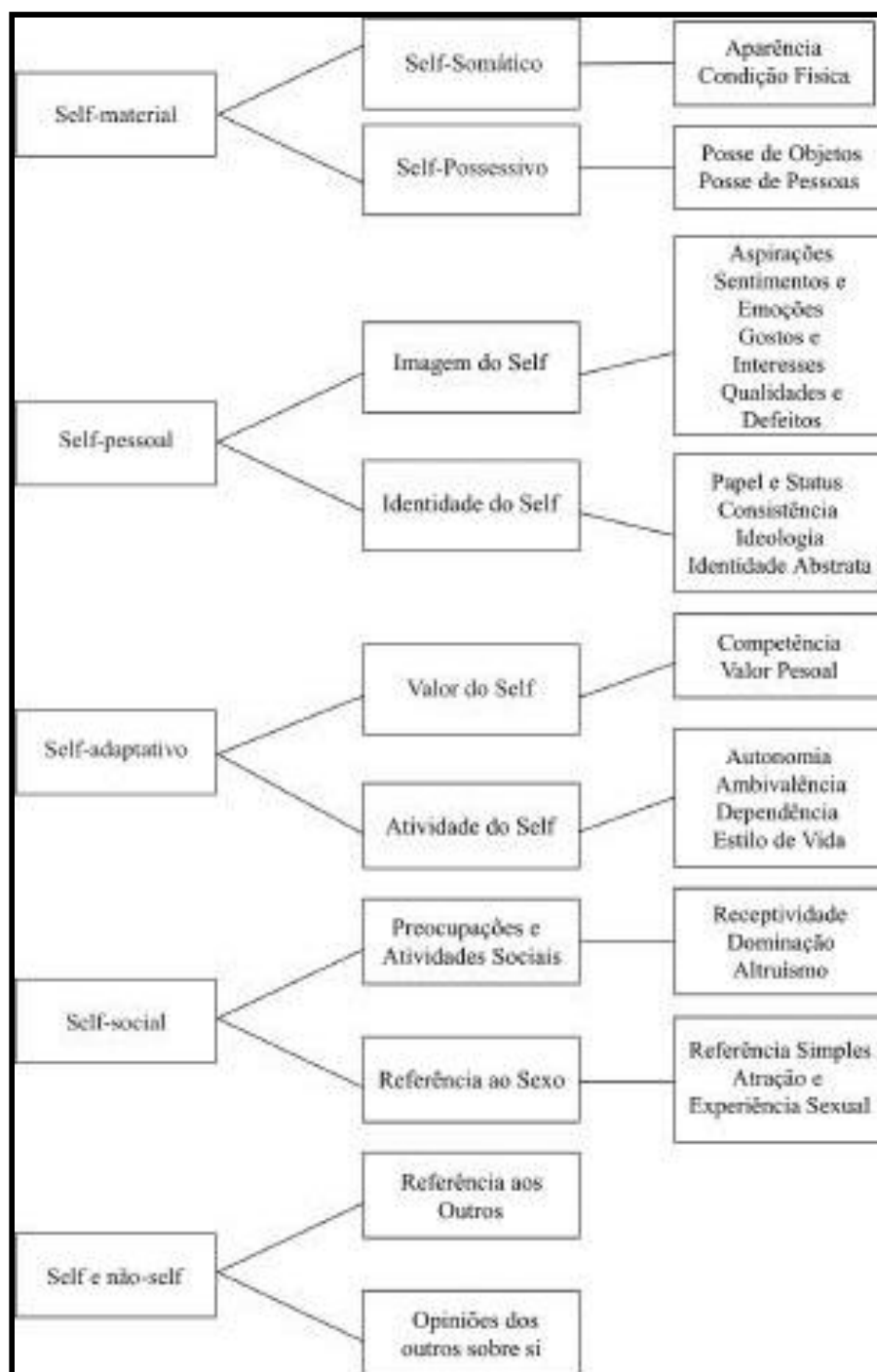


Figura 02: Modelo Integrado de L'Écuyer: Estruturas, categorias e subcategorias do autoconceito (Costa, 2002)

Tal material também funcionou como ponto de partida para o trabalho de campo quantitativo, onde foram abordadas cento e cinquenta e cinco mulheres encarceradas que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Estas mulheres foram convidadas a participar do estudo, inicialmente, através de uma

funcionária do presídio, na própria cela, e posteriormente, tal convite foi reforçado pela pesquisadora, em sala privativa para entrevista. Foram claramente explicitados os objetivos e vinculações da pesquisa à Universidade, deixando claro a não vinculação desta com a instituição prisional, com o setor psicossocial da instituição ou qualquer outra instância punitiva/reeducativa. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e após a leitura, questionou-se a existência de dúvidas. Apenas no caso da permanência do desejo em participar do estudo, tal termo foi assinado, e a pesquisadora deixou claro que este consentimento inicial poderia ser retirado a qualquer momento. As mulheres responderam o **questionário** (Anexo I) que contém as seguintes escalas: **Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito** (Giavoni; Tamayo, 2005); **Clareza do Autoconceito** (Campbell *et al*, 1996, versão em português Nascimento, 2008); **Autoconsciência Situacional** (Nascimento, 2008. Originais e versões em língua portuguesa) e **Escala Crime Emoções** (Canter; Ioannou, 2004).

As mulheres responderam ao questionário em sala reservada e adequada para a realização de entrevistas, na própria instituição na qual cumpriam pena, onde não houve a interferência de outras pessoas e constrangimento (que impedisse a livre expressão) por medo de alguém da própria instituição acessar as respostas. Foi assegurado total sigilo e confidencialidade a respeito das informações fornecidas, visto que além dos questionários terem sido preenchidos em sala reservada, foram identificados apenas por números e armazenados na própria Universidade Federal de Pernambuco. As mulheres foram instruídas a responder a cada um dos itens apresentados, em escalas likert de 1 a 5 pontos, onde um significava a mínima identificação com o item, e 5 significava a total identificação com o item a ser respondido. Esta constituiu a construção dos dados da etapa quantitativa do

presente estudo, de onde emergiram os elementos submetido às Análises Multivariadas.

Os riscos que poderiam ser acarretados às participantes, como constrangimento, recusa em continuar participando, inibição, eventual desconforto na reflexão sobre suas vivências e na expressão de suas opiniões sobre si, foram atentados pela pesquisadora, para que o estudo pudesse ser interrompido a qualquer momento em que a participante solicitasse ou demonstrasse desconforto, evitando assim, danos maiores. Algumas vezes esta possibilidade aconteceu, e a pesquisadora agradeceu a participação, e garantiu a inexistência de qualquer prejuízo para a participante, sendo esta ocorrência também resguardada pelo sigilo, ou seja, apenas a participante e a pesquisadora estiveram cientes de tal desistência. Estes protocolos de pesquisa foram imediatamente descartados.

Os benefícios decorrentes deste estudo foram gerados pela própria participação, no momento do preenchimento do questionário, visto que provavelmente foi gerado um estado de atenção autoconsciente nas participantes. Algumas delas relataram uma sensação de bem estar e de organização das ideias acerca de si mesmas. Considera-se que a reflexão sobre si mesma, sobre o próprio comportamento e sobre o pensamento são atividades importantes para o autoconhecimento, planejamento de ações futuras e modificação de características que possam estar gerando desconforto ou sofrimento, promovendo assim o bem-estar.

3. 3 – Instrumentos

Entrevista semi-estruturada com base nas dimensões integradas do Self propostas por L'Écuyer (1978)

Entrevista composta por 14 perguntas abertas, elaboradas com o objetivo de acessar as múltiplas dimensões do Self somático, Self possessivo, imagem do Self, valor do Self, atividade do Self, Referência aos outros e Opinião dos outros sobre si (L'Écuyer, 1978). Cada uma destas dimensões foi descrita, neste trabalho, no segundo capítulo, seção 2.2.4.

Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (Giavoni; Tamayo, 2005)

Escala de tipo Likert composta por 75 itens e construída com objetivo de avaliar os esquemas masculino e feminino do autoconceito das mulheres, assim como o nível de desenvolvimento de cada um destes esquemas e “os padrões perceptivos de indivíduos cujos esquemas apresentam níveis de desenvolvimento semelhantes” (Giavoni; Tamayo, 2005). A escala de 5 pontos varia de ‘1’ (não se aplica) a ‘5’ (aplica-se totalmente), a partir do julgamento do participante em relação a adequação do conteúdo do item ao seu autoconceito. Os fatores que compõem a escala masculina (Arrojamento, Egocentrismo e Negligência) referem-se à determinação na busca dos objetivos, às dificuldades em lidar com a frustração e ao desleixo em relação a si mesmo e a objetos pessoais. Os fatores referentes à escala feminina (Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social) referem-se à

atratividade, à insegurança nas relações sociais e à adequação em relação à moral e bons costumes.

Escala de Clareza do Autoconceito (Campbell *et al*, 1996, versão em português Nascimento, 2008)

Escala de tipo Likert composta por 12 itens e construída com objetivo de acessar o aspecto estrutural, unidimensional e epistemológico do autoconceito, a clareza, consistência e estabilidade de sua constituição. A escala de 5 pontos varia de '1' (discordo totalmente) a '5' (concordo totalmente), a partir do julgamento do participante em relação a adequação do conteúdo do item à sua clareza do autoconceito, que pode ser definida como a medida em que as crenças de um indivíduo em relação a si mesmo são claramente percebidas, definidas, consistentes e estáveis. Campbell *et al* (1996) consideram que características pessoais, como determinação e direcionamento em relação à metas, são manifestações, ou bons indícios da clareza do autoconceito.

Escala de Autoconsciência Situacional (Nascimento, 2008)

Escala de tipo Likert composta por 13 itens e construída com objetivo de mensuração das diferenças individuais na capacidade cognitiva de autofoco enquanto estado (situacional), com ênfase nas modalidades não-ansiosas da autoconsciência (reflexão) e ansiosas (ruminação) e na mediação cognitiva de autoconsciência por imagens mentais (mediação icônica). Exemplos de itens típicos da escala são: “*Neste instante, eu avalio algum aspecto que me diz respeito.*” (Item 01, Reflexão), “*Neste instante, eu fantasio uma situação sobre um assunto que me*

preocupa.” (Item 05, Ruminação) e “*Neste instante, eu estou me vendo em minha mente.*” (Item 10, Mediação Icônica), os quais receberam respostas numa escala Likert de 05 pontos variando de ‘1’ (discordo totalmente) a ‘5’ (concordo totalmente), referentes ao julgamento de adequação do conteúdo de cada autoafirmação do instrumento a como o participante se percebe no exato instante em que respondeu a cada um dos itens propostos.

Escala Crime Emoções (Canter; Ioannou, 2004)

Escala de tipo Likert composta por 25 itens, que configuram diferentes emoções, e que foi construída com o objetivo de abordar, dentre pessoas que cometeram crimes, a autodescrição dos sentimentos que foram vivenciados na cena do crime, de acordo com o que conseguiam lembrar claramente. A escala faz parte de uma entrevista mais extensa a respeito da experiência do crime, realizada pelos autores dentro da prisão, onde foram abordados variados aspectos da história de vida e entrada no mundo do crime. A escala Likert de 05 pontos varia de ‘1’ (sentiu-se nem um pouco) a ‘5’ (sentiu-se muitíssimo), referentes ao julgamento de adequação da emoção vivenciada no crime ao conteúdo de cada autoafirmação do instrumento (sozinha, preocupada, corajosa, por exemplo).

3. 4 – Análise dos Dados

3.4.1 – Análise qualitativa

A análise qualitativa do estudo foi realizada, como já descrito nos procedimentos, a partir dos dados construídos nas cinco entrevistas

semiestruturadas. Utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo, com filiação inicial à proposta de Bardin (1977), mas adotando-se, essencialmente, a interessante proposta de sistematização da técnica que pode ser encontrada em Moraes (1999). Lançado o ponto de partida, vale especificar ainda mais a presente análise como qualitativa, construtiva ou heurística, visto que, embora os dados emergissem de uma certa estrutura da entrevista, as categorias emergiram no decorrer dos conteúdos produzidos pelas entrevistadas. De acordo com os objetivos do presente trabalho, e com a proposta de Moraes (1999), a Análise de conteúdo foi dirigida à investigação do sujeito que fala, considerando-se que as respostas emitidas pelas mulheres denotam suas crenças, valores, comportamentos, todos representantes de elementos do autoconceito. Foi uma análise também direcionada à investigação do que o sujeito diz, por terem sido observados elementos da própria mensagem emitida, como os argumentos e movimentos reflexivos nas falas das mulheres.

Cinco etapas processuais foram realizadas, todas baseadas na proposta de Moraes (1999). Na primeira destas etapas, **preparação das informações**, após a releitura das cinco entrevistas, foram incluídas na amostra todas elas, por seus conteúdos terem sido considerados representativos e pertinentes aos objetivos de pesquisa delineados no trabalho. Cada uma das entrevistas passou a ser considerada, doravante, um documento, e foi codificada pela letra E (entrevista), seguida por um numeral cardinal, de acordo com a ordem de realização das entrevistas.

Na etapa seguinte, **unitarização dos dados**, uma nova leitura dos documentos foi implementada, para escolha das Unidades de Análise (UA), que no estudo teve o recorte definido por frases que produzissem uma unidade de significado textual. Estas receberam, assim como as entrevistas, uma codificação

em numeral cardinal (UA, seguida por um numeral cardinal, sequencialmente atribuído na ordem em que aparecem, a partir da primeira entrevista). Foram geradas, nesta etapa, trezentas e oitenta e duas Unidades de Análise. Este código foi precedido pela letra E (anteriormente atribuída), e o número da entrevista, de acordo com a pertinência das UA a cada uma delas. As frases puderam ser minimamente reelaboradas, a fim de permitirem a sua compreensão textual enquanto unidade. Com este mesmo intuito, foram elaborados e acrescidos (à codificação das UA) novos códigos, as Unidades de Contexto (UC). As UC são categorias mais amplas que as UA, e objetivam possibilitar, neste estudo, uma rápida compreensão da localização das UA dentro do contexto geral da entrevista. Cada código das Unidades de Contexto refere-se a uma das perguntas do roteiro da entrevista. A tabela 01, a seguir, descreve o sistema de codificação elaborado no estudo, para que fique clara a sua utilização nos resultados da parte qualitativa no próximo capítulo.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO
ENTREVISTAS	
E.1	Entrevista 1
...	...
E.5	Entrevista 5
UNIDADES DE CONTEXTO	
UC.Hoje	Por favor, diga cinco frases que representem, ou signifiquem, como você se vê e se sente, atualmente.
UC.Apar	Em relação a sua aparência, como você se vê e se sente?
UC.Org	Em relação ao seu organismo, seu corpo?
UC.Aquis	Em relação a ter, comprar algum objeto?
UC.Relac	Em relação a relacionamentos?
UC.Fut	Em relação a seus sonhos pra futuro?

UC.Sent	Em relação a seus sentimentos?
UC.Qua/Def	Em relação a suas qualidades e seus defeitos?
UC.Outros	Em relação a outras pessoas, como se sente, como consegue conviver com os outros?
UC.Hab	Em relação a suas habilidades, suas competências, o que você tem de melhor?
UC.Ind/Dep	Em relação a independência ou dependência, como se sente?
UC.RelAfet	Em relação aos relacionamentos afetivos?
UC.OpOut	Qual é a sua opinião em relação aos outros?
UC.OutSi	Em relação a opinião que você acha que os outros têm sobre você?
UNIDADES DE ANÁLISE	
UA.1	Unidade de Análise 1
...	...
UA.382	Unidade de Análise 382

Na terceira etapa, **categorização das unidades de análise**, os conteúdos semânticos expressos nas UA determinaram a criação das trinta e sete Categorias temáticas. Em cada uma das categorias, foram agrupadas as UA que apresentaram similaridade no significado expresso ou subtendido a partir do contexto. Ainda de acordo com os critérios estabelecidos por Moraes (1999), as categorias criadas podem ser consideradas válidas (são pertinentes e úteis ao objetivo da pesquisa), exaustivas (incluíram todas as Unidades de Análise encontradas), homogêneas (apresentam apenas um critério de classificação), exclusivas (cada UA pode ser classificada em apenas uma categoria), e por fim, consistentes (são descritas de maneira clara, não deixando dúvidas em toda a classificação).

Na quarta etapa, **descrição das categorias**, cada uma das categorias foi melhor explicitada, utilizando inclusive, Unidades de Análise mais ilustrativas de cada categoria. Esta etapa pode ser visualizada na íntegra no capítulo que se segue, dos resultados. Por fim, a quinta e última etapa, **interpretação**, foi realizada

uma análise mais aprofundada, na tentativa de melhor compreensão acerca dos sentidos expressos em cada categoria, acessando-se, para tanto, tanto os conteúdos manifestos quanto os conteúdos latentes.

3.4.2 – Análise quantitativa

Utilizou-se o pacote informático estatístico *SPSS* (versão 15) para realização das principais estatísticas descritivas (medidas de tendência central, dispersão e frequência), e a partir destas, puderam ser realizadas as análises de Componentes Principais (CP) e a análise de consistência interna (*Alfa de Cronbach*) dos fatores encontrados para cada medida do presente estudo. Com a finalidade de se conhecer a fatorabilidade da matriz de correlação dos itens das escalas de Clareza do Autoconceito, Autoconsciência Situacional e Crime Emoções em análise, foram utilizados o índice *Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)* e o *Teste de Esfericidade de Bartlett*. Para determinação do número de fatores a serem retidos usou-se os critérios da *Raiz Latente* (Autovalores) e do *Gráfico de Declive* (o Teste *Scree*), também conhecidos como critérios de *Kaiser* e de *Cattell*, respectivamente. Para definição da estrutura final das escalas usou-se rotação ortogonal de tipo varimax com o cálculo dos alfas correspondentes, para verificação da consistência final (ver Hair *et al.*, 2005; Reis, 2001; Loewenthal, 2004; Dawis, 1987; Artes, 1998; Pasquali, 1998; 2003; Bezerra, 2007; Fávero, Belfiore & Nélo, 2007; Aranha & Zambaldi, 2008).

A estatística de *Kaiser-Meyer-Olkin (KMO)* é recomendada por vários autores, incluindo os da pesquisa em psicologia (ver Reis, 2001; Gouveia *et al.*, 2007; Froehlich & Neumann, 2007; Fávero, Belfiore & Nélo, 2007), na verificação da intercorrelações entre as variáveis da matriz de correlações, sendo aceitáveis valores do *KMO* acima de $|.70|$, podendo-se excepcionalmente aceitar valores de

[.60] em diante, em casos de medidas psicológicas mais fluidas, considerando-se a análise fatorial com este valor 'razoável'. Medidas adequadas do *KMO* associadas a um χ^2 significativo no *Teste de Esfericidade de Bartlett*, aumentam a confiança do pesquisador na fatorabilidade da matriz de correlações e na existência de componentes principais interpretáveis subjacentes à mesma. No processo de determinação do número de fatores (componentes) a serem retidos, podem-se usar conjuntamente os critérios de *Kaiser* retendo-se todos os autovalores acima de 1, e o critério de *Cattell*, aproveitando-se todos os autovalores até ao ponto em que começa a rampa suave, ou ponto da curva que denota uma abrupta diminuição no ângulo de afastamento dos autovalores no gráfico *Scree*. Com a rotação dos fatores e extração das cargas fatoriais de cada item componente dos mesmos, retém-se os itens dentro de cada fator com cargas superiores a [.40] e que não carreguem em dois fatores simultaneamente, procedendo-se à nomeação dos fatores encontrados, e verificando-se ao final os valores do *Alfa de Cronbach* para cada um deles (fatores), os quais devem ser preferencialmente de [.70] em diante, para que se considere adequada a consistência interna da escala e seu uso para fins diagnósticos (Hair *et al.*, 2005; Loewenthal, 2004; Pasquali, 2003).

Para análise das relações existentes entre as múltiplas variáveis, utilizou-se a Regressão Múltipla, que de acordo com Tabachnick e Fidell (1996) é um conjunto de técnicas de análise estatística que visa determinar as correlações entre uma determinada variável dependente (VD) com variáveis independentes (VIs). O resultado deste tipo de Regressão é expresso como uma equação que representa a predição de uma VD em relação a muitas VIs: $y = a + \beta x_i + \epsilon$, onde: y é a variável dependente; a é a constante; β é o parâmetro, coeficiente padronizado de regressão; x_i são as variáveis independentes (preditoras) e ϵ é o erro ou resíduo

(diferença entre os valores observados e preditos). A qualidade do instrumento de investigação escolhido no estudo pode, nesta técnica, também ser avaliada pelo coeficiente de determinação, R^2 , que se for igual a 0,501, por exemplo, significa que a variável dependente explica 50% da variância das variáveis independentes. Assim, a regressão possibilita a análise do quanto cada variável preditora aumenta o potencial explicativo da equação da regressão.

Foram ainda realizadas análises correlacionais com o uso da estatística r de *Pearson*, que mostra a probabilidade da relação encontrada entre as variáveis ocorrer por erro amostral, dado que a hipótese nula seja verdadeira, além de informar sobre a magnitude e grau desse relacionamento (Dancey & Reidy, 2006) e ainda a correlação de Spearman, para verificar como as Variáveis Independentes: Idade, Tempo de Prisão em meses, Irmãos Presos, Pais Presos, Quantidade de Prisões e Escolaridade e os fatores de todas as Escalas utilizadas no estudo se correlacionam entre si.

CAPÍTULO 4

Resultados

4. 1 – Resultados da Análise Qualitativa

A seguir, serão apresentadas as descrições detalhadas das trinta e sete Categorias de Análise construídas, contendo excertos dos conteúdos linguísticos produzidos pelas cinco mulheres que participaram das entrevistas na etapa qualitativa do estudo. No total, estas mulheres produziram 382 frases, cujas frequências, em cada categoria, serão demonstradas depois desta descrição.

Categoria I – *EU SOU UMA PESSOA MELHOR HOJE DO QUE QUANDO FUI PRESA*

Na primeira categoria, que abrange Unidades de Análise de todas as entrevistas realizadas, as narrativas referem-se à convicção da ocorrência de algum tipo de modificação nas vidas das mulheres entrevistadas, num sentido de melhoramento. Esta modificação tem a ocorrência apontada nas experiências vividas após o encarceramento, num sentido de comparação com suas vidas antes da prisão: *“nessa cadeia eu aprendi a crescer, a ser uma adulta, porque era criança na rua”* (E.5 UC.Hoje UA.309). As expressões de mudança são desenhadas como amadurecimento, autoconfiança, capacidade de superação, melhora da autoestima, diminuição dos conflitos internos e financeiros e flexibilização nas relações: *“na rua eu era mais rígida, aqui eu dei uma moderada”* (E.1 UC.Outros UA.79); *“se eu voltar pra rua amanhã, vou tranquila, vou com a minha consciência limpa de que fiz algo para melhorar aqui dentro”* (E.5 UC.Hoje UA.307).

Ainda são relatadas aprendizagens diversas, com melhora no nível de escolaridade: *“eu cheguei aqui com o primeiro grau incompleto, concluí e estou concluindo o segundo”* (E.1 UC.Hab UA.91) e profissionalização: *“aprendi a fazer macramê”* (E.3 UC.Hab UA.207); *“antigamente, eu queria continuar meus estudos para ser enfermeira, só que tinha medo de sangue, hoje em dia é tranquilo”* (E.4 UC.Hab UA.271). Ainda são relatadas melhorias referentes à capacidade de tomada de decisão, num sentido de melhor adaptação às leis e regras do convívio em sociedade, de reflexão antes da ação, para não mais incorrer no erro: *“lutei pra sair uma pessoa diferente daqui de dentro, com mais juízo”* (E.5 UC.Hoje UA.308); *“amanhã, se eu receber meu alvará, eu vou sair com a mesma cabeça que eu tenho hoje, de fazer um futuro melhor, lá fora”* (E.5 UC.OutSi UA.382).

Categoria II – *EU TENHO PLANOS PARA O MEU FUTURO*

Nesta categoria também são encontradas UA de todas as entrevistas realizadas. As narrativas encontradas giram em torno das expectativas construídas no cárcere acerca da retomada ou reconstrução da antiga vida em sociedade e/ou do planejamento de novos rumos para a vida futura em liberdade. Estas

expectativas podem referir-se às relações familiares e moradia: *“sonho com aquela coisa de família, mas sei que vai ser diferente porque eles já têm a vida deles”* (E.1 UC.Fut UA.49); *“sonho em estar mais perto de meu filho, cuidar mais, dar uma vida, morar num lugar calmo”* (E.2 UC.Fut UA.162), às relações amorosas: *“você sonha em encontrar o grande homem da sua vida”* (E.1 UC.Fut UA.40.) ou podem referir-se aos estudos: *“eu quero cursar uma faculdade, ou pra professor, médico, alguma coisa pra me formar”* (E.5 UC.Fut UA.337). Ainda foram encontradas expectativas em relação ao trabalho: *“para a minha vida, quero trabalhar”* (E.3 UC.Fut UA.192) e ao lazer: *“eu tenho vontade de conhecer Veneza”* (E.1 UC.Fut UA.44).

Também foram inscritas na categoria as narrativas que apontam o ato de reflexão sobre o futuro como algo de importância dentro do cárcere: *“lá fora não pensamos tanto no futuro como num lugar como este”* (E.2 UC.Fut UA.159); *“se você deixa de sonhar, você deixa de viver”* (E.1 UC.Fut UA.43).

Categoria III – EU SOFRO MUITO POR ESTAR PRESA

Na categoria III, constituída por Unidades de Análise de quatro das entrevistas, podem ser observadas narrativas referentes ao sofrimento que decorre do próprio encarceramento: *“temos um determinado sentimento ‘de tranca’, tudo se torna trancado, bloqueado, guardado pra nós mesmas”* (E.2 UC.Sent UA.164). Este sofrimento é traduzido pelas mulheres como tristeza, mal-estar, perda do significado e da alegria da vida: *“aqui, a vida da gente é roubada”* (E.2 UC.OutSi UA.179), sensação de perturbação e sufoco, assim como saudades da família: *“à noite, ficamos perturbadas, sofrendo, pensando na família lá fora”* (E.2 UC.Hoje UA.137). Outras expressões do sofrimento são referidas como humilhação, privação e tédio: *“cansa estar nesse lugar: você olha pra um lado, é grade, olha pro outro, é grade, todo dia, a mesma coisa, não poder ver a rua... saber que tem um mundão lá fora, mas você não pode nem chegar lá”* (E.4 UC.Qua/Def UA.267).

Observa-se, de maneira geral, que o afastamento do convívio familiar e o tempo ocioso no cárcere (inclusive para as que trabalham, neste caso o ócio à noite, quando voltam para suas celas) são os fatores relacionados com estas expressões de sofrimento segundo o relato das mulheres.

Categoria IV – EU SOU MUITO TRABALHADORA

Nesta categoria, que abarca UA de quatro das entrevistas, pode ser encontrada uma autorreferenciação das mulheres como pessoas que se esforçaram muito no trabalho, durante a adolescência e vida adulta: *“desde meus quinze anos comecei a trabalhar”* (E.5 UC.Ind/Dep UA.366); *“minha vida era trabalhando de domingo a domingo, porque eu tinha meu bar”* (E.3 UC.OutSi UA.222). Depois de presas, referem e assinalam sua ocupação em atividades laborais dentro da Unidade Prisional, como alternativa para o ócio: *“o dia ocupa a mente da gente, principalmente das que trabalham”* (E.2 UC.Hoje UA.138), para a falta de atividades físicas: *“tenho asma, então meu pulmão precisa trabalhar para eu me sentir bem melhor”* (E.2 UC.Org UA.152), e para a escassez de recursos financeiros: *“sempre*

comprei meus lanches, minhas coisas, com meu suor, com dinheiro do trabalho nas fábricas aqui dentro” (E.5 UC.Ind/Dep UA.370).

Categoria V – EU TENHO QUALIDADES

Nesta categoria, onde se inserem UA de quatro das entrevistadas, observa-se que são apontadas pelas mulheres algumas das suas qualidades, que de uma maneira geral expressam-se em torno de uma auto-valorização como pessoas boas: *“meu sentimento é bom, de fazer coisas boas”* (E.5 UC.Sent UA.340), como pessoas que se relacionam bem com os outros: *“me relaciono bem com todo mundo”* (E.2 UC.Relac UA.155); *“eu não sou uma pessoa chata, antipática”* (E.5 UC.Qua/Def UA.351) e como boas cuidadoras: *“adoro cuidar dos meus filhos”* (E.1 UC.Qua/Def UA.72); *“sou louca pra deixar minha casa bem decorada”* (E.1 UC.Qua/Def UA.73).

Foi encontrado também um caráter comparativo com as outras mulheres do cárcere, no que diz respeito às qualidades: *“acho que tenho mais qualidades do que as outras pessoas”* (E.1 UC.Outros UA.76).

Categoria VI – EU TENHO DEFEITOS

Nesta categoria, onde também se inserem UA de quatro das entrevistadas, são apontados os seus defeitos, que vão desde características do comportamento: *“eu sou um pouco controladora”* (E.1 UC.Qua/Def UA.66); *“meu defeito é não conversar”* (E.2 UC.Qua/Def UA.168) e características do atual estado de humor: *“tem hora que me estresso com tudo”* (E.4 UC.Qua/Def UA.266) à realização de ações que trouxeram prejuízo para as suas vidas: *“meu defeito é me juntar com quem não devia”* (E.3 UC.Qua/Def UA.194); *“meu defeito é confiar demais em todo mundo”* (E.5 UC.Qua/Def UA.348), que trazem uma provável referência ao encarceramento como consequência destes defeitos.

Categoria VII – MINHA OPINIÃO SOBRE PESSOAS COM AS QUAIS CONVIVO É PÉSSIMA

Nesta categoria, que abarca UA de quatro das entrevistas, são trazidas muitas referências às pessoas com as quais as mulheres são obrigadas a conviver na vida do cárcere, sempre num sentido muito negativo, permeado por grandes dificuldades: *“aqui dentro você convive com pessoas, que faz aquela reviravolta e você pensa, meu Deus, com que pessoas eu vou ter que conviver?”* (E.1 UC.OpOut UA.111); *“só posso estar num hospital psiquiátrico, isso é uma coisa que choca você bastante”* (E.1 UC.OpOut UA.112); *“aqui é difícil a convivência, mas tem que tentar conviver”* (E.3 UC.Outros UA.202); *“é difícil aqui dentro se relacionar, confiar, porque aqui dentro é tudo presa”* (E.5 UC.OpOut UA.375).

Ainda são encontradas, neste sentido, referências mais diretas ao comportamento inadequado das pessoas no cárcere: *“aqui as pessoas têm um comportamento muito agressivo”* (E.5 UC.OpOut UA.377); *“aqui dentro, eu não me*

junto com muita gente, porque tem muita gente errada, da pesada mesmo, com quem eu não quero me envolver” (E.5 UC.Outros UA.357); *“pra mim, nenhum comportamento dos outros serve, eu fico com o meu, mesmo”* (E.2 UC.OpOut UA.174); *“aqui, as pessoas não têm um mínimo do que um ser humano precisa ter pra passar para o outro: dizer um ‘boa noite, com licença, como vai, como tem passado’”* (E.1 UC.OpOut. UA.113); *“aqui, as pessoas parecem que viveram na idade da pedra, parecem bichos, se alimentando”* (E.1 UC.OpOut UA.118).

Para lidar com estas dificuldades encontradas, as entrevistadas fazem referência a estratégias de enfrentamento: *“você que tem certa formação, deve pelo menos entender porque eles fazem isso, não é fácil, é difícil”* (E1. UCOpOut. UA117.); *“eu não quero sair daqui e ter alguém lá fora que queira me matar, então, se eu for lidar com esse povo, eu sei que um dia eu vou ser perseguida”* (E.5 UC.Outros UA.358).

Categoria VIII – AS PESSOAS TÊM BOA OPINIÃO SOBRE MIM

Nesta categoria, que abarca UA de quatro das entrevistas, as mulheres afirmam-se como referência de comportamento ideal, no local onde viviam antes de serem presas: *“eu era tão certa que, quando fui presa, eu mesma e todos que me conheciam desde pequeninha, perguntaram: ‘por que com ela, que era uma menina tão certa, fazia as coisas tão certas, e por que ela naquele lugar?’”* (E.5 UC.Hoje UA.294); *“as pessoas tinham opinião muito boa a meu respeito”* (E.3 UC.OutSi UA.223). Comportamento ideal, ainda, dentre as detentas: *“as pessoas me veem como uma outra pessoa, que teve outra educação, outros modos, outra maneira de ver a vida”* (E.1 UC.OutSi UA.126); *“sou muito referenciada na minha cela, onde moro com dezenove mulheres”* (E.2 UC.OutSi UA.175) e para os técnicos que trabalham no presídio: *“aqui dentro todo mundo gosta de mim: professor, diretor de escola”* (E.5 UC.Hoje UA.301) e a própria família: *“minha mãe, meu pai, minhas irmãs, viram que eu mudei pra melhor, graças a Deus”* (E.5 UC.OutSi UA.379).

Categoria IX – EU NÃO SEI O QUE AS PESSOAS PENSAM SOBRE MIM

Nesta categoria, onde se inserem UA de apenas uma das entrevistas, é referido o desconhecimento acerca das opiniões dos outros acerca de si mesma: *“não sei o que os outros vão sentir, falar, pensar de mim”* (E.3 UC.OutSi UA.220).

Categoria X – EU SOFRO COM O PRECONCEITO DE ALGUMAS PESSOAS

Nesta categoria, com UA de duas das entrevistas, podem ser observados discursos acerca do sofrimento advindo do preconceito que as mulheres vivenciam por estarem presas: *“eu acho que todo mundo me aponta, porque estou nesta situação, presa, então recuo, fico acanhada”* (E.4 UC.OutSi UA.279); *“mesmo que a pessoa não fale, no ato, no olhar, muitas vezes demonstra muita coisa, então quando eu vejo isso eu tento me afastar, mas me sinto mal”* (E.4 UC.OutSi UA.282);

“tem pessoas de fora da prisão, que às vezes têm preconceito com presas” (E.4 UC.Outros UA.269).

Categoria XI – *AQUI, AS PESSOAS SÃO SOLIDÁRIAS A MIM*

Nesta categoria construída a partir das UA de duas das entrevistas, são assinaladas as atitudes solidárias das pessoas com as quais as mulheres convivem no cárcere, tanto detentas: *“as companheiras de cela sempre me dão conselho, sempre estão ao meu lado”* (E.5 UC.Hoje UA.300), quanto técnicos: *“a diretora sempre me apoiou, desde que eu comecei trabalhar com ela, sempre me dá força”* (E.5 UC.Hoje UA.299); *“aqui onde eu trabalho, as pessoas me ajudam muito”* (E.4 UC.Fut UA.257).

Ainda nesta categoria, é ressaltado o importante papel da solidariedade para o bem-estar destas mulheres: *“me ajuda muito as pessoas falarem que eu não desista dos meus sonhos, que quando eu sair eu não saia de cabeça baixa, mas de cabeça erguida”* (E.4 UC.Fut UA.259); *“uma hora você está rindo, outra hora está chorando, então alguém chega e abraça, dá uma palavra de conforto, a outra diz ‘calma, você vai sair’”* (E.5 UC.Hoje UA.290).

Categoria XII – *EU SOU SOLIDÁRIA, SEM ESPERAR RECOMPENSA*

Nesta categoria, que condensa UA de quatro das entrevistas, podem ser observados relatos acerca de intenções e atitudes solidárias das próprias detentas entrevistadas, em relação ao companheiro: *“eu não esqueceria um companheiro preso, como se nunca tivesse passado na minha vida, viria de vez em quando, trazer algo diferente para comer, perguntar como está”* (E.1 UC.Sent UA.59), e em relação às outras detentas: *“sempre alguma presa passa mal de madrugada, então venho socorrer na cela”* (E.4 UC.Org UA.239); *“se houver alguém passando fome, eu vou lá dar uma ajuda, e os outros não fazem isso comigo”* (E.5 UC.Outros UA.355). Ainda nesta categoria, observa-se o recorrente relato de que esta solidariedade independe do reconhecimento posterior deste ato, ou até da possibilidade de ser prejudicada futuramente pela própria pessoa que ajudou: *“se chega uma do meu lado, chorando por alguma coisa, eu vou lá, perguntar o que tá acontecendo, mesmo que amanhã aquela pessoa queira me derrubar”* (E.5 UC.Qua/Def UA.353).

Categoria XIII – *É DIFÍCIL TER UM RELACIONAMENTO*

Nesta categoria, com UA de três das entrevistas, observa-se o relato de dificuldades diversas em manter um relacionamento dentro do cárcere: *“relacionamento aqui é difícil”* (E.5 UC.Relac UA.329); *“é mais complicado ter relacionamento, porque meu marido também está preso, e tínhamos pernoite, mas a licença venceu”* (E.4 UC.Relac UA.248); *“aqui dentro é quase impossível ter relacionamentos”* (E.1 UC.Relac UA.27). Tais dificuldades são atribuídas ao fato do

companheiro também estar preso: *“se meu marido não estivesse preso, viria aqui sempre”* (E.4 UC.Relac UA.251); às questões judiciais do funcionamento das visitas íntimas: *“aqui eu dependo muito da justiça, dependo muito de uma autorização pra poder ver meu marido”* (E.4 UC.Relac UA.252) e aos próprios critérios de escolha dos futuros companheiros: *“vou ser muito mais exigente comigo mesma, na hora de escolher alguém”* (E.1 UC.Sent UA.56); *“vou querer um sentimento verdadeiro”* (E.1 UC.Sent UA.58).

Ainda nesta categoria, está presente a insegurança das mulheres, quando seus companheiros também estão presos, em relação à possibilidade de infidelidade por parte deste: *“nós mulheres, somos muito seguras, especialmente quando estamos presas, porque o homem tem facilidade de arrumar uma pessoa de fora, que o visite, ao contrário de mim”* (E.4 UC.Relac UA.250).

Categoria XIV – EU SOU FELIZ COM MEU RELACIONAMENTO

Nesta categoria, oriunda de UA de apenas uma das entrevistas, é referida a vivência de um relacionamento afetivo satisfatório, a despeito do cárcere: *“aqui eu tenho minha relação hoje, eu convivo com um homem e ele é muito bom pra mim, uma boa pessoa na minha vida, eu agradeço a Deus que colocou ele na minha vida”* (E.5 UC.Relac UA.330); *“a relação aqui é boa, tem como levar”* (E.5 UC.Relac UA.333).

Categoria XV – EU FUI PRESA POR CAUSA DE UM COMPANHEIRO

Nesta categoria, oriunda de UA de apenas uma das entrevistas, surge o relato de que a prisão da mulher foi decorrente de um relacionamento afetivo com um homem: *“o relacionamento que eu tinha me fez estar aqui hoje”* (E.3 UC.Relac UA.189); *“o que aconteceu comigo foi algo passageiro, eu conheci um rapaz, estava gostando dele, ele me chamou pra viajar e eu caí nessa”* (E.3 UC.OutSi UA.219).

Categoria XVI – DEPOIS DA PRISÃO, EU FUI REJEITADA PELA FAMÍLIA

Nesta categoria, onde se inserem UA de três das entrevistas, encontram-se os relatos das vivências de rejeição das mulheres por suas famílias, após o evento prisão: *“aqui a pessoa é muito desprezada pela família”* (E.3 UC.Hoje UA.182); *“minha família tem pessoas bem estruturadas, alicerçadas, de tempos onde não existia droga, ou a violência de hoje, aí ninguém aceitou minha prisão, inclusive meus filhos”* (E.1 UC.RelAfet UA.102); *“aqui dentro, eu passei um ano e oito meses sem visita de ninguém, sem ajuda de ninguém”* (E.5 UC.Ind/Dep UA.368). São, ainda, encontrados os relatos da dureza desta rejeição: *“todos me puniram, de uma maneira muito dura, quando fui presa”* (E.1 UC.RelAfet UA.104). As entrevistadas referem-se, especialmente, ao abandono por parte dos filhos: *“eu tenho uma filha e tenho um neto, mas eles moram longe, então não vêm”* (E.3 UC.OutSi UA.227); *“meus filhos vêm pouco aqui”* (E.1 UC.RelAfet UA.103).

Categoria XVII – *DEPOIS DA PRISÃO, EU FUI ABANDONADA POR MEU COMPANHEIRO*

Esta categoria, que contém UA de apenas uma entrevista, apresenta as referências à vivência de abandono em relação ao companheiro com o qual a mulher vivia antes da prisão: *“quando eu fui presa, eu tinha um companheiro e ele se magoou”* (E.1 UC.Sent UA.53); *“meu companheiro não teve estrutura, ou não gostava de mim o suficiente, pra superar minha prisão e me perdoar”* (E.1 UC.Sent UA.54).

Categoria XVIII – *SINTO-ME SOLITÁRIA*

Esta categoria apresenta as UA de duas das entrevistas realizadas, e refere-se ao sentimento de solidão vivenciado pelas mulheres dentro do cárcere, em decorrência da vida em liberdade: *“não consigo controlar a carência afetiva ainda, choro com saudade da casa, dos filhos, da vida que eu levava, choro com saudade de um companheiro ainda”* (E.1 UC.RelAfet UA.108), ou em decorrência das relações familiares: *“é difícil, porque cada vez que meu filho vem aqui ele me pergunta: ‘tu vai embora quando? eu tenho muita saudade da senhora, a senhora faz muita falta. Me diz o que é que eu faço, pra senhora ir embora’, então eu fico de coração partido”* (E.4 UC.Hoje UA.234) e amorosas: *“é muito difícil você saber viver sem uma outra metade”* (E.1 UC.Relac UA.36); *“você não é feliz sozinho”* (E.1 UC.Relac UA.37).

Categoria XIX – *EU TENHO ARREPENDIMENTOS*

Esta categoria também apresenta as UA de duas das entrevistas realizadas, e denota o sentimento de arrependimento das mulheres, tanto por terem cometido um erro que as levou a prisão: *“errar é humano... eu acho que errei, um dia, e tô pagando pelos meus erros hoje”* (E.5 UC.Hoje UA.304); *“eu também não merecia ter feito isso comigo, ser presa”* (E.1 UC.RelAfet UA.106), quanto por não terem aproveitado as oportunidades da vida em liberdade: *“por que foi que eu desisti de mim mesma?”* (E.1 UC.Hab UA.89); *“porque foi que eu não corri atrás?”* (E.1 UC.Hab UA.88).

Categoria XX – *EU SINTO MEDO*

Nesta categoria, que agrupa UA de duas das entrevistas, observa-se o relato do medo em relação às outras presas com as quais as mulheres convivem: *“vi tantas coisas diferentes a respeito de cada uma das presas, que se for olhar fico com medo”* (E.3 UC.OpOut UA.215); *“amanhã alguém pode te derrubar com a confiança que você deu, aí eu tenho medo sempre disso”* (E.5 UC.OpOut UA.376); *“tenho*

medo de conversar, contar meus segredos, contar o que fiz para uma amiga, porque elas se dizem minhas amigas aqui dentro, mas eu não sei se realmente são, não sei se guardam esse segredo” (E.5 UC.OpOut UA.374).

Categoria XXI – PREOCUPO-ME COM O ENVELHECIMENTO

Agrupando UA de apenas uma das entrevistas, esta categoria aponta preocupações em relação ao processo de envelhecimento e suas consequências, que aparecem durante toda a entrevista: *“eu tinha uma idade, agora eu tenho outra” (E.1 UC.Apar UA.14); “eu quero que as pessoas me vejam, no ritmo de vida e aparência, como uma mulher de trinta e sete anos” (E.1 UC.Apar UA.18); “ver que demorei a acordar aos quarenta e sete anos...” (E.1 UC.Hab UA.93); “em relação a vocês assim, mais jovens, eu corro contra o tempo” (E.1 UC.Hab UA.94).*

Categoria XXII – ESFORÇO-ME PARA ESTAR BEM

Esta categoria refere-se a UA de três das entrevistas realizadas, e demonstra a iniciativa das mulheres em delinear estratégias para sentirem-se bem, mesmo estando presas: *“faço de conta que estou morando aqui, faço de tudo pra ficar melhor” (E.3 UC.Qua/Def UA.200); “eu passo a maioria do meu tempo ocupando minha cabeça para não pensar nada de errado” (E.5 UC.Hoje UA.288); “estou presa, mas não estou morta” (E.5 UC.Apar UA.316); “tenho muita fé em Deus” (E.5 UC.Hoje UA.291); “minha autoestima está lá em cima” (E.5 UC.Apar UA.318).*

Categoria XXIII – EU CUIDO DA MINHA APARÊNCIA

Apresentando conteúdos relativos a UA de duas das entrevistas, esta categoria abarca as ações de autocuidado concernentes à aparência física: *“eu sempre cuidei do meu visual muito bem” (E.1 UC.Apar UA.12); “tenho que ter cuidado com a pele” (E.1 UC.Apar UA.15); “eu trabalho aqui na frente, e sempre estou de maquiagem, o povo diz: ‘mulher tu tá na cadeia, se arrumando pra quê?’ eu me arrumo pra me sentir bonita” (E.5 UC.Apar UA.315).*

As mulheres ressaltam, especialmente, uma intensificação destes cuidados com a aparência ocorrida depois do evento prisão: *“aqui eu aprendi a me valorizar mais um pouco, a me arrumar mais, não é porque estou na cadeia que eu vou me dar o desprezo” (E.5 UC.Apar UA.313); “meu corpo ficou mais bonito, minha pele ficou mais limpa, eu acho que eu fiquei mais bonita aqui dentro” (E.5 UC.Org UA.321); “eu passei a cuidar mais ainda do meu visual” (E.1 UC.Apar UA.13); “aprendi a me arrumar mais, toda semana estou no salão, fazendo unha, fazendo meu cabelo, querendo renovar alguma coisa” (E.5 UC.Apar UA.314).*

Categoria XXIV – MINHA APARÊNCIA É NORMAL

Esta categoria descreve UA de duas das entrevistas, e refere-se a um movimento de desconsideração acerca da aparência: *“acho minha aparência normal”* (E.3 UC.Apar UA.183).

Categoria XXV – SINTO-ME MAL EM RELAÇÃO À APARÊNCIA

Esta categoria descreve UA de apenas uma entrevista, e refere um mal-estar da mulher presa em relação à sua aparência: *“não me sinto bem em relação à aparência”* (E.2 UC.Apar UA.139); *“a tristeza não nos deixa perceber o visual”* (E.2 UC.Apar UA.140); *“não me enxergo, porque não tenho condições”* (E.2 UC.Apar UA.141); *“no isolamento, não penso no visual”* (E.2 UC.Apar UA.142).

Categoria XXVI – EU SOU HETEROSSEXUAL

Esta categoria descreve UA de apenas uma entrevista, e assinala a opção sexual da entrevistada: *“nunca me envolvi com mulher”* (E.1 UC.Relac UA.34).

Categoria XXVII – MINHA CONDIÇÃO FÍSICA É BOA

Esta categoria traduz as UA de duas das entrevistas, referindo-se a boa condição física atual das mulheres: *“sinto-me bem em relação ao meu organismo”* (E.3 UC.Org UA.184).

Categoria XXVIII – MINHA CONDIÇÃO FÍSICA É RUIM

Esta categoria traduz as UA de duas das entrevistas, referindo-se a má condição física atual das mulheres: *“estou muito cansada”* (E.4 UC.Org UA.237); *“a perda de massa muscular me deixa um pouco preocupada”* (E.1 UC.Org UA.20).

Categoria XXIX – EU SOU DEPENDENTE

Esta categoria, que foi composta por UA de quatro das entrevistas, refere-se ao relato de dependência das mulheres em relação aos outros, depois do evento prisão, em relação a seu sustento: *“o que eu preciso comprar, dependendo dos outros lá fora, por não poder sair”* (E.4 UC.Ind/Dep UA.276); *“me mantenho com uma prima minha que me ajuda”* (E.3 UC.Aquis UA.188); *“a gente se sente dependente dentro da Unidade”* (E.2 UC.Ind/Dep UA.171), e em relação a certeza de não reincidir no

erro, quando ganhar a liberdade: *“sei que preciso da sua ajuda, pra acreditar que não vou cometer mais o delito, porque isso vai ajudar a me dar forças”* (E.1 UC.OutSi UA.131).

Categoria XXX – *EU SOU INDEPENDENTE*

Esta categoria, que foi composta por UA de duas das entrevistas, refere-se ao relato de independência das mulheres em relação aos outros, mesmo antes de terem sido presas: *“sempre fui independente, nunca dependi de pai, de mãe”* (E.5 UC.Ind/Dep UA.365); *“se queria comprar uma roupa, trabalhava, comecei a me esforçar, nunca dependi de ninguém”* (E.5 UC.Ind/Dep UA.367) e, sobretudo, depois do evento prisão: *“eu me viro pra tudo pra mim, hoje”* (E.3 UC.Ind/Dep UA.211); *“aqui dentro eu sou independente pra tudo”* (E.5 UC.Ind/Dep UA.364); *“aqui dentro mesmo, eu faço minhas coisas”* (E.3 UC.Ind/Dep UA.212).

Categoria XXXI – *EU NÃO POSSO ADQUIRIR O QUE QUERO*

Nesta categoria, que descreve UA de três das entrevistas realizadas, pode ser encontrado o relato da dificuldade na aquisição de bens de consumo, depois que as mulheres encontram-se no cárcere: *“aqui eu tenho nada”* (E.3 UC.Aquis UA.186); *“a gente não tem o poder de adquirir o que a gente quer”* (E.2 UC.Aquis UA.153); *“aqui é tudo mais difícil, nem tudo o que você quer, você consegue comprar”* (E.4 UC.Aquis UA.244). Esta dificuldade não ocorre apenas por causa da perda da liberdade de ir e vir, mas também por causa das proibições de entrada de alguns objetos: *“determinadas coisas são proibidas aqui dentro”* (E.2 UC.Aquis UA.154); *“é proibido ter um radinho pra escutar”* (E.4 UC.Aquis UA.246); *“eu gosto muito de música, para pelo menos de noite, botar um fone no ouvido, e dormir escutando uma música, mas não pode”* (E.4 UC.Aquis UA.247).

Categoria XXXII – *EU ADQUIRO O QUE QUERO*

Nesta categoria, construída a partir de UA de apenas uma das entrevistas, pode ser encontrado o relato de viabilidade na aquisição de bens de consumo, apesar do encarceramento: *“hoje o que eu quero comprar eu tenho”* (E.5 UC.Aquis UA.325); *“a roupa a gente compra aqui dentro mesmo”* (E.5 UC.Aquis UA.324); *“compro o meu lanche”* (E.5 UC.Aquis UA.326); *“compro minhas bijuterias”* (E.5 UC.Aquis UA.327); *“mesmo presa, se tiver condição financeira, tem como comprar”* (E.5 UC.Aquis UA.328).

Categoria XXXIII – EU APRENDI A ADMINISTRAR MEU DINHEIRO

Nesta categoria, onde se inserem UA de uma das entrevistas, são expressas aprendizagens referentes à administração das finanças, que ocorreram apenas após a privação imposta pela situação de encarceramento: *“hoje eu me sinto bem melhor, quanto à independência financeira”* (E.1 UC.Ind/Dep UA.95); *“antes eu almejava coisas que não poderia ter financeiramente”* (E.1 UC.Aquis UA.23); *“acho o recurso do presídio pouco, mas se tornou relativamente grande”* (E.1 UC.Ind/Dep UA.98). Tal aprendizagem é expressa como modificação da antiga forma de reflexão sobre aquisições: *“comecei a botar na minha cabeça que eu não podia mudar minha vida da noite pro dia”* (E.1 UC.Aquis UA.25).

Categoria XXXIV – EU TIVE BOA BASE FAMILIAR

Unidades de Análise de três das entrevistas constituem esta categoria, que delimita as referências diversas sobre apoio e as boas bases educacionais familiares que as mulheres tiveram: *“meu padrasto faleceu, mas enquanto estava vivo eu estava firme, quando ele dava uma palavra para mim eu seguia os conselhos dele... depois que ele faleceu, minha cabeça virou, eu só queria saber de amigo, só queria saber de cachaça”* (E.5 UC.Hoje UA.296); *“meu pai é médico, a família de meu pai é toda da medicina, e ele sempre me apoiou”* (E.4 UC.Hab UA.272); *“eu sou filha de uma analfabeta, minha mãe não tinha leitura, não sabia ler e escrever, mas hoje a mulher que eu sou, foi a minha mãe que fez”* (E.1 UC.OpOut UA.121); *“fui criada muito rígida, com valores e padrões muito fortes”* (E.1 UC.Qua/Def UA.62); *“eu convivia com pessoas de bem, ótimas, que tiveram o mesmo alicerce que eu tive, a mesma educação que eu”* (E.1 UC.OpOut UA.110).

Categoria XXXV – MEUS PAIS ERRARAM COMIGO

Nesta categoria, configurada pelas UA de apenas uma das entrevistas, foram apontadas as falhas dos pais no cuidado e educação da entrevistada: *“meus pais foram ótimos pais, mas na área de amor, de carinho, falharam”* (E.1 UC.RelAfet UA.10.); *“não fui incentivada a estudar”* (E.1 UC.Hab UA.83).

Categoria XXXVI – EU SEI DA MINHA COMPETÊNCIA

Nesta categoria, configurada a partir das UA de apenas uma das entrevistas, pode ser observada a plena convicção acerca do próprio potencial: *“sempre fui uma mulher muito inteligente”* (E.1 UC.Hab UA.81); *“eu reconheço meu potencial”* (E.1 UC.Hab UA.90) e das amplas possibilidades de desenvolvimento profissional: *“eu daria uma grande psicóloga”* (E.1 UC.Hab UA.84); *“eu daria uma grande repórter”* (E.1 UC.Hab UA.85); *“eu daria uma grande uma mulher”* (E.1 UC.Hab UA.86).

Categoria XXXVII – *EU TENHO CERTEZA DE QUE NÃO VOU MAIS REINCIDIR NO MESMO ERRO*

Esta categoria, construída também a partir das UA de uma das entrevistas, encontra-se a convicção de não mais cometer o delito que levou a entrevistada a ser presa: *“pra mim, o mais importante é, primeiramente Deus, e eu ter a certeza de que não vou cometer mais esse delito”* (E.1 UC.OutSi UA.129); *“pra senhora confiar em mim, eu tenho que ter a certeza, dentro de mim, de que não vou mais cometer esse delito”* (E.1 UC.OutSi UA.130).

4.1.1. Frequências das Categorias de Análise de Conteúdo

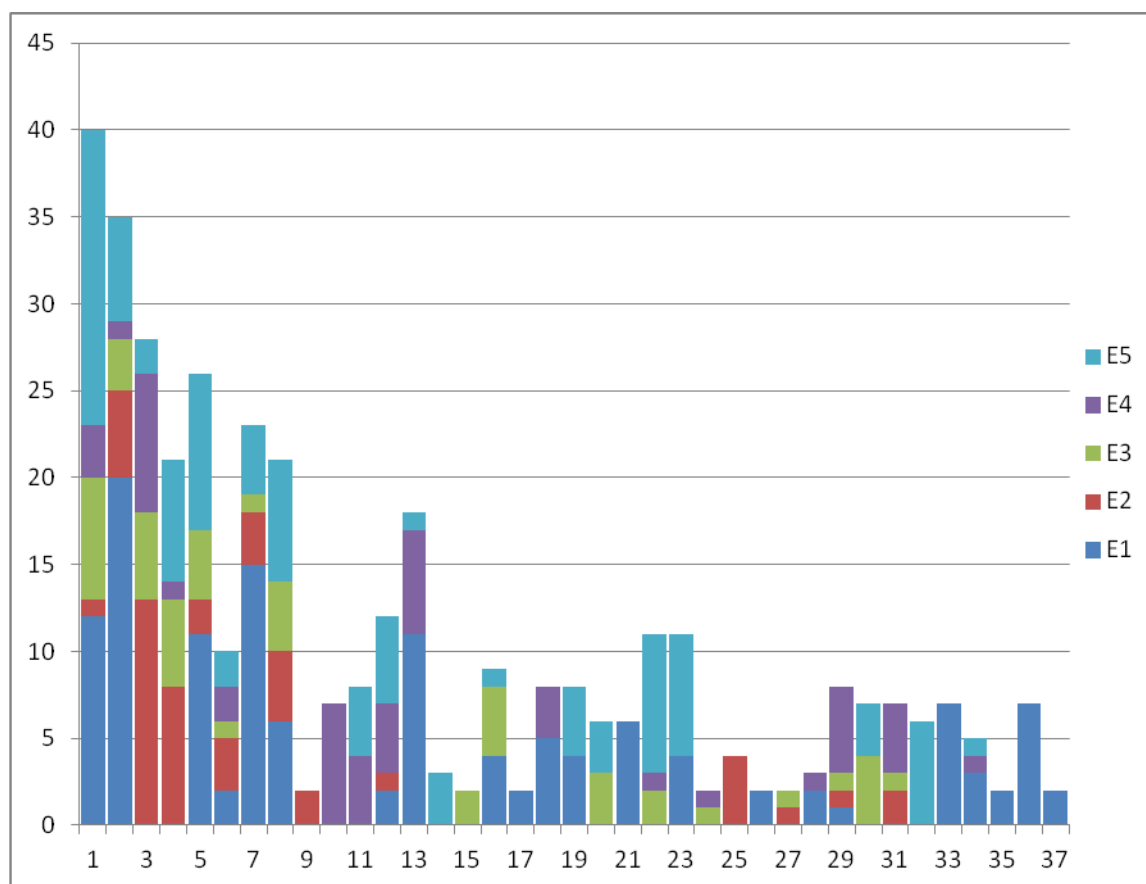
Apenas as categorias I (**Eu sou uma pessoa melhor hoje do que quando fui presa**), II (**Eu tenho planos para o meu futuro**) e VI (**Eu tenho defeitos**) foram construídas a partir de conteúdos produzidos pelas cinco mulheres entrevistadas, sendo as duas primeiras também as mais saturadas, com 40 e 35 frases, respectivamente. Em seguida, as categorias que aparecem com maior número de frases (depois das categorias I e II), enunciadas por quatro das entrevistadas, foram a III (**Eu sofro muito por estar presa**); IV (**Eu sou muito trabalhadora**); V (**Eu tenho qualidades**); VII (**Minha opinião sobre pessoas com as quais convivo é péssima**) e VIII (**As pessoas têm boa opinião sobre mim**), com uma média de 24 frases por categoria.

Categorias menos saturadas de frases, embora tenham sido construídas com base nas respostas da maior parte das entrevistadas, são a XII (**Eu sou solidária, sem esperar recompensa**); XIII (**É difícil ter um relacionamento**); XVI (**Depois da prisão, eu fui rejeitada pela família**); XXII (**Esforço-me para estar bem**); XXIX (**Eu sou dependente**); XXXI (**Eu não posso adquirir o que quero**) e XXXIV (**Eu tive boa base familiar**), com uma média de 10 frases para cada categoria. Por sua vez, categorias com ainda menor quantidade de frases e de participantes as constituindo

foram a X (**Eu sofro com o preconceito de algumas pessoas**); XI (**Aqui, as pessoas são solidárias a mim**); XVIII (**Sinto-me solitária**); XIX (**Eu tenho arrependimentos**); XX (**Eu sinto medo**); XXI (**Preocupo-me com o envelhecimento**); XXIII (**Eu cuido da minha aparência**); XXX (**Eu sou independente**); XXXII (**Eu adquiro o que quero**); XXXIII (**Eu aprendi a administrar meu dinheiro**) e XXXVI (**Eu sei da minha competência**), que totalizaram uma média de 7 frases para cada categoria.

Por fim, as categorias menos saturadas de frases, que foram produzidas, na maioria das vezes, por apenas uma das participantes, foram a IX (**Eu não sei o que as pessoas pensam sobre mim**); XIV (**Eu sou feliz com meu relacionamento**); XV (**Eu fui presa por causa de um companheiro**); XVII (**Depois da prisão, eu fui abandonada por meu companheiro**); XXIV (**Minha aparência é normal**); XXV (**Sinto-me mal em relação à aparência**); XXVI (**Eu sou heterossexual**); XXVII (**Minha condição física é boa**); XXVIII (**Minha condição física é ruim**); XXXV (**Meus pais erraram comigo**) e XXXVII (**Eu tenho certeza de que não vou mais reincidir no mesmo erro**), com uma média de 2 frases por categoria. Na figura 03 a seguir, pode ser observado o gráfico das frequências das Categorias de Análise de Conteúdo que emergiram na etapa qualitativa do presente estudo.

Figura 03: Frequências das Categorias de Análise de Conteúdo (total e por participante)



4.2 – Resultados da Análise Quantitativa

4.2.1 – Análises de Confiabilidade e Análise Fatoriais

Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito – IFEGA

Realizou-se a análise de confiabilidade do instrumento, tendo sido obtido valores de Alfa de Cronbach adequados (acima de 0,70) que implicam em elevada confiabilidade. A Tabela 02 apresenta os valores de Alfa, as médias e os desvios padrão para os seis fatores do IFEGA:

Tabela 02: Valores do IFEGA

Fator IFEGA	Alfa de Cronbach	Nº itens	Média (dp)
Arrojamento	0,902	17	69,85 (13,25)
Egocentrismo	0,845	12	33,89 (11,33)
Negligência	0,83	7	13,91 (7,09)
Sensualidade	0,905	11	41,3 (11,07)
Inferioridade	0,771	16	42,66 (10,98)
Ajustamento Social	0,819	12	50,99 (7,84)

Importante ressaltar que alguns dos índices de consistência interna encontrados no presente trabalho foram mais elevados que aqueles referidos no trabalho original (Giavoni; Tamayo, 2005). Em relação aos fatores da subescala masculina, arrojamento, egocentrismo e negligência, todos apresentaram Alfa de Cronbach (α) mais elevados no trabalho em pauta, e no trabalho original, 0,87; 0,83 e 0,73, respectivamente. Na subescala feminina, entretanto, apenas no fator ajustamento social, o valor de Alfa de Cronbach (α) no presente estudo ultrapassa o

encontrado no trabalho original, onde seu valor é 0,77. Nos outros fatores, sensualidade e inferioridade, no trabalho original foram encontrados α 0,92 e 0,82, respectivamente.

Escala de Clareza do Autoconceito

Foi analisada a Matriz de Correlação com todas as variáveis (itens) da escala, com o objetivo de verificar a adequação da matriz aos procedimentos da Análise Fatorial, utilizando-se dos testes de KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005; Reis, 2001). De acordo com a análise semântica, foram eliminados cinco itens da escala original para obtenção de um instrumento adequado, de acordo com as análises efetuadas, cujos resultados são descritos a seguir.

Foi obtido um valor de 0,892 para o Índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que significa um valor adequado, de acordo com Reis (2001), implicando em evidência da fatorabilidade dos dados, e revelando a adequação da matriz à Análise Fatorial, dessa forma, demonstrando a existência de variáveis latentes subjacentes às correlações encontradas na Matriz de Correlações.

Para o Teste de Esfericidade de Bartlett foi obtido um valor de $\chi^2 (21) = 408,947$; $p < 0,001$. Assim, esse resultado associado com o valor obtido no Índice de KMO mostra a existência de correlações fortemente significativas entre as variáveis da matriz e a sua adequação quanto à fatorabilidade (Hair, et al., 2005; Reis, 2001).

A partir desses resultados, foi realizada a Análise dos Componentes Principais, e desse modo, determinado o número de componentes a serem

retidos, utilizando para isso os Critérios da Raiz Latente (Eigenvalues; Critério de Kaiser) e o Teste Scree (Critério de Cattell). Observamos de acordo com o Critério de Kaiser a presença de um único componente com Eigenvalue (autovalor) igual ou superior a 1 (3,87), responsável por explicar 55,28% da variância total. A composição interna do instrumento analisado é apresentada na tabela 03.

Tabela 03: Análise fatorial da Escala de Clareza do Autoconceito

Itens*	Fator
2. Em um dia eu posso ter uma opinião de mim mesmo/a e em outro dia eu posso ter uma opinião diferente	.834
8. Minhas convicções sobre mim mesmo/a parecem mudar muito frequentemente	.824
9. Se me pedissem para descrever a minha personalidade, minha descrição pode acabar sendo diferente de um dia para um outro dia	.783
4. Às vezes eu sinto que não sou realmente a pessoa que eu pareço ser	.737
1. Minhas crenças sobre mim mesmo/a frequentemente entram em conflito umas com as outras	.700
3. Eu passo muito tempo pensando sobre que tipo de pessoa que eu realmente sou	.686
7. Às vezes eu acho que conheço melhor as outras pessoas do que eu conheço a mim mesmo/a	.615
Número de itens	7
Eigenvalue	3,87
% de variância	55,28
Alfa de Cronbach	0,864

* Todos os itens foram invertidos para serem analisados.

Para a população estudada em questão foi obtido valores médios na Escala de Clareza do Autoconceito de 22,82, com desvio-padrão de 8,84. O índice de consistência interna do instrumento, referenciado no trabalho original (Campbell *et al*, 1996), coincide com o encontrado no presente trabalho, Alfa de Cronbach (α) 0,86, valor aproximado também do encontrado na amostra de Teixeira (2002), 0,85. O único fator obtido refere-se ao aspecto epistemológico e à constância do autoconceito através do tempo.

Escala de Autoconsciência Situacional

Foi analisada a Matriz de Correlação com todas as variáveis (itens) da escala, com o objetivo de verificar a adequação da matriz aos procedimentos da Análise Fatorial, para isso, utilizou-se dos testes de KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005; Reis, 2001).

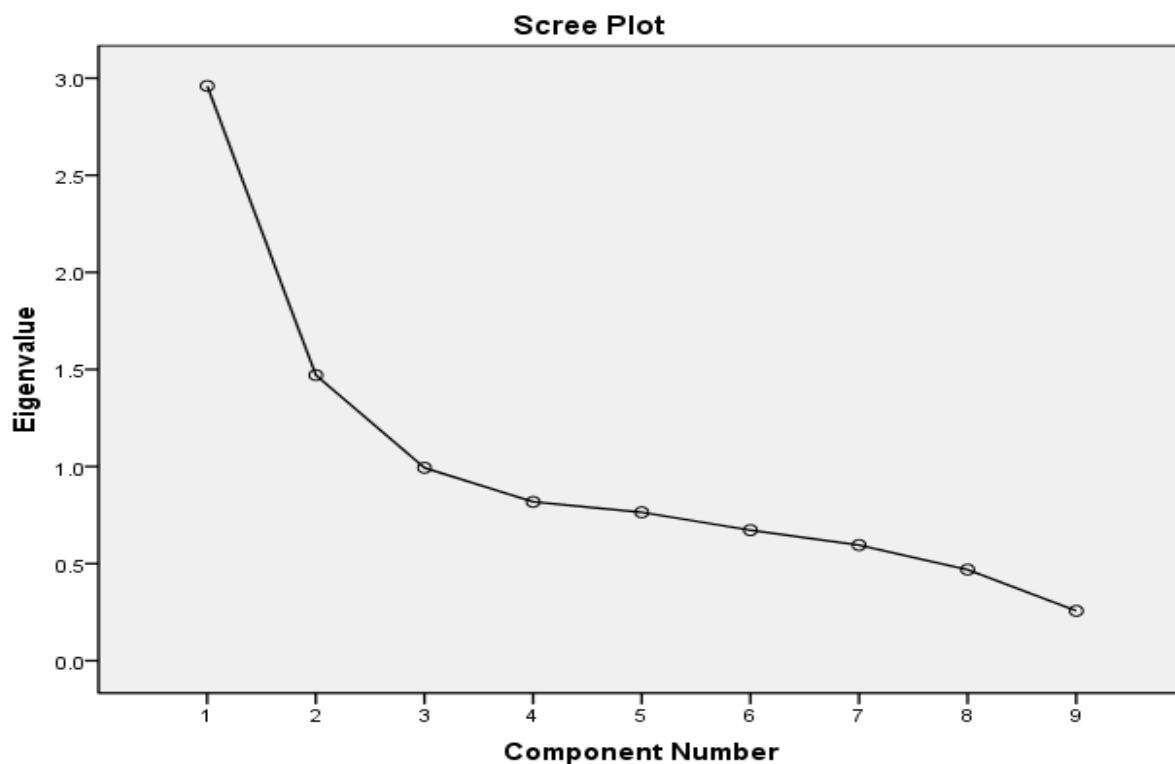
Foi obtido um valor de 0,719 para o Índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), significando um valor adequado, de acordo com Reis (2001), e implicando em evidência da fatorabilidade dos dados e adequação da matriz à Análise Fatorial, dessa forma, demonstrando a existência de variáveis latentes subjacentes às correlações encontradas na Matriz de Correlações.

Para o Teste de Esfericidade de Bartlett foi obtido um valor de $\chi^2 (36) = 293,752$; $p < 0,001$. Esse resultado associado com o valor obtido no Índice de KMO mostra a existência de correlações fortemente significativas entre as variáveis da matriz e a sua adequação quanto à fatorabilidade (Hair, et al., 2005; Reis, 2001).

A partir desses resultados, foi realizada a Análise dos Componentes Principais, e desse modo, determinado o número de componentes a serem retidos, utilizando para isso os Critérios da Raiz Latente (Eigenvalues; Critério de Kaiser) e o Teste Scree (Critério de Cattell). Observamos de acordo com o Critério de Kaiser a presença de dois componentes com Eigenvalues (autovalores) iguais ou superiores a 1 (2,96; 1,47), responsáveis por explicar 49,23% da variância total. A associação destes achados com o Teste Scree e o gráfico de declive obtido revelou uma suavização das distâncias entre as posições dos autovalores a partir do terceiro fator (<1). Pode ser observado, nos resultados da distribuição gráfica (scree plot) dos autovalores da Escala de Autoconsciência Situacional

(Figura 04, a seguir), o número de fatores em sua ordem de extração no ponto de corte onde a predominância da variância única faz os ângulos de inclinação se aproximarem da horizontal:

Figura 04: Distribuição gráfica dos valores próprios da Escala de Autoconsciência Situacional



Procedeu-se a partir daí, a extração dos fatores pela Análise dos Componentes Principais com rotação do tipo Varimax, sem fixação de rotação ou do número de componentes principais a serem retidos, cuja composição interna é apresentada na tabela 04, a seguir.

Tabela 04: Análise Fatorial da Escala de Autoconsciência Situacional (Eigenvalue >1)

Itens	Fator 1	Fator 2
11. Neste instante, eu me vejo de corpo inteiro em minha mente.	.837	
10. Neste instante, eu estou me vendo em minha mente.	.812	
04. Neste instante, eu estou em silêncio falando comigo mesmo sobre mim.	.620	
12. Neste instante, eu estou pensando se me considero uma pessoa atraente fisicamente.	.566	
09. Neste instante, eu me avalio em meus pensamentos procurando aprender algo novo sobre mim.	.555	
02. Neste instante, eu penso sobre aspectos meus que me causam ansiedade.		.706
01. Neste instante, eu avalio algum aspecto que me diz respeito.		.697
13. Neste instante, eu reflito sobre minhas necessidades.		.688
05. Neste instante, eu fantasio uma situação sobre um assunto que me preocupa.		.643
Número de itens	5	4
Eigenvalue	2,96	1,47
% de variância por fator	32,89	16,34
Alfa de Cronbach	0,73	0,65

Notas. Índice Kaiser-Meier-Olkin de Adequação da Amostra: 0,719; Teste de esfericidade de Bartlett: $\chi^2(36) = 293,752$; $p < 0,001$; Identificação dos fatores: Fator 1: Reflexão; Fator 2: Ruminação.

Foi realizada a análise semântica dos itens, sendo considerados aqueles com maior saturação interna aos fatores. Foram eliminados quatro itens da escala original, devido a análise semântica e devido a inconsistência dos fatores na construção da escala. A estrutura final da Escala de Autoconsciência Situacional se deu como descrito abaixo:

O **Fator I** foi construído pela associação de cinco itens, dois a menos que na escala original, mantendo-se apenas os itens 9 e 4 daquela escala neste fator. Os itens 10 e 11, que no trabalho original compuseram um terceiro fator (mediação icônica, que desaparece no presente trabalho), agruparam-se no fator I do presente

trabalho, assim como o item 12, que no trabalho original se agrupava no fator II (ruminação). Assim como na denominação do primeiro fator no trabalho original (Nascimento, 2008), o **Fator I** foi nomeado **Reflexão**, uma vez que a análise de seu conteúdo, especialmente dos itens de maior saturação no fator, ainda demonstrou (no novo agrupamento que surgiu neste trabalho) que estes itens estão relacionados a uma atenção não-ansiosa ou neutra prestada ao Self, podendo-se supor uma busca de autoconhecimento que se dá pelo interesse epistêmico do Self. As cargas fatoriais dos itens variaram de 0,837 no item 11 a 0,555 no item 09. A consistência interna do fator medida pelo Alfa de Cronbach (α) foi de 0,73, valor considerado adequado por autores como Loewenthal (2004), Reis (2001) e Hair *et al.* (2005) que prescrevem um α acima de .70 ou em casos excepcionais próximos a este valor, no caso de escalas de conteúdo psicológico. O valor encontrado para este índice revela uma alta consistência entre os itens, o que reúne evidências para a validade de construto da escala como um todo, como também para o fator, o qual apresentou valor próprio de 2,96, explicando assim 32,89% da Variância Total.

O **Fator II** constituiu-se na reunião de quatro itens, assim como no trabalho original, tendo o agrupamento destes itens ficado parecido, pois permaneceram os fatores 02, 05 e 13, como na escala original no segundo fator. Apenas o item 01, que na escala original se agrupou no fator I (reflexão), no trabalho em pauta se agrupa no **Fator II**. Este fator também foi nomeado **Ruminação**, assim como no trabalho original, pelo fato de sua semântica também estar mais associada a um autofoco mais ansioso, referente a conteúdos considerados negativos pelo Self, evidenciando uma atividade mais ruminativa e negativamente estereotipada. As cargas fatoriais dos itens variaram de 0,706 no item 02 a 0,643 no item 05. Um Alfa de Cronbach (α) de 0,65 revelou uma consistência interna do fator, aproximada do que é

recomendado na literatura especializada (ver Loewenthal, 2004; Reis, 2001; Hair *et al.*, 2005), tendo o valor próprio alcançado a medida de 1,47, explicando o fator 16,34% da Variância Total.

Escala Crime Emoções

Foi analisada a Matriz de Correlação com todas as variáveis (itens) da escala, com o objetivo de verificar a adequação da matriz aos procedimentos da Análise Fatorial, para isso, utilizando-se dos testes de KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005; Reis, 2001).

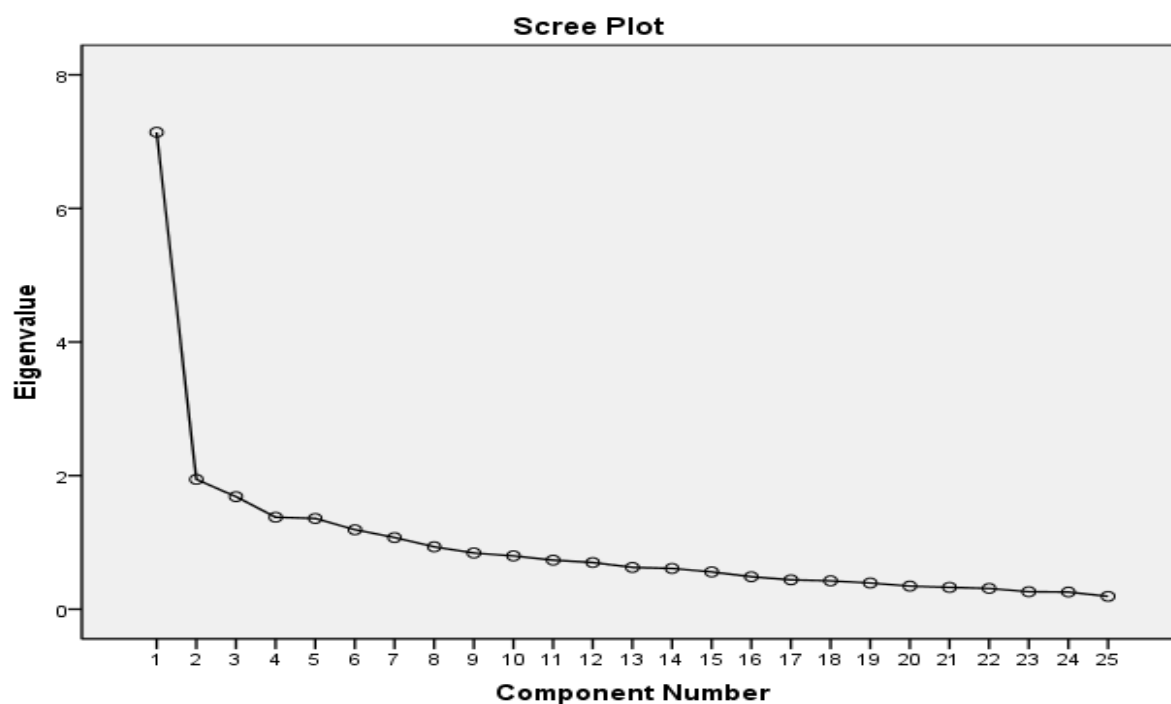
Foi obtido um valor de 0,85 para o Índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), apresentando um valor adequado, de acordo com Reis (2001), implicando em evidência da fatorialidade dos dados e revelando a adequação da matriz à Análise Fatorial, e dessa forma, demonstrando a existência de variáveis latentes subjacentes às correlações encontradas na Matriz de Correlações.

Para o Teste de Esfericidade de Bartlett foi obtido um valor de $\chi^2 (300) = 1327,488$; $p < 0,001$. Assim, esse resultado associado com o valor obtido no Índice de KMO mostra a existência de correlações fortemente significativas entre as variáveis da matriz e a sua adequação quanto à fatorabilidade (Hair, *et al.*, 2005; Reis, 2001).

A partir desses resultados foi realizada a Análise dos Componentes Principais, e desse modo, determinado o número de componentes a serem retidos, utilizando para isso os Critérios da Raiz Latente (Eigenvalues; Critério de Kaiser) e o Teste Scree (Critério de Cattell).

Observamos de acordo com o Critério de Kaiser a presença de quatro componentes com Eigenvalues (autovalores) iguais ou superiores a 1 (7,14; 1,94; 1,69; 1,38), responsáveis por explicar 48,58% da variância total. A associação destes achados com o Teste Scree e o gráfico de declive obtido, revelou uma suavização das distâncias entre as posições dos autovalores a partir do quinto fator (<1).

Figura 05: Distribuição gráfica dos valores próprios da Escala Crime Emoções

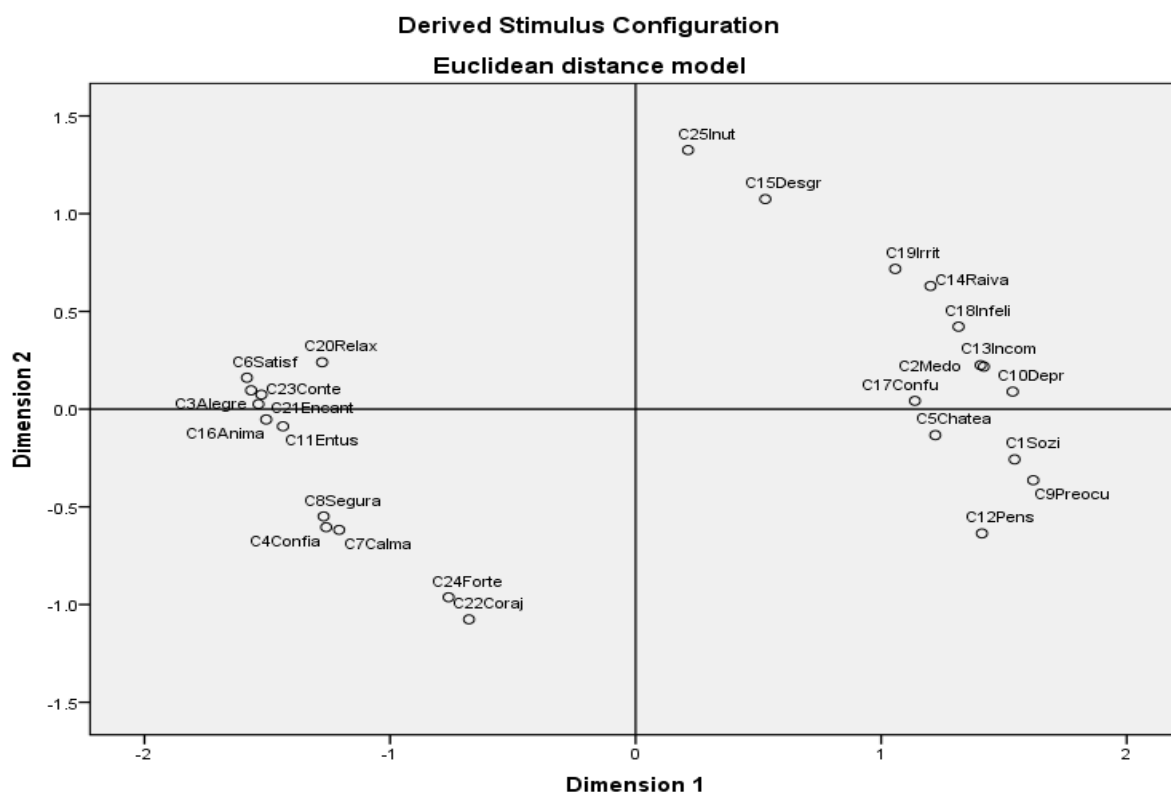


Procedeu-se a partir daí, a extração dos fatores pela Análise dos Componentes Principais com rotação do tipo Varimax, sem fixação de rotação ou do número de componentes principais a serem retidos, cuja composição interna é apresentada na tabela 05, a seguir.

Tabela 05: Análise Fatorial da Escala Crime Emoções (Eigenvalue >1)

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
10 Deprimida	.719			
09 Preocupada	.617			
01 Sozinha	.612			
02 Com Medo	.586			
05 Chateada	.562			
03 Alegre	-.539		.347	
13 Incomodada	.472	.467		
15 Desgraçada		.742		
25 Inútil		.729		
18 Infeliz		.648		
17 Confusa		.455		
16 Animada			.709	
21 Encantada			.580	
22 Corajosa			.569	
23 Contente	-.438		.563	
11 Entusiasmada			.543	
06 Satisfeita	-.318		.521	
12 Pensativa	.340	.370	.436	
08 Segura				.696
04 Confiante				.660
07 Calma				.627
14 Com raiva	.300	.498		-.576
19 Irritada		.528		-.552
20 Relaxada				.533
24 Viril (forte)			.307	.326
Número de itens	7	4	7	7
Eigenvalue	7,14	1,94	1,69	1,38
% de variância por fator	28,56	7,77	6,74	5,51

A partir da análise semântica dos itens, e da consideração da saturação interna dos fatores, observou-se a inconsistência destes fatores, tendo-se optado, então, pela realização de uma Smallest Space Analysis (SSA). Este tipo de análise pode ser considerado como mais moderado, econômico, que a Análise Fatorial, visto que da SSA, normalmente, decorre um número menor de dimensões e por usar medidas não-paramétricas mais adequadas para estes tipos de dados. A estrutura final da escala se apresentou como visualizado na figura 06 abaixo:

Figura 06: Análise de Estrutura de Similaridade da Escala Crime

A possibilidade de parcimônia da SSA confirmou-se no presente estudo, visto que tal análise separou os fatores em apenas duas dimensões, que foram denominadas **Emoções Positivas** (Relaxada, Satisfeita, Contente, Encantada, Entusiasmada, Segura, Calma, Forte, Corajosa, Confiante, Animada e Alegre – que seriam os itens dos fatores 1 e 2 da análise fatorial) e **Emoções Negativas** (Inútil, Desgraçada, Irritada, Com raiva, Infeliz, Incomodada, Depressiva, Sozinha, Preocupada, Pensativa, Com medo, Confusa e Chateada – que seriam os itens dos fatores 3 e 4 da análise fatorial).

4.2.2 – Correlações de Pearson e Spearman e Análise de Regressão Linear Múltipla.

Realizamos uma correlação de Spearman para verificar como as Variáveis Independentes: Idade, Tempo de Prisão em meses, Irmãos Presos, Pais Presos, Quantidade de Prisões e Escolaridade e os fatores da Escala de Autoconsciência Situacional (Ruminação e Reflexão), da Escala de Clareza do Autoconceito, da Escala Crime Emoções (Emoções Positivas e Emoções Negativas) e os fatores do Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (Arrojamento, Egocentrismo, Negligência, Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social) se correlacionavam entre si.

Na Tabela 08 da página seguinte, é possível visualizar todos os coeficientes de correlação e valores de significância encontrados. Os valores do teste de Spearman para matriz de correlação variaram de $Rho=.397$ na correlação entre o Fator Inferioridade e o Fator Egocentrismo, ambos do IFEGA a $Rho= -.553$, na correlação entre o Fator Emoções Negativas e o Fator Emoções Positivas, ambos da Escala Crime Emoções, esta última correlação negativa, logicamente, totalmente esperada, por tratarem de categorias emocionais opostas. Variadas correlações relevantes foram encontradas, 33 delas, a maioria, apesar de expressarem-se como fortemente significativas, são consideradas fracas ($Rho<.300$), embora demonstrem resultados interessantes em termos dos objetivos do estudo. Contudo, 11 correlações consideradas médias ($.301<Rho<.700$) foram encontradas, todas elas muito significativas estatisticamente ($p=.01$). Interpretações acerca destes achados, e daqueles evidenciados nos resultados de todas as estatísticas realizadas, serão explicitadas no capítulo seguinte.

Tabela 08: Correlações de Spearman das Variáveis Independentes e Fatores.

		Tabela de correlações de Spearman das Variáveis Independentes e Fatores:																	
		Tempo	Imãos	Pais	Quant.	Escolar.	Ruminação	Reflexão (Autoc.	Clareza	EmoçõesP	EmoçõesN	IFEGA	IFEGA	IFEGA	IFEGA	IFEGA	IFEGA		
		Idade	prisão (m)	presos	presos	prisões	idade	(Autoc. Sit)	Sit)	Autoconceito	ositi	egati	Amojamento	Egocentrismo	Negligência	Sensualidade	Inferioridade	Ajust. Social	
Idade	Rho	1.000																	
	p																		
Tempo	Rho	.246**	1.000																
	p	.002																	
Imãos presos	Rho	-.059	.052	1.000															
	p	.481	.538																
Pais presos	Rho	-.119	.054	.290**	1.000														
	p	.147	.515	.000															
Quant. prisões	Rho	.124	.304**	.133	.188*	1.000													
	p	.130	.000	.111	.021														
Escolaridade	Rho	.101	.318**	-.152	.045	.043	1.000												
	p	.233	.000	.076	.597	.615													
Rumín (Autoc. Sit)	Rho	-.027	-.097	.023	.028	-.124	-.099	1.000											
	p	.740	.241	.784	.736	.132	.247												
Reflexão (Autoc. Sit)	Rho	.052	.248**	.147	.179*	.192*	-.035	.260**	1.000										
	p	.532	.002	.079	.029	.019	.683	.001											
Clareza Autoc.	Rho	.242**	-.021	-.023	-.208*	-.081	-.069	-.151	-.085	1.000									
	p	.003	.798	.786	.011	.327	.419	.067	.301										
Emoções Positi	Rho	.040	.042	-.129	-.076	.173*	.009	-.104	.236**	.013	1.000								
	p	.629	.609	.123	.353	.035	.917	.208	.004	.874									
Emoções Negati	Rho	-.082	-.159	-.085	-.040	-.246**	-.041	.167*	-.114	-.014	-.553**	1.000							
	p	.318	.051	.312	.629	.002	.632	.042	.167	.868	.000								
Anoi. IFEGA	Rho	.121	.253**	-.061	.119	.076	.221**	.001	.318**	.101	.278**	-.126	1.000						
	p	.142	.002	.463	.147	.353	.008	.994	.000	.218	.001	.124							
Ego IFEGA	Rho	-.186*	.015	-.007	.070	.109	.031	.090	.130	-.392**	.113	.075	.106	1.000					
	p	.022	.855	.933	.394	.185	.715	.275	.115	.000	.168	.362	.197						
Neglig IFEGA	Rho	-.088	.005	-.042	.058	.015	.014	-.051	-.099	-.205*	-.068	-.010	-.152	.214**	1.000				
	p	.282	.950	.619	.482	.851	.867	.540	.230	.012	.405	.902	.064	.009					
Sensu IFEGA	Rho	-.210**	-.148	.069	.115	.083	-.235**	.130	.310**	-.018	.146	.048	.293**	.209*	-.215**	1.000			
	p	.010	.071	.412	.160	.312	.005	.115	.000	.832	.074	.561	.000	.010	.008				
Inferior IFEGA	Rho	-.213**	-.108	.049	.116	-.022	-.138	.263**	.035	-.481**	-.112	.255**	-.212**	.397**	.322**	.059	1.000		
	p	.009	.189	.558	.159	.787	.102	.001	.674	.000	.174	.002	.009	.000	.000	.476			
Aj. Social IFEGA	Rho	.080	-.036	.022	-.014	.028	-.154	.176*	.316**	.190*	-.067	.059	.314**	-.173*	-.168*	.291**	-.117	1.000	
	p	.333	.659	.793	.865	.735	.068	.032	.000	.020	.419	.474	.000	.035	.039	.000	.154		

*Correlação significativa, $p=0,05$.**Correlação significativa, $p=0,01$.Rho: Coeficiente de correlação de Spearman, $<0,300$ = fraca, $>0,301$ e $<0,700$ = média.

As análises demonstraram que apenas algumas das variáveis independentes medidas foram consideradas adequadas, estatisticamente, como explicativas na variação das variáveis dependentes (fatores das escalas), como pode ser visto na Tabela 06 abaixo:

Tabela 06. Regressão múltipla passo-a-passo entre cada um dos fatores das escalas utilizadas no estudo (Variáveis Dependentes, VD) e Idade, Idade em que cometeu o crime, Quantidade de prisões, Quantidade de irmãos, Tempo de prisão e Escolaridade (Variáveis Independentes, VI).

Modelo	r Pearson	R	R ²	Adjusted R ²	Std. Error of the Estimate	R ² Change	F Change	df1/df2	p
Arrojamento									
Escolaridade	.184	.184 ^a	.034	.027	9.86254	.034	5.182	1/148	.024
Egocentrismo									
Idade	.169	.170 ^a	.029	.022	9.88825	.029	4.387	1/148	.038
Negligência	Nenhuma variável foi adicionada à equação.								
Sensualidade									
Idade	-.250	.250	.062	.056	9.71590	.062	9.841	1/148	.002
Escolaridade	-.237	.324	.105	.093	9.52422	.043	7.017	1/147	.009
Inferioridade									
Idade	.241	.241	.058	.052	9.73786	.058	9.130	1/148	.003
Escolaridade	.296	.296	.088	.075	9.61539	.030	4.794	1/147	.030
Ajustamento Social	Nenhuma variável foi adicionada à equação.								
Ruminação									
Idade	-.201	.201 ^a	.040	.034	9.79687	.040	6.201	1/148	.014
Escolaridade	-.177	.271 ^b	.073	.061	9.65928	.033	5.246	147	.023
Reflexão									
Tempo de Prisão	.188	.188	.035	.029	9.82098	.035	5.445	1/148	.021
Clareza de Autoconceito									
Tempo de Prisão	.232	.232 ^a	.054	.047	9.76114	.054	8.382	1/148	.004
Emoções negativas									
Tempo de Prisão	-.251	.251 ^a	.063	.056	9.71356	.063	9.917	1/148	.002
Emoções positivas									
Tempo de Prisão	.160	.160 ^a	.026	.019	9.90389	.026	3.906	1/148	.050

VDs utilizadas nas análises: IFEGA, arrojamento, egocentrismo, negligência, sensualidade, inferioridade, ajustamento social; **Autoconsciência Situacional**, ruminação, reflexão; **Clareza de Autoconceito**; **Escala Crime**, emoções negativas, emoções positivas.

A regressão múltipla realizada no estudo demonstrou, para o instrumento Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito, que 3,4% da variação do fator Arrojamento é explicado pela variável Escolaridade; o fator Egocentrismo demonstrou variar 2,9% em função da Idade; o fator Sensualidade variou em função das variáveis, em 6,2% e 10,5%, respectivamente e, por fim, o fator Inferioridade variou em função destas mesmas variáveis (Idade e

Escolaridade), em 5,8% e 8,8%, respectivamente. Para os fatores Negligência e Ajustamento Social, nenhuma das variáveis independentes estudadas apresentou poder de explicação, estatisticamente significativas, no modelo.

Para o instrumento Escala de Autoconsciência Situacional, 4% e 7,3% da variação do fator Ruminação são explicados pelas variáveis Idade e Escolaridade, respectivamente e o fator Reflexão demonstrou variar 3,5% em função da variável Tempo de Prisão. Na Escala de Clareza do Autoconceito, a única variável independente encontrada com poder explicativo da sua variância foi o Tempo de Prisão, em 5,4%.

Por fim, em relação ao instrumento Escala Crime Emoções, a regressão múltipla realizada no estudo demonstrou, em relação à dimensão Emoções Negativas, a variação de 6,3% em decorrência do Tempo de Prisão, e 2,6% da variação do fator Emoções Positivas em relação à mesma variável independente, Tempo de Prisão.

Ainda foi realizada a Análise Correlacional r de Pearson, com vistas a investigar as intercorrelações entre as Variáveis Dependentes e Variáveis Independentes que participaram da Regressão Múltipla. A estatística r de Pearson mostra a probabilidade da relação encontrada entre as variáveis se dar por erro amostral, dado que a hipótese nula seja verdadeira, além de informar sobre a magnitude e grau desse relacionamento entre variáveis (Dancey & Reidy, 2006).

No presente estudo, a estatística r de Pearson apontou 22 correlações estatisticamente significantes na interface das variáveis dependentes e independentes, sendo 15 delas significantes a $p < .05$, e por sua vez, 07 delas significantes a $p < .01$, que são indicativos da força da relação entre as variáveis

observadas. Estas correlações fortes podem ser visualizadas em negrito na tabela 07, a seguir.

Tabela 07: Correlações de Pearson entre as VD utilizadas na análise de regressão múltipla e as VIs.

		Idade	Escolaridade	Idade que cometeu o crime	Quantidade prisões	Quantidade de irmãos	Tempo de prisão (dias)
Arrojamento IFEGA	r	.045	.184	-.021	.056	-.089	.152
	Pearson						
	P	.291	.012	.400	.246	.140	.031
	N	150	150	150	150	150	150
Egocentrismo IFEGA	r	-.170	.055	-.169	-.039	.014	.044
	Pearson						
	P	.019	.253	.019	.316	.434	.297
	N	150	150	150	150	150	150
Negligência IFEGA	r	-.077	.060	-.045	-.030	-.064	.078
	Pearson						
	P	.174	.234	.292	.359	.220	.173
	N	150	150	150	150	150	150
Sensualidade IFEGA	r	-.250	-.237	-.176	.059	.016	-.163
	Pearson						
	P	.001	.002	.016	.237	.425	.023
	N	150	150	150	150	150	150
Inferioridade IFEGA	r	-.241	-.152	-.177	-.095	.158	-.144
	Pearson						
	P	.001	.032	.015	.123	.027	.040
	N	150	150	150	150	150	150
Ajustamento Social IFEGA	r	-.019	-.151	.044	.086	.042	-.095
	Pearson						
	P	.406	.033	.295	.148	.305	.124
	N	150	150	150	150	150	150
Autoconsciência Situacional - Ruminação	r	-.017	-.089	.004	-.201	.177	-.058
	Pearson						
	P	.420	.140	.481	.007	.015	.242
	N	150	150	150	150	150	150
Autoconsciência Situacional – Reflexão	r	.019	-.047	-.060	.082	.023	.188
	Pearson						
	P	.408	.283	.235	.159	.388	.010
	N	150	150	150	150	150	150
Clareza de Autoconceito	r	.232	-.068	.220	.079	.033	-.024
	Pearson						
	P	.002	.205	.003	.169	.343	.386
	N	150	150	150	150	150	150
Escala Crime - emoções negativas	r	-.068	-.070	.027	-.251	.039	-.171
	Pearson						
	P	.204	.198	.372	.001	.316	.018
	N	150	150	150	150	150	150
Escala Crime - emoções positivas	r	.104	.057	-.016	.160	-.010	.081
	Pearson						
	P	.103	.245	.425	.025	.452	.162
	N	150	150	150	150	150	150

Os escores de Pearson variaram de $r = .232$, $p < .01$ (Clareza do Autoconceito, Idade) a $r = -.251$, $p < .01$ (Emoções Negativas, Quantidade de Prisões). Nos fatores do IFEGA, foram encontradas **correlações positivas** entre Arrojamento e as variáveis **Tempo de Prisão** e **Escolaridade** (mais fortemente); e **correlações negativas** em todos os demais fatores: Egocentrismo e as variáveis

Idade e **Idade que Cometeu o Crime**; Sensualidade e as variáveis **Idade que cometeu o crime**, **Tempo de Prisão**, **Idade** e **Escolaridade** (estas duas últimas mais significativas); Inferioridade e as variáveis **Escolaridade**, **Idade que cometeu o crime**, **Quantidade de Irmãos**, **Tempo de Prisão** e **Idade** (esta última mais fortemente) e, por fim, Ajustamento Social e **Escolaridade**.

Nos fatores da Escala de Autoconsciência Situacional, foi encontrada uma correlação negativa entre Ruminação e **Quantidade de Prisões** (mais forte) e uma correlação positiva entre este mesmo fator e **Quantidade de Irmãos**. No fator Reflexão, foi encontrada também uma correlação positiva entre este fator e o **Tempo de Prisão**. O único fator da Escala de Clareza do Autoconceito correlacionou-se positivamente com **Idade** e **Idade que Cometeu o Crime** (nos dois casos, fortes correlações). Nos fatores da Escala Crime Emoções, foram encontradas correlações negativas entre o fator Emoções Negativas e **Tempo de Prisão** e **Quantidade de Prisões** (mais significativa); assim como correlação positiva entre Emoções Positivas e **Quantidade de Prisões**.

O presente capítulo esboça possibilidades de interpretação dos dados construídos no estudo, procurando-se estabelecer inter-relações entre os achados oriundos dos diversos instrumentos de pesquisa utilizados, inclusive entre resultados qualitativos e quantitativos, na medida da possibilidade desta interação.

Inicialmente, no que tange a etapa qualitativa do estudo, de acordo com o que ficou evidenciado nos agrupamentos das Categorias de Análise no capítulo dos resultados (baseados na saturação de frases e de entrevistadas participantes em cada uma das 37 categorias), podem ser apontados alguns elementos do autoconceito das mulheres encarceradas, a partir de aproximações dos seus relatos com o modelo hierárquico e integrado do Self proposto por L'Écuyer (1978). Serão realizadas algumas interpretações dos achados à luz das Estruturas, Categorias e Subcategorias do autoconceito neste autor, que serão assinaladas entre parêntesis, com vistas a marcar a pertinência do conceito ao modelo de L'Écuyer (1978).

No primeiro grupo das categorias formatadas no presente estudo (mais saturado), evidenciam-se as referências ao "Self-adaptativo/Valor do Self/Valor Pessoal" (**Eu sou uma pessoa melhor hoje do que quando fui presa**), possibilitada pela percepção do conceito de si mesma como permeável às experiências, logo, passível de modificações positivas durante a vida. Assinalar as mudanças positivas na vida pós-encarceramento pode ser interpretado como um mecanismo psicológico de adaptação, como ressalta Guedes (2006) ao retratar o cotidiano prisional das mulheres. Também podem ser observadas referências ao "Self-pessoal/Imagem do Self/Aspirações" (**Eu tenho planos para o meu futuro**), no planejamento de ações do Self, mesmo em circunstância (cárcere) que dificulta o estabelecimento de um prazo para início destas ações (que tornaria este plano mais palpável). No segundo grupo de categorias (também saturado), podem-se encontrar,

ainda, os indícios de expressão do “Self-pessoal”, na “Identidade do Self/Papel e Status” (**Eu sou muito trabalhadora**) e na “Imagem do Self”, no que se refere às “Qualidades e Defeitos” (**Eu tenho qualidades**) e aos “Sentimentos e Emoções” (**Eu sofro muito por estar presa**). São conteúdos do autoconceito das mulheres referentes, mais uma vez, à identificação de autoaspectos valorados positivamente (como ser trabalhador e ter virtudes), e referentes à avaliação do próprio estado emocional na situação específica do cárcere. Foram também encontrados indícios do “Self e não-Self/Referência aos outros/Opiniões dos outros sobre si” (**Minha opinião sobre pessoas com as quais convivo é péssima / As pessoas têm boa opinião sobre mim**), onde se expressam, mais uma vez, avaliações positivas acerca de si, e, em contrapartida, avaliações negativas acerca de outrem, no encarceramento. Vale ressaltar que apontar autoaspectos positivos, em circunstância de encarceramento por envolvimento em crime, configura atribuição de valor mais intensa do que se esta mulher estivesse em liberdade. Estas mulheres têm consciência do julgamento da sociedade a respeito de si próprias, ou seja, a avaliação de externa de si mesmas não se limita a um nível hipotético. Bastos (1997) também apontou este fator, ao tratar das perdas das relações afetivas vivenciadas pelas mulheres presas.

No grupo de categorias que podem ser consideradas de intermediária saturação, foram encontradas referências ao “Self-material”, em relação ao “Self-Somático/Aparência” (**Preocupo-me com o envelhecimento / Eu cuido da minha aparência**) e quanto ao “Self-Possessivo/Posse de Objetos” (**Eu não posso adquirir o que quero / Eu adquiro o que quero**), como expressões de avaliação e atribuição de importância aos aspectos físicos do Self, e expressões opostas em relação à possibilidade de aquisição de objetos, inerente às próprias dificuldades

encontradas no cárcere a este respeito. As deteriorações físicas e cognitivas têm sido apontadas como precipitadoras de pensamentos e sentimentos negativos sobre o Self (Britton & Britton, 1972).

São ainda encontradas valorações positivas, em relação ao “Self-pessoal/Identidade do Self/Papel e Status” (**Eu tive boa base familiar**) e ao “Self-adaptativo”, quanto ao “Valor do Self/Competência” (**Eu sei da minha competência**) e à “Atividade do Self/Autonomia” (**Esforço-me para estar bem / Eu sou independente / Eu aprendi a administrar meu dinheiro**), assim como avaliação não tão positiva quanto à “Atividade do Self/Dependência” (**Eu sou dependente**). São autoavaliações que, de maneira geral, apresentam-se muito positivas e indicativas de um esforço na direção da manutenção de um autoconceito fortalecido diante das adversidades (em todas as dimensões do Self) impostas pela vida limitada ao cárcere.

Ainda neste mesmo grupo de categorias, encontraram-se expressões do “Self-social”, quanto às “Preocupações e Atividades Sociais/Altruísmo” (**Eu sou solidária, sem esperar recompensa**) e à “Referência ao Sexo/Referência Simples” (**É difícil ter um relacionamento**), assim como expressões do “Self e não-Self/Referência aos outros” (**Aqui, as pessoas são solidárias a mim**). Estas parecem ser referências diretas às modalidades de relacionamento que se estabelecem dentro da prisão, onde aparece como característica a prática da solidariedade ao sofrimento alheio, possivelmente na direção do que Tinoco (2002) aponta como subcultura dos grupos excluídos da sociedade.

Interessante observar que duas categorias ainda neste grupo (categorias de intermediária saturação): **Eu sofro com o preconceito de algumas pessoas e Depois da prisão, eu fui rejeitada pela família**, podem ser consideradas

ilustrativas de duas diferentes estruturas hierárquicas no modelo de L'Écuyer (1978): “Self-pessoal/Imagem do Self/Sentimentos e Emoções” e “Self e não-Self/Opiniões dos outros sobre si”, visto que tratam-se da expressão de sentimentos (sofrimento/sentimento de rejeição) e de ações atribuídas aos outros acerca de si mesmas (preconceito/atitude de rejeição). Demo (1992) defende que, por volta dos 65 anos, dentre as mudanças e perdas da vida às quais o autoconceito estaria defrontado, são mais dramáticas as mudanças nos padrões de interação social devido aposentadoria e morte de amigos e parentes (Palmore et al, 1984). Observe-se que o encarceramento é um evento que precipita, na maioria das vezes, para etapas bem mais precoces da vida, estas perdas e suas consequências para o autoconceito das mulheres, como pode ser observado nos relatos destas. Ainda em relação ao “Self-pessoal/Imagem do Self/Sentimentos e Emoções”, foram encontradas as categorias **Eu sinto medo, Sinto-me solitária e Eu tenho arrependimentos**, todas apontando aspectos negativos do autoconceito, em consonância com o comentário de Jacinto *et al* (2010), de que a punição no cárcere feminino vai muito além da privação de liberdade.

Por fim, no grupo de categorias que podem ser consideradas de pouca saturação, foram encontradas referências ao “Self-material”, quanto ao “Self-Somático/Aparência” (**Minha aparência é normal / Sinto-me mal em relação à aparência**) e “Condição Física” (**Minha condição física é boa / Minha condição física é ruim**), que demonstram a falta de consenso em relação a estes aspectos mais corporais do Self. Em relação ao “Self-pessoal”, foram encontradas, neste grupo, categorias que dizem respeito à “Imagem do Self/Aspirações” (**Eu tenho certeza de que não vou mais reincidir no mesmo erro**) e “Sentimentos e Emoções” (**Eu sou feliz com meu relacionamento / Depois da prisão, eu fui**

abandonada por meu companheiro), que de maneira geral denotam reflexão acerca da ação errônea cometida, tanto em termos de mudanças para o futuro (não reincidir) quanto em termos da sua consequência negativa (abandono). Em relação ao “Self-social/Referência ao Sexo/Atração e Experiência Sexual”, foi encontrada uma única categoria, **Eu sou heterossexual**, que marca a oposição à possibilidade de envolvimento homossexual na convivência do cárcere. Foram ainda encontradas expressões do “Self e não-Self”, em relação à “Referência aos outros” (**Meus pais erraram comigo / Eu fui presa por causa de um companheiro**) e às “Opiniões dos outros sobre si” (**Eu não sei o que as pessoas pensam sobre mim**).

Os resultados confirmam a centralidade das dimensões Self Pessoal e Self Adaptativo na vivência do cárcere, possivelmente impactadas pela necessidade do estabelecimento de uma autoimagem positiva, do reconhecimento das potencialidades, do reforço das autocaracterísticas valoradas positivamente pela sociedade, do planejamento para modificação da situação atualmente vivenciada e, ainda, necessidade do desenvolvimento da autonomia. Um achado inusitado diz respeito a centralidade consecutiva da dimensão Self/não-Self, em relação à referência aos outros, possivelmente impactada pela convivência grupal forçada (e suas dificuldades) que forçaria a consideração da opinião dos outros sobre si próprias, e um ajustamento nas condutas, também como estratégia de proteção do Self e sobrevivência em contexto de privações materiais e emocionais e de violências de diversas naturezas.

Estas categorias e suas aproximações do modelo teórico do autoconceito em L'Écuyer (1978), constituem um panorama geral, que no trabalho, apontam alguns elementos que fazem parte da estrutura do autoconceito das mulheres na situação do cárcere, considerando-se, consonantemente às perspectivas adotadas (Demo,

1992; Turner, 1968; Burke, 1980; Markus *et al*, 1986) a sua permeabilidade, que garante um funcionamento dinâmico durante a vida, com modificação da centralidade de algumas dimensões em decorrência de diferentes eventos da vida. Esta primeira parte das análises precipita as subsequentes, na tentativa de acessar as qualidades emergentes, dinâmicas e mutáveis dos elementos do Self que estruturam o autoconceito no contexto investigativo em questão.

Na etapa quantitativa do estudo, ao serem analisadas as Correlações de Spearman entre todas as variáveis presentes, os primeiros achados apontam a correlação positiva entre a **variável Idade** e o Tempo de Prisão e Clareza do Autoconceito, e negativa com os fatores Egocentrismo, Sensualidade e Inferioridade. A correlação da Idade com a Clareza do Autoconceito coincide com os achados da literatura (Campbell *et al*, 1996; Super, 1963b; Bardagi & Boff, 2010), que assinalam o avanço no desenvolvimento ontogenético em relacionamento com a maturidade, sendo esta também designada como uma maior clareza em relação a si mesmo e ao próprio comportamento, também por causa do fortalecimento do autoconceito em função da idade. Possivelmente, **esta correlação é um forte indício da relativa instabilidade do autoconceito na idade adulta, da sutil transformação em sua estrutura durante toda a vida.**

Nas correlações negativas encontradas, o argumento anterior parece também justificar a diminuição de um senso de inferioridade e do egocentrismo, visto que, no decorrer da vida, o sujeito passaria a ganhar segurança a respeito de si em relação aos outros com os quais convive. Em relação à correlação negativa da Idade com a sensualidade, possivelmente as perdas nas dimensões físicas do Self relacionadas com o passar do tempo podem explicar este achado. Estas perdas podem ser exemplificadas com algumas categorias encontradas na etapa qualitativa do estudo:

Preocupo-me com o envelhecimento; Sinto-me mal em relação à aparência; Minha condição física é ruim, onde são encontrados relatos de preocupações que estão na contramão da Sensualidade.

A **variável Tempo de Prisão** correlacionou-se positivamente com os fatores Arrojamento, Reflexão, Escolaridade e Quantidade de Prisões (com as duas últimas mais fortemente). São correlações interessantes, que somadas aos relatos das mulheres na etapa qualitativa do estudo e aos estudos sobre o cárcere (Frinhani, 2004, Tinoco, 2002), parecem decorrer mais uma vez (como já apontado) de um movimento de adaptação cognitiva ao sofrimento infringido pelo cárcere. O tempo ocioso e o sofrimento levariam as mulheres a refletirem mais acerca das próprias vidas. As experiências negativas diversas em relação à convivência dentro da prisão, também as levariam a desenvolver uma postura mais arrojada, como estratégia de autodefesa do Self. **A temporalidade da variável aponta, mais uma vez, a transformação do autoconceito, que neste caso ocorre diretamente em função de um evento de vida profundamente indesejável e estigmatizado: o encarceramento. Uma estrutura rígida, cristalizada, do autoconceito na idade adulta, não viabilizaria alterações em aspectos atitudinais do autoconceito de gênero (arrojamento) e aprimoramento de aspectos adaptativos da autoconsciência (reflexão).** Por sua vez, a correlação com a variável escolaridade estaria relacionada com a retomada dos estudos nos cursos oferecidos dentro da prisão, e a quantidade de prisões, de fato, intensifica a pena que deverá ser cumprida, ou seja, as reincidentes têm que cumprir uma pena maior.

A variável **Irmãos Presos** correlacionou-se positivamente apenas com a variável pais presos, corroborando os achados da literatura (Almeida, 2006; Soares e Ilgenfritz, 2002) que apontam para a característica incidência do crime em vários

membros e na história das famílias, e neste mesmo sentido, a variável Pais Presos correlacionou-se com a Quantidade de Prisões. Souza (2006) também aborda esta questão ao falar do circuito perverso da exclusão social. Surpreendentemente, esta mesma variável (**Pais Presos**) se correlaciona positiva e negativamente com Reflexão e Clareza do Autoconceito, respectivamente, um achado paradoxal, visto que o aspecto reflexivo da autoconsciência, além de necessária, levaria a uma maior clareza do autoconceito, visto que esta pressupõe a uma autoavaliação das crenças existentes acerca de si mesmo (Campbell & cols., 1996).

As correlações positivas entre **Quantidade de Prisões** e Reflexão e Emoções Positivas, assim como sua correlação negativa com as Emoções Negativas, também parecem apontar para um sentido de adaptação e acomodação, dado que, neste caso, o universo do cárcere já é conhecido pela reincidente no crime, e não potencializaria as emoções negativas oriundas do enfrentamento de uma situação desconhecida e estigmatizada negativamente. Na etapa qualitativa do estudo, inclusive, a já referida categoria de análise de conteúdo (a mais saturada de frases produzidas por todas as entrevistadas), **Eu sou uma pessoa melhor hoje do que quando fui presa**, retrata uma modificação positiva a partir das experiências do cárcere. As correlações entre **Escolaridade** e Arrojamento e Sensualidade (positiva e negativa) parecem endossar os referidos ganhos dentro da prisão, especialmente atribuídos ao avanço no grau de escolaridade. Possivelmente, em relação à dimensão física do Self na qual está inserido o fator sensualidade, as mulheres mais escolarizadas fazem menos referência à sensualidade (como algo de fundamental importância em suas vidas).

O fator **Ruminação** correlacionou-se positivamente com os fatores Reflexão, Emoções Negativas, Inferioridade e Ajustamento Social, embora mais fortemente

estatisticamente com Reflexão e Inferioridade, sendo estes achados esperados, visto que a atividade ruminativa pressupõe a reflexão, sendo consideradas facetas com certa associação, embora sejam configuradas como processos distintos, da autoconsciência (Trapnell & Campbell, 1999; Zanon & Teixeira, 2006). O senso de inferioridade e a ruminação podem ser considerados como elementos do funcionamento do Self que são continuamente retroalimentados em determinadas dinâmicas de autoconceito, com as emoções negativas também configurando elemento esperado neste sistema descrito. O ajustamento social é o único elemento surpreendente neste conjunto de correlações. Uma hipótese a ser levantada seria o impacto das duas atividades da autoconsciência (reflexão e ruminação) no balizamento das ações em sociedade em conformação às regras estabelecidas. A correlação entre **Reflexão** e Ajustamento Social (fortemente significativa) parece corroborar esta hipótese.

Reflexão também correlaciona-se com Emoções Positivas, Arrojamento e Sensualidade (fortemente com estes dois últimos fatores), achado que possivelmente marca e confirma a separação dos itens da escala de Autoconsciência Situacional em dois fatores, visto que a reflexão refere-se a atitudes **mais neutras e menos depreciativas** (Nascimento, 2008), que comungam com atitudes mais positivas, tanto em relação à **dimensões pessoais do Self**, como sentimentos (emoções positivas), quanto em relação à **dimensões adaptativas do Self**, como administração da própria vida (arrojamento) e **dimensões materiais do Self**, como cuidados com a aparência e atratividade (sensualidade). Nesta mesma direção, estudos recentes da Autoconsciência apontam o impacto positivo de níveis mais elevados desta para o autoconceito e para a percepção precisa e possibilidade

de eficácia na realização de atividades sociais, através de ações como automonitoramento, por exemplo (Morin, 2005; Nascimento, 2008).

Clareza do Autoconceito correlacionou-se negativamente com Negligência, Egocentrismo e Inferioridade (nestes dois fatores, significativamente e fortemente). Esses achados são confirmados na literatura, que aponta uma relação entre baixos níveis de clareza e aspectos negativos do funcionamento do Self, como dificuldade na tomada de decisão (Setterlund & Neidenthal, 1993) e enfrentamento passivo das situações da vida diária (Smith, Wethington & Zhan, 1996). Correlacionou-se, por sua vez positivamente, com Ajustamento Social, o que confirma, nestes dados, seu relacionamento com autoaspectos positivos. Nesta direção, Campbell & Lavallee (1993) defendem uma relação de causalidade recíproca entre Clareza do Autoconceito e Auto-estima.

A correlação das **Emoções Positivas** com as Emoções Negativas (correlação mais fortemente significativa e negativa) demonstra a oposição constitutiva do funcionamento destes dois fatores, tendo o fator positivo correlacionado-se também com o Arrojamento, enquanto o fator Emoções Negativas correlacionou-se positivamente apenas com o fator Inferioridade. Canter & Ioannou (2004) também ressaltam, a partir dos dados gerados em seu trabalho, que o auto-relato das emoções vivenciadas na experiência do crime, correlacionam-se fortemente e bipolarmente (positivas e negativas), bem mais do que poderia ser observado em outra experiência.

Um interessante achado da matriz foram as correlações entre os **fatores femininos do IFEGA**, Sensualidade, Inferioridade e Ajustamento Social e os fatores masculinos do mesmo instrumento, Arrojamento, Egocentrismo e Negligência. Estes achados apontam a consideração da dialética constitutiva dos esquemas de gênero

femininos e masculinos, que justifica seu funcionamento conjunto na estruturação do autoconceito de gênero (Giavoni & Tamayo, 2000).

Interessante observar que os resultados da análise de Regressão Linear Múltipla demonstraram que apenas as Variáveis Independentes **Idade**, **Escolaridade** e Tempo de Prisão são explicativas das variações dos fatores das escalas utilizadas. As duas primeiras VIs explicam as variações nos fatores Arrojamento, Egocentrismo, Sensualidade, Inferioridade e Ruminação, e a VI **Tempo de Prisão** explica as variações nos fatores Reflexão, Clareza do Autoconceito e Emoções Positivas e Negativas. Tal resultado sugere a possibilidade de existência de alguma transformação em elementos do autoconceito feminino em decorrência dos anos vividos e da experiência acadêmica, corroborando a hipótese levantada no estudo. Interessante também observar que a variável Tempo de Prisão, que assinala a experiência do cárcere, mostra-se explicativa de variações em fatores que solicitam mais diretamente o funcionamento da autoconsciência, podendo-se supor, neste sentido, um impacto positivo do evento cárcere para a dinâmica de funcionamento do Self, ou, em sentido inverso, supor, um funcionamento da autoconsciência menos eficaz, possivelmente existente antes do cárcere. **Este último achado configura-se como o mais indicativo do papel das variáveis situacionais da vida na modificação do autoconceito de pessoas adultas. Os resultados indicam esta modificação, reestruturação adaptativa e nova estabilização que viabiliza, no cárcere, o planejamento de uma nova vida futura.**

Conclusões

Os elementos apontados demonstram que o cárcere configura um evento da vida adulta impulsionador de transformações na dinâmica do autoconceito das mulheres, e que muitas destas transformações ocorrem em relação ao Self Pessoal, Self Adaptativo e Self/Não-Self. **Este carácter mobilizador do cárcere também deve ser reforçado pelo fato deste ser considerado um ambiente altamente instável**, visto que alguns autores defendem que a estabilidade ambiental (estabelecimento de certa segurança em relação à vida pessoal e profissional, papéis e status sociais) cumpre um papel essencial na estabilização ou ancoramento do autoconceito adulto (Demo, 1992; Clausen, 1991; Ruble *et al*, 1990). Esta estabilização seria expressa como sentimentos de valorização do Self, resolução de dúvidas e inseguranças sobre si e estabelecimento de metas, configurando um autoconceito maduro e relativamente seguro. O encarceramento atuaria na contramão desta defendida segurança do Self, ilustrando a atuação das situações na maleabilidade do autoconceito.

Pode-se considerar, como uma das mais expressivas contribuições do presente estudo, o **desenvolvimento de um desenho metodológico que integrou a constituição estável e mutável do autoconceito**. Os aspectos estruturais puderam ser abordados, principalmente, na etapa qualitativa do estudo, que também produziu complementos das respostas sobre aspectos processuais do autoconceito, abordados principalmente nas inter-relações entre variáveis temporais presentes no autoconceito das mulheres encarceradas. Como mais uma expressiva contribuição, a investigação do autoconceito no encarceramento permitiu o **acesso ao movimento ativo das variações, revisões, atualizações e reforço nas atitudes em relação ao Self, considerando-se este movimento como forte indício da qualidade emergente, dinâmica e mutável do autoconceito, mesmo em etapas**

avanzadas do desenvolvimento, a partir da vida adulta. As inter-relações presentes nos elementos do cárcere apreendidos no estudo impactam, especialmente, os fatores arrojamento e ajustamento social do autoconceito de gênero, os aspectos reflexivos da autoconsciência, a maior clareza do autoconceito, e as emoções positivas em relação ao crime. Somadas a estas contribuições, pode-se apontar a posição central conferida às dimensões pessoais, interpessoais e adaptativas da estrutura do Self na vivência do encarceramento, tomada aqui como mais uma evidência da maleabilidade do autoconceito.

As limitações do estudo, que apontam para possibilidades de investigações futuras, referem-se especialmente à impossibilidade de realização de abordagem longitudinal da população investigada. Devem ser idealizadas maneiras de investigação do autoconceito das mulheres, já sentenciadas com longas penas (média de cinco anos), ao adentrarem o sistema prisional pela primeira vez, e após anos de encarceramento, atentando-se para a redução da amostra que tal escolha metodológica acarretará (reduzido número de sentenças longas, dificuldades no acesso ao segundo momento de participação, entre outras). As mulheres encarceradas poderiam, também, participar em segunda etapa do estudo, depois do recebimento do alvará de soltura, embora existam também os obstáculos inerentes a esta possibilidade de investigação do autoconceito.

Espera-se, contudo, que o presente estudo concorra para a inclusão de variáveis situacionais da vida em sociedade (tradicionalmente relegadas, embora façam parte do cotidiano brasileiro) nos estudos da psicologia cognitiva: além do encarceramento, outras situações representativas da exclusão social, violência contra as mulheres e crianças, entre outras.

Referências

Almeida, V. P. de. (2006). Repercussões da violência na construção da identidade feminina da mulher presa: um estudo de caso. *Psicologia, Ciência & Profissão*, v. 26, n. 4, dez, 604-619.

Aranha, F., & Zambaldi, F. (2008). *Análise Fatorial em Administração*. São Paulo: Cengage Learning.

Arendt, H. (1985). *Da violência*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

Artes, R. (1998). Aspectos estatísticos da análise fatorial de escalas de avaliação. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(5), 223-228.

Baldwin, J. M. (1902). *Development and Evolution*. New York: McMillan.

Baltes, P. B.; Reese, H. W.; Lipsitt, L. P. (1980) Life-span developmental psychology. *Annu. Rev. Psychol.* 31: 65-110.

Baratta, A. (1993). Direitos humanos: entre a violência estrutural e a violência penal. In: *Fascículos de Ciências Penais*. Ano 6. v .6.2. Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor, 44-60.

Bardagi, M. P. & Boff, R. de M. (2010) Autoconceito, auto-eficácia profissional e comportamento exploratório em universitários concluintes. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 15(1), 41-56.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70.

Bastos, M. (1997). *Cárcere de mulheres*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda.

Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 155-162.

_____ (1975). Sex role adaptability: One consequence of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31, 634-643.

_____ (1981). *Bem Sex Role Inventory: Professional manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

Bezerra, F. A. (2007). Análise Fatorial. In: L. J. Corrar, E. Paulo & J. M. Dias Filho (Coords.). *Análise Multivariada – Para os Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia* (pp. 73-130). São Paulo: Atlas.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa, Difel.

Brandtstadter, J. & Greve, W. (1994). The aging self: Stabilizing and protective processes. *Developmental Review*, 14, 52-80.

Brasil, Ministério da Justiça (2008). Departamento Penitenciário Nacional. *Mulheres encarceradas: diagnóstico nacional. Consolidação dos dados fornecidos pelas unidades da federação*. Brasília.

Britton, J. H., Britton, J. O. (1972). *Personality Changes in Aging. A Longitudinal Study of Community Residents*. New York: Springer.

Broderick, P. C.; Blewitt, P. (2006). The Role of Cognition in Gender Identity. *The Life Span: Human Development for Helping Professionals*. Prentice Hall.

Burke, P. J. (1980). The self: Measurement requirements from an interactionist perspective. *Soc. Psychol. Q.* 43: 18-29.

Campbell, J. D., & Lavelle, L. F. (1993). Who am I? The role of self-concept confusion in understanding the behavior of people with low self-esteem. In: R. F. Baumeister (Ed.), *Self-Esteem – The puzzle of low self-regard* (pp. 13-20). New York: Plenum Press.

Campbell, J. D., Trapnell, P. D., Heine, S. J., Katz, I. M., Lavalley, L. F., & Lehman, D. R. (1996). Self-concept clarity: Measurement, personality correlates, and cultural boundaries. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70 (1), 141-156.

Canter, D. e Ioannou, M. (2004). Criminals' Emotional Experiences During Crimes. *International Journal of Forensic Psychology*. Vol. 1, No. 2 September. 71-81.

Carvalho, M. L. de; Valente, J. G.; Assis, S. G. de; Vasconcelos, A. G. G. (2006). Perfil dos internos no sistema prisional do Rio de Janeiro: especificidades de gênero no processo de exclusão social. *Ciênc. saúde coletiva* [online], vol.11, n.2, pp. 461-471. ISSN 1413-8123.

Chauí, M. (1980). *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense.

Cheek, J. M.; Hogan, R. (1983). Self-concepts, self-presentations, and moral judgments. In: Suls, J. & Greenwald, A. G. (Eds.). *Psychological perspectives on the self*, Vol. 2, pp. 249-273.

Clausen, J. S. (1991). Adolescent competence and the shaping of the life course. *Am. J. Sociol.* 96: 805-42.

Cole, D. A.; Maxwell, S. E.; Martin, J. M.; Peeke, L. G.; Seroczynski, A. D.; Tram, J. M.; Hoffman, K. B.; Ruiz, M. D.; Jacquez, F.; Maschman, T. (2001) The Development of Multiple Domains of Child and Adolescent Self-Concept: A Cohort Sequential Longitudinal Design. *Child Development*, Nov/Dec, Vol. 72, Num 6, 1723–1746.

Cooley, C.H. (1970). *Human nature and the social other*. New York: Schocken Books.

Costa, P. C. G. (2002). Escala de Autoconceito no trabalho: construção e validação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 75-81.

Dancey, C. P. & Reidy, J. (2006). *Estatística sem Matemática para Psicologia*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Dawis, R. V. (1987). Scale Construction. *Journal of Counseling Psychology*, 34(4), 481-489.

Debarbieux, E. (1998). Le professeur et le sauvageon: Violence à l'école, incivilité et postmodernité. *Revue Française de Pédagogie*, 123, 7-19.

Demo, D. H. (1985). The measurement of self-esteem: Refining our methods. *J. Pers. Soc. Psychol.* 48: 1490-1502.

_____ (1992) The Self-Concept Over Time: Research Issues And Directions. *Annu. Rev. Sociol.* 18: 303-26.

Diehl, M.; Hastings, C. T.; Stanton, J. M. (2001) Self-Concept Differentiation Across the Adult Life Span. *Psychology and Aging*. Vol. 16, No. 4, 643-654.

Donahue, E. M., Robins, R. W., Roberts, B. W., & John, O. P. (1993) The divided self: Concurrent and longitudinal effects of psychological adjustment and social roles on self-concept differentiation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 834-846.

Epstein, S. (1973). The self-concept revisited or a theory of a theory. *American Psychologist*, 28, 404-416.

_____ (1980). The self-concept: A review and the proposal of an integrated theory of personality. In: Staub, E. (Ed.) *Personality: Basic Issues and Current Research*. Englewood Cliffs, NJ: PrenticeHall, pp. 82- 1 32.

Eysenck, M. W; Keane, M. T. (1990). *Cognitive Psychology, a student's handbook*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Fávero, L. P. L., Belfiore, P. P., & Nélo, A. M. (2007). Formação de Conglomerados no Setor de Lojas de Departamento e Eletrodomésticos no Brasil: Uma Aplicação de Análise Multivariada em Indicadores Econômico-Financeiros. *Gestão & Regionalidade*, 23(66), 6-16.

Filipp, S. H. & Klauer, T. (1986). Conceptions of self over the life span: Reflections on the dialectics of change. In: Baltes, M. M. & Baltes, P. B. (Eds.) *The psychology of control and aging*. Hillsdale, NJ: Erlbaum. 167-205.

Fioravante, K. E. (2008). *A espacialidade das mulheres atendidas pelo Programa Pró – Egresso na cidade de Ponta Grossa, Paraná.*, 92f. Monografia (Graduação em Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Franco, A. S. (1993). *La Violencia, Una Realidad Social*. Violencia Intrafamiliar. Medellín: Litoarte.

Frinhani, F. de M. D.; Souza, L. de. (2004) Mulheres encarceradas e espaço prisional: uma análise de representações sociais. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 7, n. 1, jun, 61-79.

Froehlich, C. & Neumann, L. (2007). Desenvolvimento Humano em Municípios Gaúchos: Um Estudo Através da Análise Fatorial. *Perspec. Contemp.*, 2(2), 79-100.

Gazzaniga, M.S; Heatherton,T. F. (2005). *Ciência Psicológica: Mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Gecas, V. (1982). The self-concept, *Annual Review of Sociology*, 8, 1-33.

George, L. (2000). Well-being and sense of self: What we know and what we need to know. In: Shaide & Hendricks (Eds.) *The Evolution of the Aging self: The Societal Impact on the Aging Process*. New York. Societal Impact on Aging Series. Springer Publishing Company Inc. 1- 35.

Giaconi, A.; Tamayo, A. (2000). Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 175-184.

_____. (2003). Inventário Masculino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IMEGA) *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 19, n. 3, 249-259.

_____. (2005). Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA) *Estudos de Psicologia*, vol. 10, n. 001, 25-34.

Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Medeiros, E. D., Gouveia, R. S. V., & Palmeira, J. (2007). Escala de atitudes frente ao uso de drogas: evidências de validade fatorial e preditiva. *J Bras Psiquiatr*, 56(1): 53-59.

Greenwald, A. G., Pratkanis, A. R. (1984). The self. In: Wyer, R. S.; Srull, T. K. (Eds.) *Handbook of Social Cognition*, Hillsdale, NJ: Erlbaum, 3: 129-78.

Guedes, M. A. (2006). Intervenções Psicossociais no Sistema Carcerário Feminino. *Psicologia, ciência e profissão*, Brasília, v. 26, n. 4, dez, 558-569.

Hair, Jr., J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. 5ª ed. Tradução Adonai Schlup Sant'Anna e Anselmo Chaves Neto. Porto Alegre: Bookman.

Hart, D.; Fegley, S. (1994). Social imitation and the emergence of a mental model of self. In: Parker, S. T.; Mitchell, R. W.; Boccia, M. L. (Eds). *Self-awareness in animals and humans: Developmental perspectives*. New York: Cambridge University Press.

Harter, S. & Monsour, A. (1992). Developmental analysis of conflict caused by opposing attributes in the adolescent self-portrait. *Developmental Psychology*, 28, 251-260.

Jacinto, G.; Mangrich, C. S.; Barbosa, M. D. (2010) Esse é meu serviço, eu sei que é proibido: Mulheres aprisionadas por tráfico de drogas. *In: Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 81, [Internet]. **Disponível em** http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8513. Acesso em 07/12/2011.

James, W. (1952). *The Principles of Psychology*. Encyclopedia Britannica, Inc. Chicago, London, Toronto, Geneva: William Benton.

Kihlstrom, J. F., Cantor, N. (1984). *Mental representations of the self*. *Adv. Exp. Soc. Psychol.* 17: 1-47.

Kinch, J.W. (1963). A formalized theory of the self-concept. In: Plummer, K. (Ed.), *Symbolic Interactionism: Contemporary issues*. England: Edward Elgan Publishers Limited.

Laborit H. (1994) *Les bases biologiques des comportements sociaux*, 2. édition, Québec: Fides.

L'Écuyer, R. (1978). *Le concept de soi*. Paris. PUF.

_____. (1985a). *El concepto de sí mismo*. Barcelona. Ed. Oikos-Tau.

Lemgruber, J. (1999). *Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres*. Rio de Janeiro: Forense.

Lobel, T. E.; Winch, G. L. (1988). Psychosocial development, Self-concept, and gender. *The Journal of Genetic Psychology*. Sep; 149(3): 405-11.

Loewenthal, K. M. (2004). *An Introduction to Psychological Tests and Scales*. 2nd Edition. East Sussex: Psychology Press.

Markus, H. (1983). *Self-knowledge: An expanded view*. *J. Pers.* 51: 543-65.

Markus, H. & Kunda, Z. (1986). Stability and malleability of the self-concept. *J. Pers. Soc. Psychol.* 51: 858-66.

Markus, H., Wurf, E. (1987). The dynamic self-concept: A social psychological perspective. *Annu. Rev. Psychol.* 38: 299-337.

Marsh, H. W. (1989). Age and Sex Effects in Multiple Dimensions of Self-Concept: Preadolescence to Early Adulthood. *Journal of Educational Psychology*, Vol. 81, No. 3, 417-430.

Marsh, H. W.; Parker, J., & Barnes, J. (1985). Multidimensional adolescent self-concepts: Their relationship to age, sex and academic measures. *American Educational Research Council*, 22, 422-444.

Marsh, H. W., Smith, I. D., Marsh, M. R., & Owens, L. (1988). The transition from single-sex to coeducational high schools: Effects on multiple dimensions of self-concept and on academic achievement. *American Educational Research Journal*, 25, 237-269.

McCrae, R. R. & Costa, P.T. (1982). Self-Concept and the Stability of Personality: Cross-Sectional Comparisons of Self-Reports and Ratings. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 43, No. 6, 1282-1292.

McGuire, W. J., McGuire, C. V. (1981). The spontaneous self-concept as affected by personal distinctiveness. In: Lynch, M. D.; Norem-Hebeisen, A. A.; Gergen, K. J. (Eds.) *Self-Concept: Advances in Theory & Research*, Cambridge, Mass: Ballinger, pp. 147-71.

McGuire, W. J., McGuire, C. V., Cheever, J. (1986). The self in society: Effects of social contexts on the sense of self. *J. Soc. Psychol.* 25: 259-70.

Mead, G. H. (1934-1962). *Mind, self, and society. From the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press.

Meissner, W. W. (2008). The role of language in the development of the self I: Thoughts and words. *Psychoanalytic Psychology*, Vol 25(2), 220-241.

Melo, G. F., Giavoni, A., & Tróccoli, B. T. (2004). Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 251-256.

Michaud, Y. (1989). *A violência*. São Paulo: Ed. Ática.

Minayo, M. C. S. & Souza, E. R. S. (1993). Violência para todos. *Cadernos de Saúde Pública*, 9: 65-78.

Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v.22, n. 37. 7-32.

Morin, A. (1995-96). Characteristics of an effective internal dialogue in the acquisition of self-information. *Imagination, Cognition and Personality*, 15(1), 45-58.

_____. (2005). Possible links between self-awareness and inner speech: Theoretical background, underlying mechanisms, and empirical evidence. *Journal of Consciousness Studies*, 12(4-5), 115-134.

_____. (2009). Self-awareness deficits following loss of inner speech: Dr.Jill Bolte Taylor's case study. *Consciousness and Cognition*, 18(2), 524-529.

Mortimer, J. T.; Finch, M. D. & Kumka, D. (1981) Persistence and change in development: The multidimensional self-concept. In: Baltes, P. B. & Brim, O. G. Jr. (Eds.) *Life-span development and behavior* (Vol. 4). New York: Academic Press.

Nascimento, A. M. (2008). Autoconsciência Situacional, Imagens Mentais, Religiosidade e Estados Incomuns da Consciência: um estudo sociocognitivo. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

O'Dea, J. A.; Abraham, S. (1999). Association between self-concept and body weight, gender, and pubertal development among male and female adolescents. *Adolescence*, 34, 69-79.

Oliveira, O. M. de. (2002). A mulher e o fenômeno da criminalidade. *Verso e Reverso do Controle Penal: (des) aprisionando a sociedade da cultura punitiva*. Org. Vera Regina Pereira de Andrade. Florianópolis: Fundação Boiteux.

Paivio, A. (2007). *Mind and Its Evolution: A Dual Coding Theoretical Approach*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Palmore, E. B., Fillenbaum, G. G., George, L. K. (1984). Consequences of retirement. *J. Gerontol.* 39: 109-16.

Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Rev. Psiquiatr. Clín.*, 25(5), 206-213.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.

Pereira, S. V. de J. (2009) Trajetórias de vida de mulheres presidiárias envolvidas com tráfico de drogas em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Perucci, M. F. A. (1983). *Mulheres encarceradas*. São Paulo: Global.

Piers, E. V. & Harris, D. A. (1964). Age and other correlates of selfconcept in children. *Journal of Educational Psychology*, 55, 91-95.

Pimentel, E. (2008). *Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas*. 1 ed., Maceió: Edufal.

Purkey, W. (1988). *An overview of self-concept theory for counselors*. ERIC Clearinghouse on Counseling and Personnel Services, Ann Arbor, Mich. (An ERIC/CAPS Digest: ED304630).

Reis, E. (2001). *Estatística Multivariada Aplicada*. 2ª ed. Lisboa: Edições Silabo.

Roazzi, A. & Souza, B.C. (1999). Novas tendências no estudo da inteligência: Das escalas aos processos. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, 2(3), Jul-dez, 7-20.

Rocha, A. P. (2007). *O Autoconceito nos Idosos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Medicina. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the Self*. New York: Basic Books.

_____ (1985). Self-concept and psychological well-being in adolescence. In: Leahy, R. L. (Ed.), *The development of self*. Orlando, FL: Academic Press, 55-121.

Ruble, D. N., Fleming, A. S., Stangor, C., Brooks-Gunn, J., Fitzmaurice, G., Deutsch, F. (1990). Transition to motherhood and the self. Measurement, stability, and change. *J. Pers. Soc. Psychol.* 58: 450-63.

Savin-Williams, R. C., Demo, D. H. (1983). Situational and transituational determinants of adolescent self-feelings. *J. Pers. Soc. Psychol.* 44: 824-33.

Sears, R. R. (1970). Relation of Early Socialization Experiences to Self-Concepts and Gender Role in Middle Childhood. *Child Development*, Vol. 41, No. 2, Jun., 267-289.

Setterlund, M. B. & Niedenthal, P. M. (1993). "Who Am I? Why Am I Here?" Self-Esteem, Self-Clarity, and Prototype Matching." *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 769-780.

Simmons, R. G., Rosenberg, F. & Rosenberg, M. (1973). Disturbance in the self-image at adolescence. *American Sociological Review*, 38, 553-568.

Smith, M., Wethington, E., & Zhan, G. (1996). Self-concept clarity and preferred coping styles. *Journal of Personality*, 64, 407-434.

Soares, B.; Ilgenfritz, I. (2002). *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond.

Souza, M. G. T. C. de (2010). Processos Psicológicos do Homicídio. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

Souza, S.B. (2006). Criminalidade Feminina: trajetória e confluências na fala das presas de Talavera Bruce. In: *Revista Democracia Viva*. Número 33,. Disponível em: <http://www.observatoriodeseguranca.org/files/dv33_artigo2.pdf> Acesso em: 10/05/2010

Super, D. E. (1963b) Self Toward making self-concept theory operational. In: Super, D. E. et al. (Orgs.) *Career development: self concept theory*. New York: College Entrance Examination Board - Columbia University, 1-14.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996) *Using Multivariate Statistics* (3rd ed.). New York: Harper Collins.

Tamayo, A. (1981). EFA: Escala fatorial de autoconceito. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33 (4), 87-102.

_____ (1985) Relação entre o autoconceito e a avaliação percebida de um parceiro significativo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 37(1): 88-96.

Tamayo, A., Campos, A. P. M., Matos, D. R., Mendes, G. R., Santos, J. B. & Carvalho, N. T. (2001) A influência da atividade física regular sobre o autoconceito. *Estudos de Psicologia*, 6, 157-165.

Tavares Dos Santos, J. V. (1995). A violência como dispositivo de excesso de poder. *Sociedade & Estado*, Brasília, UnB, 10(2): jul/dez, 281-298.

Tinoco, R. (2002). Adaptações cognitivas a situações de ultradesvalorização social. In: *A página da educação*, Ano 11, Julho, Nº 114. disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=114&doc=8951&mid=2>

Trapnell, P. D. & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the Five-Factor Model of Personality: distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(2), 284-304.

Turner, R. H. (1968) The Self-conception in Social Interaction. In: Gordon, C. & Gergen, K. G. (Eds.) *The Self in social interaction*. New York: Wiley.

Wylie, R. C. (1979). *The self-concept* (Vol. 2). Lincoln: University of Nebraska Press.

Zaluar, A. (1994a), *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ/Revan.

_____ (2000). A Globalização do Crime e os Limites da Explicação Local. In: Velho, V. & Alvito, M. (orgs.) *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro, UFRJ: Editora FGV, 49 - 69.

Zaluar, A.; Leal, M. C. (2001) Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 16(45), 145-164.

Zanon, C. & Teixeira, M. A. P. (2006). Adaptação do Questionário de Ruminação e Reflexão (QRR) para estudantes universitários brasileiros. *Interação*, 10, 75-82.

Anexo I

Questionário

Por favor, responda sobre você...

Quantos anos você tem? _____

Qual é a sua cor ou raça? _____ Branca – Negra – Amarela – Parda – Indígena – Outras

Qual a sua escolaridade? Série? _____ Fundamental – Médio – Superior

Outras qualificações ou cursos que você possui:

Quantos anos você tinha quando foi presa pela primeira vez?

Quantas prisões você teve ao todo (incluindo tudo)? _____

Você foi presa por quê? _____

Algum dos seus pais ou padrastos (madrastas) foi preso? Sim _____ Não _____

Se sim, por quê? _____

Algum companheiro seu já foi preso?

Quanto tempo você passou até agora? _____ meses

Com quem você morou quando criança?

Com meus pais - Com apenas um de meus pais - Com minha mãe e meu padrasto - Com meu pai e minha madrasta - Com outros parentes - Com pais adotivos - Em um orfanato - Outro (por favor, diga)

-

Algum de seus irmãos ou irmãs (ou irmãos adotados) viveu com você? Quantos?

Algum deles já foi preso? Sim _____ Não _____

Se sim, quais são os tipos de acusação?

INVENTÁRIO FEMININO DOS ESQUEMAS DE GÊNERO DO AUTOCONCEITO (IFEFGA)

Por favor, agora, avalie com atenção cada frase apresentada a seguir, e responda o quanto se aplica a você. Aponte o número que representa como você percebe a você mesma neste momento de sua vida, de acordo com a escala abaixo:

Não se aplica 1 - 2 - 3 - 4 - 5 Aplica-se totalmente
--

Escala Masculina

Fator 1 - Arrojamento

- 1) Tenho idéias inovadoras naquilo que faço..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 2) Gosto de enfrentar novos desafios..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 3) Luto pelos meus ideais..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 4) Luto por aquilo que desejo..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 5) Busco minhas metas com determinação..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 6) Procuro ser original naquilo que faço..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 7) Sou criativa..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 8) Busco as novas tendências no campo em que trabalho..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 9) Expresso as minhas opiniões, sem medo de ser criticada..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 10) Procuro viver uma vida sem rotinas..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 11) Procuro me destacar naquilo que faço..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

- 12) Resolvo os problemas de forma prática..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 13) Busco prazer em tudo o que faço..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 14) Gosto de assumir a liderança..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 15) Trato os assuntos com objetividade..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 16) Exponho os meus pensamentos de forma lógica..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 17) Vou direto ao assunto, sem fazer rodeios..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

Fator 2 - Egocentrismo

- 1) Fico mal-humorada ao ter os meus planos contrariados..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 2) Sou injusta com as pessoas quando tenho os meus desejos contrariados..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 3) Sou grosseira com aqueles que me contrariam..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 4) Agrido, verbalmente, as pessoas quando me sinto frustrada..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 5) Quero que os meus desejos prevaleçam sobre os dos demais..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 6) Gosto de exercer o controle sobre os outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 7) Fico violenta ao ser contrariada..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 8) Faço comentários depreciativos daquele e/ou daquilo que me incomodam..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 9) Irrito-me quando os meus planos não se realizam conforme o planejado..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 10) Quero que aquele(s) que amo só tenham olhos para mim..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 11) Transfiro para os outros aquelas tarefas que deixei de cumprir..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 12) Gosto de cutucar os pontos fracos das pessoas..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

<p>Não se aplica 1 - 2 - 3 - 4 - 5 Aplica-se totalmente</p>
--

Fator 3 - Negligência

- 1) Sou desleixada com as minhas coisas (roupas, objetos, etc...) 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 2) Sou desorganizada..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 3) Sou desleixada com a minha aparência física..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 4) Minha forma de vestir é deselegante..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 5) Por preguiça, deixo para amanhã o que posso fazer hoje..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 6) Sou descuidada com a minha saúde..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 7) Sou negligente com assuntos importantes..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

Escala feminina

Fator 1 - Sensualidade

- 1) Sou atraente..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 2) Meu jeito de ser é sensual..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

- 3) Seduzo as pessoas com o meu charme e sensualidade..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 4) Sou charmosa..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 5) A harmonia de minhas formas corporais atrai as pessoas..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 6) Minha beleza física atrai as pessoas..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 7) A forma como me movimento exprime sensualidade..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 8) A forma como me visto é peça fundamental na arte da sedução..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 9) Visto-me com elegância..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 10) Preocupo-me com a minha aparência..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 11) O meu jeito de ser agrada as pessoas..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

Fator 2 - Inferioridade

- 1) Tomo as minhas decisões, baseando-me nas opiniões dos outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 2) Vejo segundas intenções nas atitudes dos outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 3) Desconfio das intenções dos outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 4) Sinto ciúme quando os outros se aproximam de pessoas que eu gosto..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 5) Invejo aqueles que alcançam aquilo que eu gostaria de alcançar..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 6) Dependo do apoio dos demais para tomar minhas decisões..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 7) Planejo o troco de cada ofensa recebida..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 8) Vivo dividida entre aquilo que quero e aquilo que esperam de mim..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 9) Gosto de saber tudo o que está se passando na vida dos outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 10) Presto favores quando sei que poderei retirar alguma vantagem..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 11) Quando convém, transporeço ser aquilo que não sou..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 12) Sinto-me deslocada em eventos sociais..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 13) Trago comigo a lembrança de cada ofensa e de seu ofensor..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 14) Gosto de falar da vida dos outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 15) Sou tímida..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 16) Vivo calada e recolhida em meus pensamentos..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

Fator 3 – Ajustamento Social

- 1) A moral rege a minha conduta diária..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 2) A lealdade faz parte dos princípios que regem a minha vida..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 3) A fidelidade faz parte dos princípios que regem a minha vida..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 4) Sou honesta..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 5) Minha conduta segue as normas ditadas pela moral e os bons costumes..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

- 6) Sou romântica..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 7) Sou íntegra..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 8) Sou delicada..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 9) Tomo cuidado para que minhas atitudes não venham prejudicar terceiros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 10) Sou caprichosa ao realizar as minhas tarefas..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 11) Acredito em amores eternos..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- 12) Sou sensível à dor e ao sofrimento dos outros..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5

ESCALA DE CLAREZA DO AUTOCONCEITO

O teste abaixo investiga com que clareza você percebe a você mesmo/a. Circule o número para cada item que corresponde adequadamente à maneira como você neste momento de sua vida percebe a você mesma segundo a escala abaixo:

Discordo Totalmente	1 - 2 - 3 - 4 - 5	Concordo Totalmente
---------------------	-------------------	---------------------

1. Minhas crenças sobre mim mesmo/a frequentemente entram em conflito umas com as outras.
..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
2. Em um dia eu posso ter uma opinião de mim mesmo/a e em outro dia eu posso ter uma opinião diferente. 1 - 2 - 3 - 4 - 5
3. Eu passo muito tempo pensando sobre que tipo de pessoa que eu realmente sou.
..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
4. Às vezes eu sinto que não sou realmente a pessoa que eu pareço ser. 1 - 2 - 3 - 4 - 5
5. Quando eu penso sobre o tipo de pessoa que eu fui no passado, eu não tenho certeza de como eu tenha sido. 1 - 2 - 3 - 4 - 5
6. Eu raramente vivencio conflito entre os diferentes aspectos da minha personalidade.
..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
7. Às vezes eu acho que conheço melhor as outras pessoas do que eu conheço a mim mesmo/a.
..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
8. Minhas convicções sobre mim mesmo/a parecem mudar muito frequentemente.
..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
9. Se me pedissem para descrever a minha personalidade, minha descrição pode acabar sendo diferente de um dia para um outro dia. 1 - 2 - 3 - 4 - 5
10. Mesmo se eu quisesse, eu não acho que eu diria a alguém como eu realmente sou.
..... 1 - 2 - 3 - 4 - 5
11. Em geral, eu tenho uma noção clara de quem eu sou e do que eu sou. 1 - 2 - 3 - 4 - 5

12. É frequentemente difícil para mim formar a minha opinião sobre as coisas, porque eu realmente não sei o que eu quero. **1 - 2 - 3 - 4 - 5**

TESTE DE AUTOCONSCIÊNCIA SITUACIONAL

Instrução:

O teste seguinte avalia as características de sua auto-atenção, ou seja, a maneira como você tem consciência de você mesmo(a) num determinado instante. Leia as questões contidas no questionário procurando respondê-las de forma objetiva. Não há tempo pré-definido para concluir a tarefa nem respostas corretas; portanto, procure responder com sinceridade e manter-se prestando a atenção em você mesmo(a) durante a realização da tarefa. Leia com atenção as autoafirmações que seguem e marque de acordo com a escala proposta abaixo quão adequadas as afirmações descrevem como você se percebe **exatamente agora, neste exato instante**.

Instrução para Marcação na Escala:

Circule o número na escala abaixo que melhor descreve sua concordância com o conteúdo de cada auto-afirmação relacionada a como você se percebe neste exato momento e não na vida em geral, indo desde o número '1' que significa 'discordo totalmente do conteúdo da autoafirmação' ao número '5' que significa 'concordo totalmente com o conteúdo da autoafirmação':

1 -----	2 -----	3 -----	4 -----	5
discordo	discordo	nem discordo	concordo	concordo
totalmente	um pouco	nem concordo	um pouco	totalmente

1. Neste instante, eu avalio algum aspecto que me diz respeito. 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
2. Neste instante, eu penso sobre aspectos meus que me causam ansiedade.
1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
3. Neste instante, eu não estou pensando em mim mesmo buscando melhor conhecer meus pensamentos, emoções e necessidades. 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
4. Neste instante, eu estou em silêncio falando comigo mesmo sobre mim.
1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
5. Neste instante, eu fantasio uma situação sobre um assunto que me preocupa.
1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
6. Neste instante, eu não me vejo em meus pensamentos envolvido com coisas que ajudam em meu desenvolvimento pessoal. 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
7. Neste instante, eu não estou prestando atenção em mim mesmo.
1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5
8. Neste instante, eu não estou preocupado comigo. 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5

9. Neste instante, eu me avalio em meus pensamentos procurando aprender algo novo sobre mim.

1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5

10. Neste instante, eu estou me vendo em minha mente.

1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5

11. Neste instante, eu me vejo de corpo inteiro em minha mente.

1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5

12. Neste instante, eu estou pensando se me considero uma pessoa atraente fisicamente.

1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5

13. Neste instante, eu reflito sobre minhas necessidades.

1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5

ESCALA CRIME EMOÇÕES

Para o crime pelo qual você cumpre pena, por favor, me diga como se sente.

Indique a medida do que você sentiu para cada uma das opções abaixo.

Item	Nem um pouco	Apenas um pouco	Alguma coisa	Muito	Muitíssimo
1. Sozinha	1	2	3	4	5
2. Com medo	1	2	3	4	5
3. Alegre	1	2	3	4	5
4. Confiante	1	2	3	4	5
5. Chateada	1	2	3	4	5
6. Satisfeita	1	2	3	4	5
7. Calma	1	2	3	4	5
8. Segura	1	2	3	4	5
9. Preocupada	1	2	3	4	5
10. Deprimida	1	2	3	4	5
11. Entusiasmada	1	2	3	4	5
12. Pensativa	1	2	3	4	5
13. Incomodada	1	2	3	4	5
14. Com raiva	1	2	3	4	5
15. Desgraçada	1	2	3	4	5
16. Animada	1	2	3	4	5
17. Confusa	1	2	3	4	5
18. Infeliz	1	2	3	4	5
19. Irritada	1	2	3	4	5
20. Relaxada	1	2	3	4	5
21. Encantada	1	2	3	4	5
22. [Redacted]	1	2	3	4	5
23. Corajosa	1	2	3	4	5
24. Contente	1	2	3	4	5
25. Viril (forte)	1	2	3	4	5
26. Inútil	1	2	3	4	5

ANEXO II

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM MULHERES NO CÁRCERE (Realizada em junho de 2011)

E 1 – Reeducanda I. P. de M., 50 anos, reclusa há 4 anos.

Minha sentença total é de 12 anos, no fechado, que está terminando, depois eu saio para o semi-aberto, porque o crime é hediondo, e não permite que eu saia sem cumprir os dois regimes. No semi-aberto, aí passam a ser abertas, assim, outras fronteiras, para o trabalho, porque, assim, nós temos um trabalho interno aqui, mas aí a gente vai poder fazer o trabalho externo... se não quiser o interno, aí vai poder estudar, fazer cursos, estes cursos que a gente não pode fazer em regime fechado, só cursos que ofereçam dentro da unidade, a gente vai querer... até poderia, fazer uma universidade, mas aí ia ter que ter uma custódia pra gente poder ir.

Pesquisadora: Por favor, diga cinco frases que representem, ou signifiquem, como você se vê e se sente, atualmente.

Bem, hoje eu me vejo assim, uma mulher bem mais madura do que há alguns anos, uma mulher, assim, que voltou a acreditar nela porque, quando eu fui presa, eu acho que, eu acho, não, eu tenho plena certeza de que eu, a minha baixa estima, assim, não estava legal, eu estava num momento de... muitos conflitos comigo mesma, conflitos assim, pessoais, financeiros, e hoje eu descobri, aqui dentro, que eu... eu fui presa há quatro anos atrás, quando eu tinha 47 anos, hoje eu não vejo, com cinquenta anos eu não me encontro nas condições que eu me encontrava há quatro anos atrás, certo? Bem melhor, entendeu?

Em relação a este mesmo sentimento em relação a você, agora vou perguntar sobre pontos mais diretos. Em relação a sua aparência, por exemplo, como se vê e se sente?

Meu visual eu sempre cuidei muito bem, e aqui eu passei a cuidar mais ainda, até porque eu tinha uma idade, agora eu tenho outra, eu tenho que ter cuidado com a pele, com a alimentação, eu passo a ter muito cuidado com isso, até porque eu tenho cinquenta anos, mas eu não me sinto com cinquenta, eu me sinto com trinta e cinco, trinta e sete anos, entende? Aí eu... já que tem essa... dentro de mim eu me sinto assim, eu quero que se exteriorize também, entende? Eu quero que as pessoas me vejam assim, tanto... assim... no ritmo de vida, que eu me sinto assim, como uma mulher de trinta e sete anos, quanto na aparência, né? Aí eu cuido, bastante disso. Hehe.

Em relação ao seu organismo, seu corpo?

Em relação ao físico, assim, nesses quatro anos eu tive uma perda de massa muscular, diante da idade também, né, que já deveria tá sendo reparada com exercícios físicos, mas aqui não tem, não tenho como fazer, e eu não tenho como pedir, a não ser que fosse um caso de doença, mas não é o caso, aí, isso aí é uma

coisa que me deixa um pouco preocupada, mas é uma coisa que eu posso correr né? Depois que eu sair é uma coisa que eu posso correr contra esse tempo, né? Também eu tô iniciando o período da menopausa, está havendo algumas transformações assim, não no corpo físico, mas assim, no interior, né?

Em relação a ter, comprar algum objeto?

Não, hoje bem melhor, hoje, depois da prisão eu, vi que, as pessoas, antes eu queria, eu comecei a almejar coisas que eu não, não, não... financeiramente, eu não poderia, não é que eu não poderia ter, que não estava ao alcance de eu ter, né? E hoje é, não é que eu limite, é que hoje eu vejo que eu posso ter as coisas de outra maneira, tá entendendo? Se eu desejo ter uma televisão de plasma, eu posso trabalhar, eu posso ir à luta e conseguir essa televisão, mesmo que ela me custe mais três, ou quatro anos pra eu esperar, mesmo que eu pague ela em doze vezes, em vinte e quatro vezes... isso mudou, porque eu comecei a botar na minha cabeça que eu não podia mudar minha vida da noite pro dia, a não ser que ganhasse o prêmio da mega-sena, e é, eu posso conseguir qualquer coisa, é... que eu almeje, que esteja dentro de minhas necessidades, sem precisar cometer o delito que eu cometi.

Em relação a relacionamentos?

Bom, relacionamentos, aqui dentro, é quase impossível, né, de com homem com mulher, né? Só se for coisa do destino, tipo, que marcou aqui, um encontro de um homem com uma mulher, né? Mas um homem lá fora, que veja você, que você comece a ter... principalmente na minha idade é muito difícil, difícil porque você vai ficando muito seletiva, você vai ficando muito mais exigente, né? Você vai querendo uma pessoa que tenha, é... assim, é... sua formação, que tenha mais ou menos a sua faixa de idade... pelo menos é o que eu... é o meu conceito de mulher, eu estou falando por mim, aí... fica uma coisa difícil, né? Mas aí a gente, eu, tive uma formação, um alicerce muito bom na minha vida, e eu tô sabendo trabalhar essa coisa dentro de mim, essa falta, né? De companheirismo, certo? Eu não me envolvi, certo, com mulheres, não tem por que, eu nunca me envolvi com mulher, não é hoje, aos quarenta e sete anos, que eu iria me envolver com mulheres, mas não tenho nada contra, queria deixar bem claro, certo? Mas só que... é minha, tá entendendo? Eu acho que o homem nasceu pra mulher e a mulher nasceu pro homem, certo? Mas... eu tô sabendo trabalhar isso aqui, que não é fácil, é muito difícil você saber viver sem uma outra metade, sabe, pra mim, pelo menos é. Você não é feliz sozinho, pelo menos eu sou ainda dessa filosofia... apesar que... não é que você precise do outro para ser feliz, mas é que você precisa da pessoa para partilhar aquela vida, dividir as coisas, não é?

Em relação a seus sonhos pra futuro?

Bom, isso é uma das grandes preocupações da minha vida, eu não quis... eu luto com isso todos os dias, os sonhos não, entende, eu acho que se você deixa de sonhar você... a vida da gente é sempre um sonho, seja fora... seja dentro da cadeia, você sonha todos os dias né? Você sonha em amanhã, é, por exemplo, acabou um casamento você sonha em encontrar o grande homem da sua vida, não é isso? Você sonha em fazer uma viagem, você sonha em mudar a... a decoração de

sua casa, você sonha... sempre a vida é sempre um sonho e se você perde... se, se você deixa de sonhar, você deixa de, aos poucos, de viver, né? Os sonhos, são o que? Coisas que a gente projeta... que vai acontecer com as nossas vidas, você tá entendendo? Não é que eu viva pensando no amanhã, não, que eu nem sei o que vai acontecer comigo daqui há um minuto, dois minutos, mas é tão bom você idealizar coisas, né? Sonhar com as coisas, né? Pensar assim, será que eu vou conhecer um país de primeiro mundo, um país da Europa, será que um dia eu vou a Veneza, que eu tenho vontade de conhecer Veneza, hehe. Então uma das coisas que mais me preocupa é eu não deixar de sonhar, certo? Eu sonho todos os dias novamente, eu reconstruir minha vida, de ter minha casa, modesta, com coisas adquirida com trabalho, certo? Eu sonho novamente em reconstruir uma vida amorosa, certo? Eu sonho... poder trazer de volta ao convívio junto comigo os meus filhos, já são, uma tem vinte e seis, inclusive tem a profissão da senhora, e o filho tem vinte, então eu sonho novamente com isso, né? Com aquela, aquela coisa de família, eu sei que vai ser diferente... porque eles já são adultos, já têm a vida deles, têm os relacionamentos deles, não vai ser aquela coisa... como eu parei há três anos atrás, que eu tinha um adolescente, ele tinha 16 anos, né? Hoje ele tá um homem, eu sei que vai ser diferente, as mudanças aconteceram, mas eu quero aquele clima de família, os filhos almoçar com você, levar a namorada em casa, que já está nesse estágio, né?

Em relação a seus sentimentos?

Em relação ao sentimento eu vou ser um pouco cautelosa, porque quando eu fui presa eu tinha um companheiro, um companheiro não de.... nós tínhamos uma amizade assim... boa, mas cada um com seu espaço, mas... ele vivia muito dentro da minha casa, fazia um relacionamento de casados... e ele... se magoou, porque ele não tinha conhecimento da insanidade que eu tava cometendo, da loucura que eu tava cometendo... e ele se magoou muito, né? Se machucou, se magoou, e eu nem sei o que foi que aconteceu de verdade, porque foi assim, uma catástrofe... assim, um terremoto ou um vendaval, tá entendendo? E ele não teve estrutura, ou também não gostasse de mim o suficiente, pra superar e pra... me perdoar, aí hoje eu vou ser bastante cautelosa, sabe por quê? Eu acho que você... quando gosta de outro verdadeiramente, não é que você vai aceitar os defeitos dos outros, mas você não pode... de forma nenhuma, desprezar ela no momento em que... num momento difícil de sua vida... cadê aquele amor? Que você ligava de dez em dez minutos, que você questionava onde estava, que você brigava com a roupa decotada, certo? Cadê aquele amor, que você dizia que... que você ligava pra dizer... não, eu vou pra aí, porque eu tô morrendo de saudade de você, tudo aquilo, toda aquelas palavras foram mentira? Vou ser muito mais exigente... não com a pessoa, mas comigo mesma, na hora de escolher essa pessoa, porque eu acho que, o amor, é uma palavra muito forte, pra entregar a um homem ou uma mulher, certo? Eu acho que existe respeito, afinidade, muita coisa, mas amor é uma palavra muito forte, de mãe pra filho... nem de filho pra mãe. Eu vou querer um sentimento verdadeiro, pode até se questionar numa entrevista, será que você não agiria de mesma forma que ele, se você tivesse sido enganada, eu digo sim, talvez eu não, levasse avante aquele sentimento, aquele relacionamento, porque ele iria ficar muito machucado... iria ficar dúvidas, iria ficar desconfianças, você não iria mais ter credibilidade, mas eu não não esqueceria aquela pessoa como se ela nunca tivesse passado na minha vida, eu viria de vez em quando, fazer uma visita, trazer uma coisa diferente para ela

comer, perguntar como ela está... afinal de contas houve um amor, um gostar... ninguém traiu ninguém, ninguém assim, não houve traição de homem com mulher, né? Houve só um... assim... eu enganei em termos de... do que eu estava praticando, mas... eu gostando dela, talvez eu até superasse.

Em relação a suas qualidades e seus defeitos?

Bom, hoje tão bem melhores, né? Hoje eu sou uma pessoa de uma personalidade muito forte, eu, fui criada muito rígida, com padrões muito... valores e padrões muito fortes, naquele tempo que eu fui criada, assim, eu nasci na década de sessenta, onde tinha ainda muitos tabus ainda, em relação ao homem, mulher e todo, a sociedade cobrava muito da mulher ainda, e... os meus pais, via sempre a mulher assim, como a mulher, tinha que viver embaixo dos pés dos homens, sendo comandada pelos homens, aí eu entrei naquela fase que começou as transformações, décadas de sessenta, pra setenta, as mulheres, começaram a se... rebelar, querer o espaço delas, querer estudar, e... começou aquela loucura toda, que, a senhora é jovem, talvez não dê pra captar, tá entendendo? Começou aquela mudança toda, é... o homem e a mulher brigando... parecia que tavam num rangue, hehe, hoje a coisa já é bem mais... é, hehe, bem mais aceitável, não é? É meu pai brigando com roupa, que a gente usava, como é que mulher se comporta, tudo... é sem, pudor, né? Tudo o que a mulher fazia, assim... de novidade, é a mulher que não tinha caráter, até que não tinha pudor... aí isso fez com que eu fosse uma mulher... eu sou muito assim... exigente, eu sou... um pouco mandona, hehehehe, eu sou um pouco controladora, heheheh, eu sei... certo? Diante da educação reprimida que eu tive, né? Eu sou um pouco assim... eu exijo muito das pessoas, acho que as mulheres deveriam ser como eu fui, mas eu tenho que entender que eu fui uma mulher de outra geração, uma mulher de outros tempos, e hoje eu entro em conflito, eu acho que eu critico algumas coisas que... tem que haver mudança na minha vida, mas as qualidades pesando tudo... eu acho que tenho mais qualidades, do que defeito, certo? Eu me vejo assim, em termos de mulher, eu me acho uma mulher exemplar, sou uma mulher que... adoro cuidar da minha casa, adoro cuidar dos meus filhos, sou louca pra arrumar minha casa, deixar minha casa bem decorada, sou muito exigente com tudo, controlo tudo, sei o que tem de garfo, de faca na minha casa.

Em relação a outras pessoas, como se sente, como consegue conviver com os outros?

Consigo, consigo... lutando, lutando muito porque as pessoas são muito diferentes de mim, são o oposto, são mulheres que não tiveram a educação que eu tive, entende? Aí eu, me olhando no espelho eu me acho com mais qualidades, agora aqui eu... tô sabendo controlar mais minhas, meus defeitos... tô sabendo controlar, conviver com meus defeitos sem magoar o próximo. Não tá sendo fácil, mas eu tenho dado uma melhorada bastante... na rua eu era mais assim... mais rígida, mas aqui, eu dei uma moderada, né? Não sei se foi diante do sofrimento... a falta de tudo que eu passo, aí eu vou, assim, no meu pensar eu tive um ganho com isso, não uma perda, mas sim um ganho.

Em relação a suas habilidades, suas competências, o que você tem de melhor?

Bom, hoje eu me vejo assim, eu sempre fui uma mulher muito inteligente, eu tive pouca escolaridade lá fora, porque eu assim... fui educada pra casar, aí depois... não fui incentivada para estudar... mas, eu digo, eu paro e fico aqui só pensando, pô eu daria uma grande psicóloga, eu daria uma grande repórter, eu daria uma grande uma mulher... eu adoro política... porque foi que eu não corri atrás? Por que foi que eu não lutei? Por que eu parei? Por que eu estacionei? Por que foi que eu desisti de mim mesma? Fico olhando assim pra mim, sabe, que eu reconheço meu potencial. Não é querendo ser auto-suficiente não, mas eu cheguei aqui com o primeiro grau incompleto, concluí o primeiro grau já, eu tô concluindo o segundo, certo? E vejo assim, por que que eu desisti de mim, meu Deus? Ainda bem que o Senhor me pôs aqui, para eu acordar, né? E ver isso aos quarenta e sete anos... não sei se foi bom ou se foi ruim, mas... apesar de que em relação a vocês assim, mais jovem, eu corro contra o tempo, né? Hehehe, mas isso não que dizer nada, não, que eu vejo aí pessoas que... reativar seus sonhos aos sessenta anos, né?

Em relação a independência ou dependência, como se sente?

Independência financeira, eu hoje eu me sinto bem melhor, porque hoje eu sei viver com bem menos, aqui... nós temos uma ajuda de custo que o governo nos dá para diminuir a pena, nossa, a gente trabalha na concessão, a gente ganha mais um pouco da metade de um salário mínimo, e ainda temos redução de pena... aqui que a gente não tem custo, se torna, mais que a metade, não tem custo, a não ser conosco mesmo, e em relação a esta parte financeira, eu me acho hoje bem mais resolvida, apesar que eu acho o recurso ser muito pouco, mas ele se tornou grande, em relação... aqui eu vivo com o meu recurso, eu não incomodo a minha família.

Em relação aos relacionamentos afetivos?

Hoje eu sou uma pessoa muito assim, carente de afeto, de amor, então assim, meus pais foram ótimos pais, agora, na área de amor, na área de carinho, eles falharam... também eles não receberam... eu não sei se foi uma falha, você não pode dar o que não recebe, não é isso? Então nesse aspecto eu sou muito carente, até porque minha família não aceitou muito assim, minha família é uma família assim, divididas... entre classe média, é... classe num nível melhor, então ninguém aceitou, pessoas bem estruturada, bem alicerçada, de outros tempos onde não existia droga, não existia essa violência que tem hoje, aí ninguém aceitou. Completo, ninguém aceitou. Inclusive meus filhos, é... eles vêm aqui, pouco, né? A minha filha, ela vem aqui, mas ela não gosta, ela me pede pra não vim dia de domingo, e eu não faço... eu coopero com ela, certo? O menino também... todos me puniram, de uma maneira muito dura, pelo que eu fiz... porque... dentro deles eles acharam que não mereciam passar por isso, por essa decepção, e eu também não merecia... ter feito isso, comigo mesmo, nem ter feito o que fiz com eles, o transtorno que causei a vida deles, indireta ou diretamente... aí hoje eu me sinto assim... essa carência afetiva eu ainda tenho, certo? Não consigo controlar ela ainda, não consigo superar, choro com saudade, da casa, dos filhos, da vida que eu levava, choro com saudade de um companheiro ainda, esse tipo de afetividade que faz muita falta.

Qual é a sua opinião em relação aos outros?

Bom, aqui dentro é um emaranhado de... eu convivía com pessoas de bem, com pessoas ótimas, pessoas das quais tiveram o mesmo alicerce que eu tive, a mesma educação que eu, e aqui dentro você convive com pessoas, que faz aquela reviravolta e você pensa, meu Deus, com que pessoas eu vou ter que conviver? Eu só posso estar num hospital psiquiátrico, só pode ser... aí isso é uma coisa que... choca você bastante, é uma coisa que... pessoas sem um mínimo do que um ser humano precisa ter pra passar para o outro, coisas que você aprende em casa, com sua mãe, com seu pai, com seus filhos, certo? É... boa noite, com licença, como vai, como tem passado, você passar pelo outro que tá com a perna, você pedir licença, ou então esperar que a pessoa tire a perna pra você passar, certo? Ter que conviver com pessoas que, dizendo palavrões, coisas que eu não convivi, ter conviver com pessoas que não tem maneira de se vestir, mulheres com uma idade que há muito tempo deveria ter aprendido a se trajar, tá entendendo? Então a convivência é horrível, infelizmente, é de você que tem uma certa formação ter que ir pro mundo deles, não fazer o que eles faz, mas pelo menos entender porque eles fazem isso, não é fácil, é difícil... todos os dias, e olhe que eu já tenho quase quatro anos, é muito difícil. São pessoas que parecem que viveram na idade da pedra... eu acho que quem viveu na idade da pedra tem muito mais a oferecer a nós do que... se a senhora for conviver... parece um bicho, se alimentando, coisas que você adquiriu em casa, não é a escola que dá isso não, você é obrigado a conviver com isso, isso aí, não é desprezando não mas isso é ferir minha... conviver com pessoas que não tem regras, não sabe se comportar, não sabe se trajar, nada, não tem um mínimo de nada... você não captou nada, eu sou filha de uma analfabeta, minha mãe não tinha leitura, não sabia ler e escrever, mas hoje a mulher que eu sou, foi a minha mãe que fez.

Em relação a opinião que você acha que os outros têm sobre você?

Eu acho que, pra minha família, o que eu penso, não sei se é o que eles pensam, eu acho que eles viram que transformações grandiosas na minha vida, quando eles vêm aqui participam, inclusive agora em novembro eu fiz cinqüenta anos e foram na igreja lá, eu pedi, eles vieram e alguns dirigentes daqui foram... eu creio que eles viram que esta transformação aconteceu na minha vida, e aqui dentro, todos percebem a mulher que eu sou, todos percebem, não é que eu me diferencie de nenhuma presa não, é que as pessoas verem a maneira da qual eu me comporto, a maneira da qual eu me dirijo às pessoas, a maneira da qual meu comportamento, então eu penso que as pessoas me verem, como uma pessoa, não diferenciada, mas sim como uma outra pessoa, que teve uma outra educação, teve outros modos, teve uma outra maneira de ver a vida, certo? Tenho certeza de que algumas pessoas tenham a total certeza de que eu não venha mais a cometer nenhum delito, o delito do qual eu cometi, algumas ainda fica assim, meia, será? Mas eu tenho certeza de que a maior parte tem a total certeza de que eu não vou mais, apesar de que pra mim, o mais importante é, primeiramente Deus, e eu ter essa certeza, de que eu não vou cometer mais esse delito, entende? Eu sei que é muito importante a senhora confiar em mim, mas primeiro, pra senhora confiar em mim, eu tenho que ter a certeza, dentro de mim, que eu não vou mais cometer esse delito, não é isso? Agora, eu sei que eu preciso da sua ajuda, pra, acreditar, ver que eu não vou cometer mais, que isso vai ajudar a me dar forças... essa é minha trajetória de vida aqui.

E 2 – Reeducanda C. S. M., 41 anos, reclusa há 1 ano e 3 meses, sem sentença.

Pesquisadora: Por favor, diga cinco frases que representem, ou signifiquem, como você se vê e se sente, atualmente.

É porque a pergunta, ela tem muitos significado, né? Uma hora a gente se sente bem, se sente mal, eu creio que a maior parte das mulheres não consegue dar, essa resposta não. Porque aqui, a metade da vida da gente perde o significado, e é assim que eu penso... não tem o que responder, não, porque não tem significado, tanto faz a gente tá bem como tá triste, quando a gente tá no trabalho, está uma conversando com outra, tá bom, mas quando a gente para pra pensar, não fica nada bom, hehe. Enquanto a gente tá na atividade de trabalho, que eu sempre trabalhei na unidade, mas aí quando a gente chega a noite, aí a gente fica meio perturbado, né, que fica pensando em família lá fora, filho, aí, aí, lá vem o sofrimento, né? Mas durante o dia, o dia toma conta da gente, principalmente as que trabalham, né?

Em relação a este mesmo sentimento em relação a você, agora vou perguntar sobre pontos mais diretos. Em relação a sua aparência, por exemplo, como se vê e se sente?

Eu não me sinto bem, não, eu não acho que melhora não, porque eu acho que a parte da tristeza não deixa nem a gente perceber o visual, então, eu não vejo bem meu visual aqui dentro, não. Quer dizer, não abro, não me enxergo, porque não tenho condições, a partir do momento em que a gente está no isolamento, não... eu não penso no visual, não, eu não sei ser, eu não sei explicar, se ele tá bom, se ele melhorou, né? Porque aqui tudo, tudo, se torna um sofrimento, a partir do momento que a gente se encontra isolada, nada, nada de alegria, pra mim, não existe, dentro de mim não tem não, não vou dizer...

Em relação ao seu organismo, seu corpo?

Não, tá supernormal, ele. Porque também a atividade que eu uso na Unidade melhorou, né? Bem melhor, porque eu me movimento muito, eu já trabalhei em várias atividades, trabalhei na confecções, que era meu ramo na rua, é, agora, trabalho na permanência, é... trabalhando com protocolo, na quarta-feira é... o trabalho é mais pesado porque a gente entrega várias sacola a cada cela, e se torna bem melhor... principalmente eu, que tenho problema de cansaço, asma, aí meu pulmão precisa de... trabalhar, então eu me sinto bem melhor.

Em relação a ter, comprar algum objeto?

Não, a gente não tem esse poder, assim, de adquirir o que a gente quer, até porque determinada coisas são proibido, né? Então aí a gente tem não, poder nenhum a gente tem não, até porque aqui a gente vive sob regras, né?

Em relação a relacionamentos?

É, eu mesmo não tenho nenhum pobrema, não, graças a Deus eu me relaciono bem com todo mundo, eu me dou bem com todo mundo, até porque meu jeito é esse calmo mesmo, você procura entender que cada um chega a aqui com seus pobrema, então, graças a Deus eu não tenho nenhum pobrema não e me relaciono muito bem com todas elas.

Em relação a seus sonhos pra futuro?

É o mais que a gente pensa depois que a gente tá aqui né? Vai ver que lá fora a gente não pensa tanto quando se encontra num lugar né, que nem esse, né? Aqui parece que faz a gente pensar melhor, né, no futuro, aí eu penso em ir embora cuidar da minha filhas. Sonho, em tá mais perto de filho meu, cuidar mais, dar uma vida, morar num lugar calmo até porque meu jeito é esse mesmo, não gosto de festa, de dança, de lugar agitado, eu nunca gostei não.

Em relação a seus sentimentos?

O sentimento fica muito abalado, né? A gente tem um determinado sentimento, assim de tranca... tudo pra gente se torna trancado, principalmente comigo, eu não posso nem falar pelas outras, mas muitas assim, que eu falo eu também sinto que, a maior parte, sente a mesma coisa, né? Os sentimentos da gente são, assim, como se tivesse broqueado, como se tivesse guardado pra gente mesmo... a gente não pode exprimir, porque não tem a quem, não tem como, então a gente fica com ele sufocado mesmo, a gente não tem como exprimir um sentimento, né? A saudade também corrói a gente.

Em relação a suas qualidades e seus defeitos?

As minha qualidade... eu acho que não muda não, cada um tem lá as suas qualidade diferente, né? Eu tenho a minha, a senhora tem a da senhora, né? Fica até meia assim, de especificar... aí defeito é esse negócio de não conversar, não gosto de festa, não gosto de me aproximar de muita gente, entendeu? Gosto de sempre tá na minha atividade, pronto.

Em relação a independência ou dependência, como se sente?

A gente se sente dependente, e muito, né? Porque a gente não pode ter vida independente, dentro da Unidade, ao contrário, a gente se sente mais pendente mesmo, muito, hehe.

Qual é a sua opinião em relação aos outros?

É porque aqui é muito variado, os comportamento, né? A gente observa os comportamento de cada um, né? Tem senhora de idade que se comporta de um jeito, tem a gente, que já trabalha, que se comporta de outro jeito... têm aquelas outras pessoas, que são mais assim, aqui a turma chama muito de maloqueira, né? As menina, assim, então cada uma tem lá seus comportamento que a gente fica observando... apesar que pra mim, nenhum deles serve não, eu... fico mais com o meu mesmo...

Em relação a opinião que você acha que os outros têm sobre você?

Bem, até agora aqui, eu procuro ver assim, que as outras pessoas, sou muito citada... na minha cela eu moro com dezenove mulheres, e assim, se ocorrer algum problema, elas dizem assim, "chama C.", aí eu vou lá, converso com elas, se tem alguma coisa pra gente melhorar a cela, "chama C.", então, pra mim eu acho que eu passo uma determinada confiança, pra minha cela, que é o lugar onde eu convivo, com as dezenove mulheres, né? As vezes chega a ser vinte comigo, e depois fica naquela base de dezenove, então pra mim eu acho que elas sentem, uma determinada confiança. Até aqui ninguém, ninguém fez um comentário que machucasse, que magoasse, até porque eu não tenho que fazer de jeito nenhum pra elas, né? Porque aqui a gente tenta, né? Principalmente na minha cela, porque aqui é muito grande então eu falo da minha cela, e graças a Deus lá nós nunca tivemos nenhum problema não, a gente sempre procura uma à outra, a gente conversa, explica, então? Então pra mim eu creio que passa, né, uma segurança, uma pra outra, lá dentro, né?

Obs: com o término da entrevista, a reeducanda voltou a falar sobre sofrimento, e dentre as frases seu depoimento que não foi áudio-gravado, relata: "aqui, a vida da gente é roubada".

E 3 – Reeducanda E. L. L., 31 anos, reclusa há 1 ano e 3 meses, ainda sem sentença.

Pesquisadora: Por favor, diga cinco frases que representem, ou signifiquem, como você se vê e se sente, atualmente.

Humilhada... desprezada... sei lá... num sei nem falar mais, aqui a pessoa é muito privada, desprezada por as família, que minha família não é daqui... não tem nem cinco, só tem essas duas mesmo, muito humilhada e desprezada, nesse lugar.

Em relação a este mesmo sentimento em relação a você, agora vou perguntar sobre pontos mais diretos. Em relação a sua aparência, seu visual, por exemplo, como se vê e se sente?

Normal.

Em relação ao seu organismo, seu corpo?

Bem.

Em relação a ter, comprar algum objeto?

Nenhum, até agora, nada, porque o que eu quero eu tenho na rua, tá entendendo? Tenho em casa, agora eu tenho nada, eu tô... eu trabalho aqui e tô me mantendo com uma prima minha que me ajuda.

Em relação a relacionamentos?

Nenhum, nenhum, assim, meu relacionamento é esse que eu me relacionei e tô aqui hoje.

Em relação a seus sonhos pra futuro?

Pra futuro é reconstruir tudo o que eu perdi, né? Novamente... minha casa, que eu tinha, e na minha vida, trabalhar.

Em relação a seus sentimentos?

Tem nada, assim, do meu sentimento não.

Em relação a suas qualidades e seus defeitos?

Qualidade... o defeito é me juntar com quem não devia, e minha qualidades é que eu não sou uma pessoa... eu sou uma pessoa normal, trabalhadora, de minha casa, não devia nada... hoje eu me dou bem com todo mundo, eu faço de conta que eu tô morando aqui mesmo, e eu faço de tudo pra ficar melhor.

Em relação a outras pessoas, como se sente?

Normal, quando eu cheguei eu era mais tímida, hoje eu me relaciono melhor com as pessoas, depois que eu entrei aqui, aqui é difícil a convivência, mas tem que tentar conviver, né? Que é todo mundo junto. Aí é melhor, melhorou a convivência, eu melhorei, né? Que eu não sou de me dar com ninguém, mas... eu tenho que fazer o possível e o impossível pra... fazer amizades, porque aqui eu não conheço ninguém, nem ninguém me conhece. Eu conheço muita gente e depois que eu estou trabalhando aqui eu estou me relacionando melhor ainda.

Em relação a suas habilidades, suas competências, o que você tem de melhor?

Há... eu aprendi muita coisa aqui, durante esse ano... eu não sabia fazer... eu sei fazer macramé, que eu aprendi, tenho certificado, crochet, eu tenho o certificado... aprendi, biscuit, aprendi essas três coisas aqui.

Em relação a independência ou dependência, como se sente?

Dependente de mim, né? Eu me sinto... dependente de mim mesma, independente, dependente de mim mesma, porque eu me viro pra tudo pra mim, hoje, aqui dentro mesmo, que eu faço minhas coisas, antes de eu trabalhar, eu vivia me virando pelo corredor, vendendo minhas coisas que eu aprendi aqui pra ganhar um trocadinho legal... lá fora eu tinha um bar.

Qual é a sua opinião em relação aos outros?

Não tem nem como falar... que é tanta coisa diferente... a respeito de cada uma que se for olhar fica com medo... eu mesmo eu fico com medo às vezes de... olhar as pessoas aqui dentro, que eu... não sei ser do jeito que elas é... eu nunca pensei cair nesse lugar... pra tá passando o que eu já to passando e me acostumando, que tem que se habituar ao lugar, né? Aí dá pra ir levando... mas muito medo... eu tenho medo.

Em relação a opinião que você acha que os outros têm sobre você?

Eu não sei o que é que os outros vão pensar, porque eu nunca... isso aconteceu comigo foi num... um negócio passageiro, que eu conheci esse rapaz que eu acho que gostando dele ele me chamou pra viajar, e eu caí nessa, aí eu não sei o que os outros vão se sentir, falar, pensar de mim, eu não sei, porque o pessoal aonde eu moro nem sabe do envolvimento porque eu nunca me envolvi com isso, eu nunca me envolvi com droga pra ter caído nesse artigo, minha vida era trabalhando, que eu tinha meu bar, aí eu trabalhava de domingo a domingo.

E antes de cair aqui?

Muito boa a meu respeito, todo mundo gostava de mim, e hoje eu não sei mais, porque faz um ano e três meses que eu tô aqui, minha prima até comenta que “tu vai... pra cadeia, deixar de estar se divertindo pra enfrentar fila, humilhação”, que é humilhação... pra família da gente que vem, passa humilhação terrível aí na frente, mas ela vai fazer o quê? Que eu só tenho ela mesmo... eu tenho uma filha e tenho

um neto, mas eles, mora longe. Aí não vêm, mora aqui no estado do Recife, mas pra ela vim, na idade dela, se torna longe, chegar até aqui, que ela mora em Feira Nova... aí ela acha um transtorno pra poder chegar aqui, ela só veio só três vezes, depois que eu tô aqui presa.

E em relação às pessoas aqui dentro?

Não tenho nem idéia, se falarem de mim, de ruim não é, porque eu não falo com quase ninguém, assim, pra ter intimidade, pra tá sentada, conversando, eu não sou de tá em turminha conversando, aí eu não sei o que elas pensam de mim, sei responder essa não.

E 4 – Reeducação R. K. S. S., 27 anos, reclusa há 1 ano e 7 meses, sem sentença

Pesquisadora: Por favor, diga cinco frases que representem, ou signifiquem, como você se vê e se sente, atualmente.

É... eu não sei nem como explicar... é que pra mim, é uma sensação horrível, pra mim, estar nessa Unidade, entendeu? Mas, assim, apesar dos apesares, por causa que... eu não sei nem como explicar, que eu tô tão assim, nervosa... assim, pra mim é ruim, uai, pra quem não é ruim, ficar numa situação dessa, presa... longe da família, eu tenho um filho de oito anos, é... vai fazer quase dois anos que eu não convivo com ele... ele passou um ano convivendo com o pai, agora há pouco voltou para a casa da minha mãe, e assim... pra mim é difícil, porque cada vez que ele vem aqui ele me pergunta “tu vai embora quando? eu tenho muita saudade da senhora, a senhora faz muita falta. Me diz o que é que eu faço, pra senhora ir embora”, então pra mim eu fico de coração partido, já muitas vezes eu peço a minha mãe pra não trazer ele, apesar da saudade dá, né, eu acho que aqui não é lugar apropriado para criança.

Em relação a este mesmo sentimento em relação a você, agora vou perguntar sobre pontos mais diretos. Em relação a sua aparência, por exemplo, como se vê e se sente?

Normal, é.

Em relação ao seu organismo, seu corpo?

Cansada, muito cansada... eu trabalho na enfermagem, é muito cansativo, porque... um exemplo... eu pra cuidar de seissentas e poucas mulheres... hoje é meu prantão, aí eu vou pra cela, às vezes de madrugada, sempre alguma passa mal, aí eu venho aqui socorrer, o que eu posso fazer pra ajudar aqui, eu faço, mas quando eu vejo que o caso é mais grave eu encaminho pra rua.

Em relação a ter, comprar algum objeto?

Horrível, que depende dos outro, depende de família, depende de um amigo, pra pedir pra comprar lá fora, porque aqui é tudo mais difícil, nem tudo o que você quer você consegue comprar, é, assim, é poucas coisa que você... você gosta de muitas coisa, mas você só pode comprar umas coisa, porque é proibido entrar, muitas coisas aqui pra dentro, como um radinho, pra escutar, não pode, pode não... eu gosto muito de música, pelo menos assim, de noite, botar um fone no ouvido, e dormir escutando uma música, não pode...

Em relação a relacionamentos?

Assim, é mais complicado, porque meu marido também tá preso, aí eu ia pra pernoite, só que venceu. Hoje mesmo tá tendo uma pernoite, e eu estou aqui, e ele está lá, só Deus sabe o que tá fazendo, lá dentro, porque nós mulher, somos muito segura, especialmente quando a gente está presa, porque, como eu falo pra ele, eu tô presa, e você tá preso... você tem facilidade de arrumar uma pessoa de fora, que

possa lhe visitar, ao contrário de mim, e outra coisa, eu não posso estar aqui, como se por acaso outra coisa, como se ele não tivesse preso ele ia vir aqui sempre, e aqui eu dependo muito da justiça, dependo muito de uma autorização... pra poder ver ele, e pronto, agora... eu tô correndo atrás pra ver se renova esse encontro.

Em relação a seus sonhos pra futuro?

Muito difícil, até porque antigamente, quando eu tava na rua, eu tava estudando, é... terminando meus estudo pra me formar, assim, eu tenho, eu sempre tive vontade de ser enfermeira, aí, é... caí nessa situação... só que as pessoas aqui onde eu trabalho, me ajudam muito... e fala pra mim, quando eu sair, eu correr atrás, não desistir... posso embora hoje, ou passar dois, três anos, seja o tempo que for... me ajuda muito... que não desista dos meus sonhos, que quando eu sair eu não saia de cabeça baixa, cabeça erguida, isso é uma fatalidade que aconteceu comigo, e pode acontecer com qualquer pessoa, eles sempre me colocam lá em cima, quando vêm que eu tô de baixo astral.

Em relação a seus sentimentos?

Hehehe, triste, hehehehe... triste, por isso tudo, tá presa, tá longe de minha família, longe do meu filho, e, assim, no crescimento do meu filho, não podendo tá presente né, na educação dele... é muito difícil pra mim.

Em relação a suas qualidades e seus defeitos?

Assim, hehe, minhas qualidades, que eu acho, o que eu posso fazer pra ajudar as pessoas eu faço, não nego, faço de boa vontade, faço, assim, como é que eu posso explicar? De coração mesmo, entendeu? E meus defeito, é que às vezes, é... tem pessoas que fica... muitas vezes enchendo o saco... aí tem horas que a pessoa perde a paciência, entendeu? E aqui... não tem como você, por exemplo, só pensar assim, ajudar, você ajuda, tudo bem, mas em compensação... tem hora que você se estressa com tudo... cansa, você cansa em tá aqui nesse lugar... você olha pra um lado, é grade, olha pro outro, é grade, todo dia, a mesma coisa, não poder ver a rua... saber que tem um mundão lá fora, mas você não pode, nem chegar lá.

Em relação a outras pessoas, como se sente?

Eu... tem hora que eu me sinto lá embaixo... porque às vezes, assim, nem todo mundo, mas têm pessoas que às vezes tem preconceito, chega, que é de fora, que vê, tem preconceito, é presa, e... têm pessoas que trata a gente superbem, entendeu? Agente nem parece ser presa, já levanta nosso astral, mas têm pessoas que, consegue colocar a gente bem lá embaixo mesmo.

Em relação a suas habilidades, suas competências, o que você tem de melhor?

Veja, antigamente eu tinha vontade, em continuar meus estudo pra ser enfermeira, só que eu tinha medo... se sangue, quando eu via sangue eu ficava passando mal. Hoje em dia, é tranquilo, vejo... se eu puder fazer, limpo... tem coisa que se eu passasse o algodão eu caía dura, do outro lado, morrendo de medo... meu pai, ele é médico, a família de meu pai é tudo... de medicina, ele sempre me apoiou, só que eu

tinha medo, assim, eu passava mal, mas aqui... aqui me ensinou muita coisa... a superar muita coisa, aqui... você supera todo tipo de obstáculo, aprende.

Em relação a independência ou dependência, como se sente?

Dependente dos outro, mesmo eu trabalhando... porque, um exemplo... o que eu preciso, pra comprar, pra qualquer coisa, eu dependo dos outro lá fora, porque eu não vou poder comprar, eu não vou poder sair, eu não vou poder fazer o que eu queria, então eu dependo das pessoas.

Qual é a sua opinião em relação aos outros?

Normal.

Em relação a opinião que você acha que os outros têm sobre você?

Eu vejo assim, é muito diferente... eu me sinto, assim, como se... como se eu fosse assim, uma pessoa que tivesse num lugar desse, é... pagando por um erro, e... assim, eu acho que todo mundo me aponta porque eu tô nessa situação, presa... aí às vezes eu... recuo, fico acanhada, fico com medo de alguém falar alguma coisa e terminar me machucando, por isso, eu acho, isso... sem conhecer a pessoa... eu me sinto mal, é muito ruim a pessoa sendo julgada, porque mesmo que não fale, no ato, no olhar, muitas vezes demonstra muita coisa, aí... quando eu vejo isso eu tento me afastar, me sair, mas eu me sinto mal.

E 5 – Reeducanda M. de F. B., 23 anos, reclusa há 1 ano e 11 meses, ainda sem sentença.

O objetivo é não cair aqui dentro. Depois que cair aqui dentro a vergonha fica naquele portão ali, olha... porque a gente aqui, a gente... tá aqui para a gente aprender a viver um pouco. Eu entrei aqui nessa opção, pra aprender a viver. E graças a Deus, eu digo a senhora que graças a Deus, eu já tenho meu emprego aqui dentro, estudo aqui dentro, passo a maioria do meu tempo, ocupando minha cabeça para não pensar... nada de errado, pra não ficar pensando. Eu ocupo mais minha cabeça trabalhando, estudando, do que pensando, pensar de vez em quando, porque a gente pensa mesmo... tem hora que a cadeia cai, cai a ficha que a gente tá na cadeia, aí pesa um pouquinho porque lembra de mãe, lembra de irmão, lembra de pai, aí pesa um pouquinho, mas depois passa, uma amiga chega, conversa com você, uma hora você tá rindo, outra hora tá chorando, aí um chega e abraça, dá uma palavra de conforto, a outra diz, calma, você vai sair, a outra diz, não eu quero mudar um pouquinho de cadeia, aí assim... to aqui, graças a Deus, tenho muita fé em Deus, e se Deus quiser eu volto pra casa. Eu confio em Deus, que a lição eu aprendi direitinho. Foi a primeira vez, nunca fiz nada de errado, nunca pensei em fazer nada de errado... eu era tão certinha, eu era tão certa que, assim... que aconteceu esse fato, aí eu mesma, assim... todo mundo ao meu redor, que me conhecia desde pequenininha, perguntou: “por que com ela? Que era uma menina tão certa, fazia as coisas tão certa, e por que ela naquele lugar?”. Eu acho que assim... não foi o fato, de ter acontecido... hoje eu pra acordar pra vida, acordar para a realidade de que eu tava vivendo uma vida que eu não tava vivendo, eu tava vegetando na rua, entendeu? Queria fazer o que eu queria, entendeu? Queria... mainha, minha mãe falava, porque eu não fui criada com pai, fui criada só com mãe, depois que meu padrasto faleceu, eu fui criada com padrasto. Aí, enquanto ele tava vivo eu tava ali... firme, com ele, quando ele dava uma palavra pra mim eu seguia, os conselhos dele... mais depois que ele faleceu, minha cabeça virou. Minha cabeça virou, que eu só queria saber de amigo, só queria saber de cachaça... drogas, graças a Deus eu nem... eu vim conhecer droga aqui dentro. Mas, droga, graças a Deus, não tenho vício nenhum, nem de cigarro eu tenho vício.

Pesquisadora: Por favor, diga cinco frases que representem, ou signifiquem, como você se vê e se sente, atualmente.

Apesar, dos apesares que eu to aqui dentro, eu me sinto bem... apesar que eu tô pre... assim, a gente tá presa, e não me sinto mal aqui dentro. Porque eu tenho gente ao meu redor que realmente, que gosta de mim, que realmente me apóia, a doutora Alana, sempre me apoiou, desde que eu comecei trabalhar com ela, que ela sempre tá ali comigo, é uma pessoa assim, que ela, que sempre me dá força, entendeu? As minhas amigas, também, companheira de cela, que sempre me dá conselho, sempre tá ao meu lado, graças a Deus assim, aqui dentro, professor, diretor de escola... todo mundo gosta de mim, graças a Deus, aqui dentro eu nunca tive uma inimizade assim, hoje, F. não se envolveu com gente errada aqui dentro, pra tá fazendo um monte de coisa errada. Assim, errar é humano... eu acho que errei, um dia, e tô pagando pelos meus erros hoje, mas... hoje eu não faço nada errado, e hoje eu tenho a minha cabeça no lugar, hoje eu criei juízo, hoje se eu for pra rua, voltar pra rua amanhã, eu vou tranqüila, vou com a minha consciência limpa

que eu fiz algo aqui dentro. Eu... lutei pra sair uma pessoa diferente aqui dentro, com mais juízo, aqui dentro eu aprendi a crescer, aprendi a ser uma adulta, que eu era criança na rua e aprendi a ser adulta aqui dentro, nessa cadeia, hoje eu tenho mais cabeça, hoje eu penso antes de fazer, antes de falar, eu penso as coisa, antes não, eu fazia o que queria, falava o que queria, hoje não. Vou pensar pra poder agir.

Em relação a este mesmo sentimento em relação a você, agora vou perguntar sobre pontos mais diretos. Em relação a sua aparência, por exemplo, como se vê e se sente?

Eu mudei, depois que eu cheguei aqui eu mudei. O meu rosto assim, né? Cresceu mais um pouco, eu aprendi a me valorizar mais um pouco, a me arrumar mais, aqui, né apesar que eu tô na cadeia que eu não vou me... dar o desprezo, não, aprendi a me arrumar mais, toda semana eu tô no salão, tô fazendo unha, tô fazendo meu cabelo, sempre tô querendo renovar alguma coisa... sempre tô de maquiagem, eu trabalho aqui na frente, sempre tô de maquiagem, o povo faz: “mulher tu tá na cadeia, se arrumando pra quê?” eu me arrumo pra me sentir bonita, não é porque eu tô na cadeia que vou me entregar ao desprezo, não fazer cabelo, não fazer unha... que eu tô presa, mas não tô morta, né isso? Eu creio que... eu me sinto bem aqui, minha auto-estima tá lá em cima.

Em relação ao seu organismo, seu corpo?

Eu gosto. Eu gostei porque eu engordei mais um pouquinho, eu me sinto mais... eu me acho bonita, mais bonita do que antes, eu me acho... meu corpo ficou mais bonito, minha pele ficou mais limpa, eu creio que eu acho que eu fiquei mais bonita aqui dentro.

Em relação a ter, comprar algum objeto?

Hoje tá melhor. Hoje tá melhor porque eu tenho meu trabalho, tenho minhas coisas, roupa a gente compra aqui dentro mesmo, que tem uma Agente que vende roupa, a gente compra a ela... o que eu quero comprar hoje eu tenho, então se eu quero comprar uma coisa pra mim lanchar... compro meu lanche, que eu quero comprar, eu compro mesmo, minha roupa, eu compro, minhas bijuterias, eu compro, aqui, até a gente tá preso, mas, se tiver condição financeira, tem como comprar, tem como, investir aqui dentro.

Em relação a relacionamentos?

É difícil. Relacionamento aqui é difícil. Apesar que eu tenho aqui minha relação hoje, assim, eu tenho, eu convivo com um homem hoje, assim, ele é muito bem pra mim, uma boa pessoa na minha vida, eu agradeço a Deus que colocou ele na minha vida. Que eu conheci ele aqui dentro, né? E tá dando tudo certo. Ele trabalha na Unidade. Ele veio trabalhar na Unidade e eu conheci ele aqui dentro, da Unidade, trabalhando. E a gente tá hoje, vai fazer quatro meses, que a gente tá junto, e graças a Deus, tá superbem. É difícil, que gente quer conviver... a gente quer conviver mais, a gente quer viver mais a gente quer acordar ao lado, mas não pode, a gente tem que saber, a gente tem tempo, e não pode, mas um dia vai acontecer, a

gente vai morar junto, a gente, tira isso de letra, isso é o de menos, mas a relação aqui é boa, também, tem como levar.

Em relação a seus sonhos pra futuro?

Ah, meu desejo é... estudar... sempre quis estudar, apesar que eu sou cabeça dura pra tá estudando... tem hora que eu falto muito, mas eu quero estudar, eu quero um futuro melhor, eu quero olhar pra trás... e ver alguma coisa que útil que eu fiz pra minha vida. Eu quero estudar, quero cursar uma faculdade, ou pra professor, médico, alguma coisa pra formar... eu quero... o meu sonho é ser professora, e acho que um dia eu vou chegar lá.

Em relação a seus sentimentos?

Aí bateu forte né? Hehehe. Meus sentimentos... como é que eu posso dizer? Bom, um sentimento assim que muita gente... o único sentimento de gente aqui é ir pra rua, a gente... dorme pensando em ir pra rua, acorda pensando em ir pra rua, veve pensando em ir pra rua... mas meu sentimento é bom, meu sentimento de fazer coisas boas... apesar do que aconteceu comigo, foi uma fatalidade, assim, né? Me envolvera, e eu tô pagando por meu sentimento não é de culpa, não é um sentimento de mágoa, eu não guardo mágoa dentro do meu coração... assim, o que eu puder fazer de bom... pra oferecer, eu ofereço só coisas boas. Sentimento ruim, essas coisas negativas pra mim não.

Em relação a suas qualidades e seus defeitos?

Defeitos a gente tem muito, né? Qualidades... é poucas... mas minha qualidade são, assim, eu sou uma pessoa boa, eu gosto de fazer amizade com todo mundo, o meu defeito é, confiar demais em todo mundo, o meu defeito é esse, confiar demais em todo mundo. Minhas qualidades é fazer amizade com todo mundo, saber conversar com todo mundo, não ser uma pessoa ignorante, não ser uma pessoa chata, não ser uma pessoa antipática, sou uma pessoa que se eu puder... lhe ajudar na parte de conforto eu vou lhe dar, ajudo todo mundo, se eu puder ajudar, chega uma do meu lado, chorando por alguma coisa, eu vou lá, perguntar o que tá acontecendo, vou lá tentar ajudar, embora que eu ajudo aquela pessoa hoje e aquela pessoa quer me derrubar amanhã, mas eu não quero saber o que vai acontecer comigo, eu quero saber que eu tô ajudando, eu tô oferecendo algo de bom pra ela.

Em relação a outras pessoas, como se sente?

Eu me sinto uma pessoa diferente... porque aqui tem muita gente assim, muita gente, arrogante, muita gente que pensa só em si... eu não penso só em mim, eu penso no próximo, que tá ao meu redor, eu penso nos outros, entendeu? Se houver alguém passando fome, eu vou lá dar uma ajuda, e os outros não faz isso comigo. Se uma pessoa tiver precisando de mim, eu vou lá, converso, eu tento ajudar, e o povo não vê, não faz isso comigo, entendeu? Eu vejo que, eu acho que eu sou diferente dos outros. Por algum motivo, não sei esse, aqui dentro, eu não me junto com muita gente... é pouca gente que eu me dou bem... porque tem muita gente errada, errada mesmo, da pesada mesmo, que eu não quero me envolver. Eu não quero sair daqui, ter alguém lá fora que queira... me matar, que teja sendo

perseguida... e aqui se eu for lidar com esse povo, eu sei que eu vou ser, um dia eu sei que vou ser perseguida.

Em relação a suas habilidades, suas competências, o que você tem de melhor?

Eu acho que... o estudo pra mim, o estudo aqui dentro tá me desenvolvendo muito, porque eu aprendi, incrível que pareça eu aprendi a ler um pouco aqui dentro. E escrever aqui dentro... assim a professora disse assim, ó, F., você desenvolveu alguma coisa aqui dentro... e eu acho que foi os estudo. Os estudo e hoje eu passei a ser a secretária da doutora Alana, né? Não é fácil ser a secretária, hoje em dia, de uma che... de uma encarregada de um presídio, né, de uma diretora de um presídio, não é fácil. Aí eu me esforcei, consegui aprender ler, consegui aprender escrever, e hoje eu tô no cargo de secretária da diretora do presídio... eu considero isso uma vitória, pra mim, aqui dentro, foi uma vitória muito grande, graças a Deus.

Em relação a independência ou dependência, como se sente?

Aqui dentro eu sou independente. Pra tudo... sempre fui independente. Sempre, sempre, assim, nunca dependi de pai, nunca dependi de mãe, desde os meus quinze anos comecei a trabalhar, se queria uma roupa eu comecei a trabalhar, eu comecei a me esforçar... nunca dependi de ninguém, e apesar, aqui dentro, eu passei um ano, e oito meses sem visita de ninguém, num tinha ajuda de ninguém, chegasse assim, F. essa caneta, eu tô te dando pra te ajudar... não tinha. Através do meu esforço, do meu trabalho, do meu suor, que eu tenho as minhas coisas. Comprava os meus lanches... comprava as minhas coisa todinha com meu suor, com dinheiro de firma, eu sempre trabalhei em firma, nunca fiquei parada. Saí de uma firma hoje, nunca saí em corte, fechava, saía. Trabalhei na Zummi, e fechou. Fiquei, um mês, questão de mês, parada, aí fui pra Granplast, aí fechou. Aí eu fui trabalhar no portão, depois de mensageira, passei dois meses e meio aí foi quando me escolheram pra ser a secretária da doutora, que tô até hoje. Há cinco meses, graças a Deus.

Qual é a sua opinião em relação aos outros?

Tenho dificuldade. Aqui dentro eu tenho dificuldade porque eu tenho medo. Eu tenho medo em relação, assim, ter conversas, de contar meus segredos, eu não consigo, sentar hoje e contar meu segredo, do dia, contar o que eu fiz, pra uma amiga, porque elas se dizem minha amiga aqui dentro, mas eu não sei se realmente elas são minha amiga, não sei se ela realmente guarda esse segredo, é difícil, aqui dentro, ter um relacionamento, ter um, confiar, confiança, porque a gente tá aqui dentro é tudo presa, né, assim como o povo diz. É difícil confiar, porque, tá confiando hoje, mas amanhã... aquela confiança que você deu hoje, amanhã ela pode lhe derrubar com aquela confiança que você deu. Aí eu tenho medo sempre disso. E aqui as pessoas têm um comportamento muito agressivo,

Em relação a opinião que você acha que os outros têm sobre você?

A família, graças a Deus, a minha família assim, hoje em dia, sofre menos. Porque elas viram que eu mudei. Minha mãe, meu pai, minhas irmã, viram que eu mudei. E mudei pra melhor, graças a Deus. Porque hoje, como eu disse, eu penso. Hoje, eu

penso, eu, tenho mentalidade de pensar e não de agir, e minha mãe disse, minha filha, graças a Deus, Deus tocou no seu coração e hoje você pensa. Tudo o que vinha na minha cabeça eu fazia. E hoje eu vou sair com esse objetivo. Amanhã, se eu receber meu alvará, eu vou sair com essa mesma cabeça que eu tenho hoje. De fazer um futuro, ter um futuro melhor, lá fora... é isso que eu penso.